territórios da identidade:

praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga
Quilombo Mesquita

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO E DIREITO À CIDADE
RESIDÊNCIA PROFISSIONAL EM ARQUITETURA, URBANISMO E ENGENHARIA

Trabalho de Conclusão

Territórios da identidade: Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga

Amanda Alves Sicca Lopes_Profissional Residente
Profª Drª Liza Maria Andrade_Tutora
Profª Drª Heliana Mettig_Co-Tutora

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Assistência Técnica. Habitação e Direito à Cidade, como requisito deconclusão do curso, para obtenção do título de especialista e implantação do projeto experimental de Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, com apoio da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

SALVADOR/BA
Dezembro de 2018

CRÉDITOS DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Autoria:
Amanda Alves Sicca Lopes - Profissional Residente
Profª Drª Liza Maria de Souza Andrade - Tutora
Profª Drª Heliana Faria Mettig Rocha - Co-Tutora

Colaboração:
Coletivo Kalunga
Lucas Emanuel Saraiva Parahyba
João Paulo Leite

Consultoria:

Apoio:

SESSÃO DE AVALIAÇÂO DO TRABALHO FINAL DE ASSISTENCIA TÉCNICA

Data: 11/11/2018

Local: Quilombo Mesquita

Residente: Amanda Alves Sicca Lopes

Título: Territórios da identidade: Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga

Membros da Banca:
Tutora: Profª Drª Liza Maria de Souza Andrade
Co-Tutora: Profª Drª Heliana Faria Mettig Rocha
Membro Interno: Prof Dr Carlos Alberto Andrade Bomfim
Membro Externo: Prof Dr Carlos Henrique Magalhães da Lima

Representantes da Comunidade:
Sandra Pereira Braga (CONAQ);
Wallison Braga Costa – Quilombo Mesquita;
Célia Pereira Braga – Quilombo Mesquita.

Representantes institucionais:
Professor Mestre Manoel Barbosa Neres (Centro de Convivência Negra – UnB).

agradecimentos

Esta deve ser a parte mais difícil do trabalho, não pela falta do que agradecer, mas pelo contrário, por ter tanto que agradecer, que, talvez, minhas palavras não serão suficientes e, com certeza, não farão jus ao sentimento que existe em mim.

Morri e renasci inúmeras vezes nesse processo e, ainda hoje, não consegui dar conta da grandeza das mudanças que este trabalho operou em mim. Sou profundamente grata por essa nova eu, que, apesar de ainda não se reconhecer completamente, sabe que não seria capaz de continuar de outra maneira.

Agradeço a Zambi. Por tudo. Por olhar para mim com tanto amor e ter me possibilitado vivenciar os desafios que hoje me fazem mais forte. Agradeço por todas as alegrias e dissabores do caminho que fazem dessa vida tão linda. Agradeço pela minha família, meu alicerce, escolha mais acertada que pude fazer nessa existência. Amo vocês imensamente.

Agradeço aos antepassados, que ainda presentes são a força e resistência do Mesquita. Agradeço por todo conhecimento, todo amor e toda a luz transmitida por seus antecedentes, por tudo que reverbera até hoje e que vem de tempos imemoriais. Agradeço e espero ter realizado um trabalho que os orgulhassem e que fosse capaz de transmitir sua história para as próximas gerações.

Agradeço profundamente à Sandra, que me ensinou o que é resistência, que é a força da mulher negra. Por me mostrar sua doçura e amor. Por ensinar que, independentemente de qualquer ameaça, nunca devemos recuar e sempre carregar quem somos com muito orgulho e fé. Gratidão, Sandra. Gratidão por ser um exemplo extraordinário de mulher e por ter me aceito como mais uma guerreira nessa batalha. Estamos juntas.

Gratidão ao Wallison. Por essa amizade que carrego agora para a vida. Sem você nada teria sido possível. Gratidão por me guiar nesse processo, por sempre estar junto me incentivando e me ajudando. Gratidão pelo seu jeito meigo que sempre traz leveza mesmo nos momentos mais difíceis. Gratidão pelas bruxarias, pelas conversas animadas e por ser uma fonte inesgotável de amor e carinho. Gratidão. Gratidão por lutar pelo Mesquita. Gratidão por ser a força desse povo que se renova no seu caminhar. Gratidão eterna, amigo.

Agradeço, também, ao Seu José Roberto por sempre me acolher de forma tão carinhosa. Por ter me ensinado tanto sobre sua terra, tanto sobre o poder

das plantas e sobre a sutileza da vida. Gratidão por toda sabedoria que o senhor transmite de forma tão simples e amorosa. Gratidão por sempre ser tão solícito e prestativo em tudo que precisamos. Gratidão pelo conhecimento passado e por todo amor compartilhado.

Gratidão ao Manoel por ser tão parceiro durante esse processo. Gratidão por lutar tanto pelo Mesquita, por amar tanto essa terra e por defendê-la como se fosse sua desde menino. Gratidão por toda paciência e presença. Nos momentos de maior desespero e descrença sobre o trabalho sempre pude contar contigo, esse processo não teria sido o mesmo sem sua dedicação, e agradeço profundamente por isso.

Agradeço à Célia por sempre ser tão amorosa e solícita. Por ter possibilitado a abertura de um novo caminho para o trabalho quando mais nada parecia possível. Agradeço por sempre me acolher tão bem e pela sua comida, que é maravilhosa.

Gratidão, também, à Danusa pelo sorriso fácil e críticas certeiras. Gratidão pela sua força e doçura. Gratidão por todo trabalho que ainda virá pela frente, por ser uma parceira nessa caminhada.

Agradeço aos demais Quilombolas que participaram do trabalho, que mesmo menos próximos foram fundamentais para o processo. Agradeço especialmente a Seu Aleixo e Seu Divino. Agradeço por cada ideia acrescentada, por cada crítica feita ao trabalho, fundamentais para sua renovação e adequação às vontades da comunidade.

Agradeço à academia por, mesmo com suas limitações, propor-se, a partir da extensão, a contribuir para a construção de um mundo mais igualitário.

Agradeço especialmente à Ângela por ser uma mulher de força extraordinária. Gratidão por sua visão e coragem em construir um programa tão pioneiro quanto esta residência. Sou grata por tê-la conhecido e por fazer parte desta história.

Agradeço à Elisamara por sua força ariana, na qual me identifico tanto. Agradeço por trazer sempre seu sorriso fácil e pulso firme nessa batalha. Agradeço à Heliana pela doçura, pelo cuidado e por sempre ser tão positiva e carinhosa. Gratidão, pois aprendi muito com a senhora. Agradeço ao Carlos por todo apoio e simpatia, sempre trazendo leveza e positividade para o processo.

Agradeço, especialmente, à Thaís e ao Daniel. Gratidão pela crítica que renova e fortalece, fazendo acreditar que, apesar dos obstáculos, o futuro será melhor. Gratidão pela dedicação ao processo, pelo trabalho duro e cuidadoso com seus alunos. Gratidão por serem exemplos nos quais procuro me espelhar. Gratidão pelo carinho e atenção. Gratidão.

Agradeço, também, profundamente à Liza por todo aprendizado que, certa mente, não foi apenas acadêmico. Cresci muito devido a nossa convivência e, hoje, me sinto mais forte para enfrentar o mundo. Gratidão pela sua dedicação e atenção. Gratidão pelo carinho e por sempre batalhar por um mundo melhor. Gratidão eterna, professora.

Gratidão aos meus parceiros residentes que estiveram firmes nessa caminhada sempre me apoiando e incentivando a fazer o melhor trabalho possível. Gratidão pela amizade e carinho. Agradeço especialmente à Ana, minha parceira de angustias e gargalhadas, à Aleida, pela amizade e dedicação, à nossa turma, à Olívia, Érica, Ludmila, às gurias Bruna e Luíza, ao Lessa, Iago, Umberto. À Cristina, por tudo e todo aprendizado. A todas as parcerias que se estenderão pela vida. Gratidão, pois cresci imensamente na companhia de vocês.

Gratidão infinita à Raissa pela parceria, pelo amor e carinho. Por me incentivar a ser uma pessoa melhor, por ser minha companheira nessa caminhada. Por compartilhar essa existência comigo. Te amo, amiga.

Gratidão a todos que vieram antes de mim e que batalharam para abrir os caminhos nos quais sigo hoje. Gratidão a todos que cruzaram meu caminho e que contribuíram para ser quem eu sou.

Gratidão, vida. Gratidão, Quilombo Mesquita.

resumo

Este trabalho apresenta a experiência de Assessoria Técnica realizada em conjunto entre o Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” da UnB e Nucleação da UNB-FAU da 3ª. edição da Residência AU+E/UFBA ao Quilombo Mesquita, em Goiás. A pesquisa teve seu início em 2017 com o Trabalho de Conclusão de Curso realizado por Mariane Paulino sobre Planejamento Afrorrural e Inventário Participativo. A partir das demandas levantadas, os trabalhos da Residência foram divididos em dois projetos de pesquisa e extensão em arquitetura e urbanismo: Eixo 1 – Espaços Públicos; Eixo 2 – Espaços de Memória.

O processo se inseriu em um cenário de profundo conflito, onde o Quilombo Mesquita se encontra ameaçado pela expansão da capital e pela acelerada valorização das terras da região do entorno de Brasília. A comunidade obteve sua certificação como território remanescente em 2006, por meio da Certidão expedida pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, contudo, até a presente data, suas terras ainda não foram tituladas pelo INCRA. No meio do processo das atividades de extensão de assessoria técnica das universidades, o Quilombo Mesquita, que completou 272 anos de existência, foi golpeado pelo Conselho Diretor do INCRA para diminuir em 80% do território, onde as 785 famílias remanescentes de quilombolas, que ocupam menos de 20% do território, passando de 4,2 mil hectares para 761. Porém, a resolução que permitiria a redução do território foi revogada após notificação feita pelo Ministério Público.

O caderno tem como objetivo apresentar, mais especificamente, o trabalho realizado no Eixo 01 – Espaços Públicos, o qual teve como produtos desenvolvidos para a comunidade um estudo preliminar para uma praça e diversos outros produtos gráficos. O trabalho pretende também levantar, a partir da narração do processo, alguns pontos críticos fundamentais em relação à experiência de extensão da academia em comunidades tradicionais, visando sempre o aprimoramento da assistência praticada pela universidade.

palavras-chave:
assistência técnica, extensão universitária, comunidades tradicionais, Quilombo Mesquita, espaços públicos.

lista de siglas

AREQUIM: Associação Renovadora do Quilombo Mesquita
INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PEAC: Programa de Extensão de Ação Contínua
RTID: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
UFBA: Universidade Federal da Bahia
UnB: Universidade de Brasília

lista de imagens

Capítulo_O Quilombo Mesquita

Imagem 01: Forno tipicamente Quilombola. Fonte: autora
Imagem 02: Praça Jacinto, ocupação tipicamente Quilombola. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 03: Vista de drone da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 04: Trecho central do Jardim Edite. Fonte: Google Earth (2018).
Imagem 05: Dona Joana Benedito, produtora de marmelo, raizeira, benzedeira e parteira. Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1428370557292676&set=t.100003592361197&type=3&theater
Imagem 06: Posto de saúde do Quilombo Mesquita. Fonte: autora.
Imagem 07: Vista de drone da Igreja de Nossa Senhora d'Abadia. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 09: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

Mapa 01: Localização do Quilombo Mesquita em relação a Brasília. Fonte: Mariane Paulino (2017).
Mapa 02: Ocupação Quilombola dentro do território demarcado pelo RTID. Fonte: Mariane Paulino
Mapa 03: Localização do território Mesquita em relação ao município da Cidade Ocidental -GO. Fonte: Mariane Paulino (2017).
Mapa 04: Zoneamento do Plano Diretor da Cidade Ocidental . Fonte: Mariane Paulino (2017).
Mapa 05: Zoneamento previsto dentro o território do Quilombo Mesquita delimitado pelo RTID. Fonte: Mariane Paulino (2017).
Mapa 06: Condomínios existentes dentro e próximos ao território demarcado pelo INCRA. Fonte: Mariane Paulino (2017).
Mapa 07: Pressão do capital dentro do Quilombo Mesquita.
Mapa 08: Zoneamento do Plano Diretor da Cidade Ocidental previsto dentro o território do Quilombo Mesquita delimitado pelo RTID. Fonte: Mariane Paulino (2017).

Capítulo_O processo

Imagens 01 e 02: Reunião para entrega do caderno de Mariane.Fonte: Liza Andrade.
Imagens 03 a 07: Apresentação dos trabalhos. Fonte: Liza Andrade.
Imagens 08 e 09: Dona Tina em sua janela e entrada de sua casa. Fonte: autora.
Imagem 10: Casarão do Sarney. Fonte: autora.
Imagens 11 a 15: Oficina do Mapa Afetivo. Fonte: Liza Andrade.
Imagens 16 e 17: Passeio de drone. Fonte: autora.
Imagens 18 e 19: Vista de drone da Igreja e vista da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagens 20 a 25: Oficina de escolha dos padrões. Fonte: Liza Andrade.
Imagens 26 a 32: Oficina dos cenários. Fonte: Liza Andrade.

Capítulo_A produção visual

Imagem 01: Foto de capa para o Facebook. Fonte: autora e João Leite
Imagens 02 a 04: Nova identidade Visual do Quilombo Mesquita. Fonte: autora e João Leite.
Imagem 05: Chita de Marmelos, padrão base para a produção visual do Cineminha Marmelada. Fonte: autora.
Imagem 06: Cartaz de divulgação do Cineminha Marmelada.
Imagens 07 a 10: Material de divulgação do evento nas redes socias. Fonte: autora.

Capítulo_Alguns produtos

Imagens 01 a 03: Festa Junina. Fonte: Liza Andrade.
Imagem 04: Cartaz de divulgação da Festa Junina. Fonte: autora.
Imagens 04 a 08: Festa do N'Golo. Fonte: https://www.facebook.com/quilombo.mesquita.904/photos_all?sk=wall&lst=100002190335729%3A100003592361197%3A1543835583
Imagem 09: Camiseta da festa do N'Golo. Fonte: autora.
Imagem 10: Rótulo dos produtos comercializados na festa. Fonte: autora.
Imagem 11: Cartaz de divulgação d a Festa do N'Golo. Fonte: autora.
Imagens 33 a 39: Pouso realizado no dia 13/08, na casa de Dona Angelina e sua família. Fonte: https://www.facebook.com/quilombo.mesquita.904/photos_all?sk=wall&lst=100002190335729%3A100003592361197%

3A1543835583
Imagens 40 a 44: Cavalgada de Nossa Senhora d'Abadia. Fonte: https://www.facebook.com/quilombo.mesquita.904/photos_all?sk=wall&lst=100002190335729%3A100003592361197%3A1543835583
Imagens 45 e 46: Cartaz de divulgação da Cavalgada de Nossa Senhora D'Abadia e camiseta criada para o evento. Fonte: autora.
Imagens 47 a 49: Rótulos para os produtos de Quiabo d'Angola. Fonte: autora
Imagem 50: Cartaz de divulgação da Folia de Nossa Senhora Aparecida. Fonte: autora
Imagem 51: Cartaz de divulgação da Festa do Marmelo de 2019. Fonte: autora.

Capítulo_Observando o território

Imagem 01: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 02: Água empoçada na rua da Igreja. Fonte: autora.
Imagem 03: Má iluminação pública na mesma rua. Fonte: autora.
Imagem 04: Sinalização pintada pela comunidade. Fonte: autora.
Imagem 05: Barraca de produtos locais ao lado de parada de ônibus. Fonte: autora.
Imagem 06: Quiosque de materiais locais, nunca visto em funcionamento. Fonte: autora.
Imagem 07: Parada de ônibus feita pela comunidade. Fonte: autora.
Imagem 08: Parada de ônibus pintada pela comunidade em frente a Igreja Nossa Senhora D'Abadia. Fonte: autora.
Imagens 09 e 10: Estradas de terra passando sobre rios no território, desmatamento da mata ciliar e enfraquecimento dos cursos d'água. Fonte: Google Earth.
Imagem 11: Igreja de Nossa Senhora D'Abadia. Fonte: autora.
Imagens 12 e 13: Casarão do Sarney, frente e casinha nos fundos. Fonte: autora.
Imagem 14: Casa de Dona Castorina. Fonte: autora.
Imagem 15: Casarão de Seu José Grilo. Fonte: autora.
Imagens 16 e 17: Casa de Dona Maricota. Fonte: autora.
Imagem 18: Lixão da Cidade Ocidental. Fonte: autora.
Imagens 19 e 20: Vista de drone da Igreja de Nossa Senhora D'Abadia e da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 21: Trecho central do Jardim Edite. Fonte Google Earth.
Imagem 22: Rio próximo a área central do Mesquita. Fonte Google Earth.
Imagem 23: Prainha próxima ao Casarão do Sarney. Fonte: autora.
Imagem 24: Divulgação do campeonato de futebol. Fonte: autora.
Mapa de ocupação territorial. Fonte: autora.
Mapa de localizações. Fonte: autora.
Mapa de usos do solo- Área central. Fonte: autora.
Mapa de usos do solo – Trecho do Quilombo Mesquita. Fonte: autora.
Mapa de usos do solo – Jardim Edite. Fonte: autora.
Mapa chave. Fonte: autora.
Mapa de vias. Fonte: autora.
Mapa de cheios e vazios, muros, rios e afins. Fonte: autora.
Mapa de pousos da Folia de Nossa Senhora d'Abadia de 2018. Fonte: autora.

Capítulo_Os padrões

Imagem 01: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 02: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 03: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 04: Território do Quilombo Mesquita Demarcado no RTID. Fonte: Google Earth.

Capítulo_A praça

Imagens 1 a 58: Painel de referências visuais. Fonte: https://br.pinterest.com/search/pins/?q=quilombo&rs=typed&term_meta[]=quilombo%7Ctyped
Imagens 59 a 62: Desenhos dos cenários apresentados a comunidade. Fonte: autora.
Imagens 63 e 64: Planta humanizada e vista da Praça. Fonte: autora.
Imagens 75 e 76: Cores marrom e terra cota do piso intertravado. Fonte http://pisoacabado.com.br/piso-intertravado.html

Desenho técnico 01: Planta baixa. Escala: 1/500. Fonte: autora.
Desenho técnico 02: Planta de vegetação. Escala: 1/500. Fonte: autora.
Desenho técnico 03: Planta de pisos. Escala: 1/500. Fonte: autora.

sumário

o Quilombo Mesquita | 17

introdução | 18
breve histórico do Quilombo Mesquita | 21
invasão do capital no território | 24
referencial teórico | 28
o racismo, as formas de biopoder e o urbanismo bioplítico | 31
caracteristícas da comunidade | 34
justificativa | 37
objetivos | 41

o processo | 43

a produção visual | 55

nova identidade visual do Quilombo Mesquita Vivo | 58
cineminha marmelada | 60

alguns produtos | 65

observando o território | 81

análise territorial | 82
dimensão social | 84
dimensão cultural e emocional | 96
dimensão ambiental | 98
dimensão econômica | 99

100 | os padrões
101 | os padrões ecolhidos
102 | dimensão social
106 | dimensão cultural e emocional
108 | dimensão ambiental
110 | dimensão econômica
112 | padrões no espaço
112 | micro
116 | macro

119 | a praça
120 | painel de referências
122 | cenários
125 | a praça
126 | o nome
127 | paisagismo
126 | desenhos técnicos

132 | referências bibliográficas

o Quilombo Mesquita

introdução

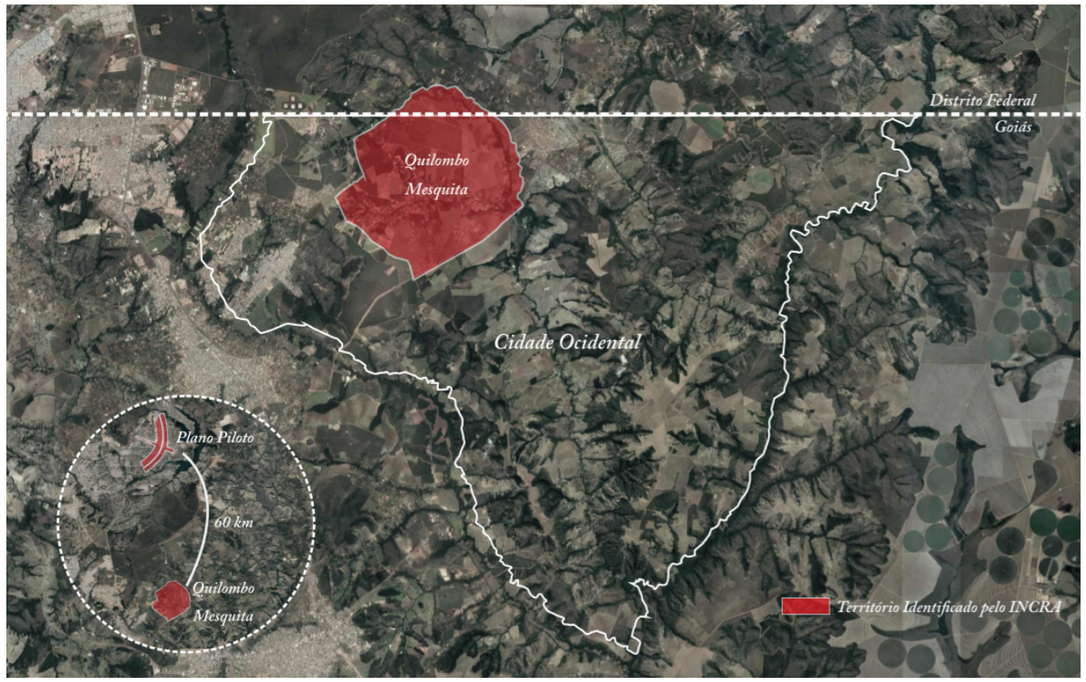
Este trabalho reúne a experiência do processo de assessoria técnica conjunta do Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” da UnB e Nucleação da UnB-FAU/UFBA da 3ª. edição da Residência AU+E/UFBA ao Quilombo Mesquita em Goiás, nas proximidades da capital do Brasil,a partir de estudos já realizados por Mariane Paulino, intitulado de Planejamento Afrorrural, expondo o percurso do trabalho desenvolvido pela Residência no território.

Este processo de parceria entre universidades, concretizado neste trabalho, tinha o objetivo de fortalecer a criação de uma Residência Multiprofissional na Universidade de Brasília em “Ciência Tecnologia e Sociedade & Habitat e Saúde Primária” a partir da parceria, já estabelecida, com o Núcleo de Política, Ciência, Tecnologia e Sociedade NP+CTS/CEAM/UnB e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares ITCP da FUP/UnB, com a construção de relações em redes de assentados, interação e comercialização entre economia solidária, para pequenos comerciantes, produtores rurais e consumidores, com melhoria da logística de produção e da qualidade vida no trabalho.

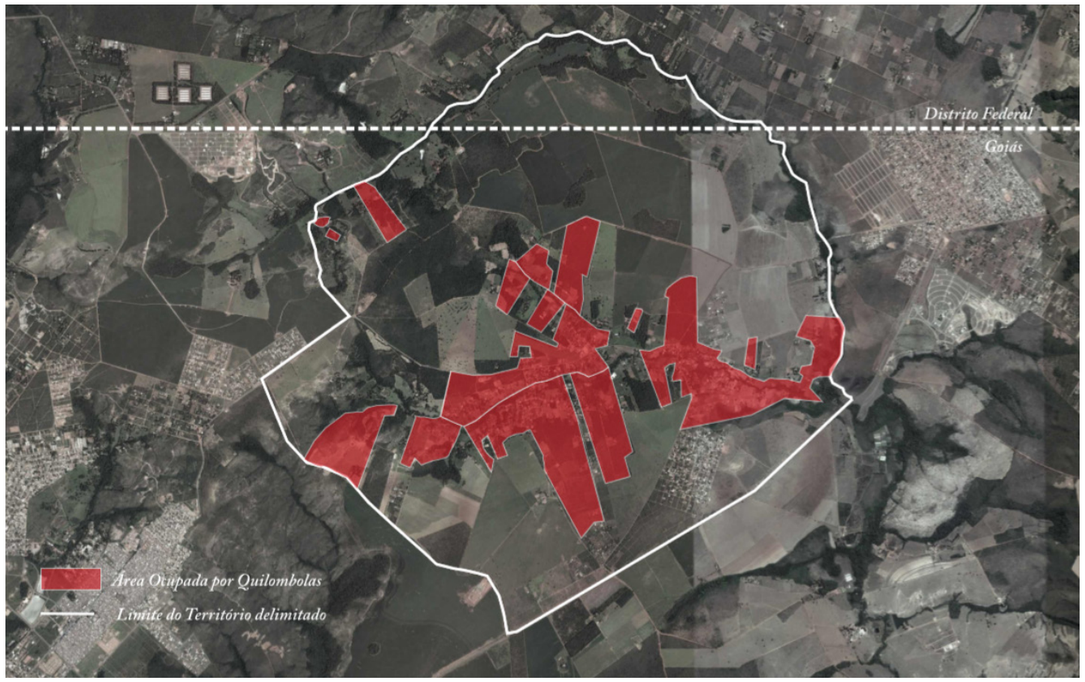
O Grupo Periférico, registrado em 2017 no CNPq, desenvolve pesquisas sobre temas periféricos e marginalizados no âmbito do sistema acadêmico relacionados à produção do espaço no campo e na cidade (Reforma Urbana e a Reforma Agrária), integrados no formato de “pesquisa-ação”, por meio de metodologias ativas e mobilização social, com uma visão “transdisciplinar” e “transescalar”, abrangendo movimentos populares, comunidades da periferia, entidades ambientalistas bem como comunidades camponesas e tradicionais.

Durante o caminho percorrido, delimitaram-se várias questões importantes para o desenvolvimento trabalhos de extensão e que são interessantes de serem expostas. O tempo e, muitas vezes, a burocracia proposta pelos limites acadêmicos à forma de aproximação, o envolvimento individual de cada pesquisador, a abertura da comunidade, os conflitos territoriais e sociais latentes, bem como a consequente necessidade de o trabalho ser constantemente reformulado foram situações chaves que impuseram limites e desafios para o desenvolvimento do trabalho. Que, embora muito distante do Idealizado, movimentaram um profundo processo de aprendizagem.

Acredita-se que o Território do Quilombo Mesquita, localizado no município da Cidade Ocidental no Estado de Goiás, à 60 km da capital do país, possa vir a ser um dos futuros pólos de extensão de ação contínua da Universidade de Brasília. Passados 272 anos desde sua criação, atualmente o Quilombo se vê



Mapa (01) de localização do Quilombo Mesquita em relação a Brasília. Fonte: Mariane Paulino (2017).



Mapa (02) com a ocupação Quilombola dentro do território demarcado pelo RTID. Fonte: Mariane Paulino (2017).

ameaçado pela expansão da capital e pela acelerada valorização das terras na região.

O Quilombo Mesquita obteve sua certificação como território remanescente em 2006, por meio da Certidão expedida pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, contudo, até a presente data, suas terras ainda não foram certificadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA. No entanto, o território foi registrado no Diário Oficial da União – DOU, em 29 de agosto de 2011, com a área delimitada correspondente a 4.292,8259 ha, a partir de estudos técnicos realizados: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação" – RTID. Mesmo assim, ainda não há oficialmente um registro da demarcação e titulação como povos originários e comunidades tradicionais que obrigue o governo a devolver as terras ocupadas à comunidade. Este sítio com valor patrimonial tem parte da sua extensão ocupada por condomínios, propriedades agrícolas e outros residentes que não são parte desta reminiscência quilombola. Segundo o RTID do INCRA, o território é ocupado por 1299 indivíduos, formando 785 famílias.

A chegada das forças modernizantes, com a expansão capital, contribuiu para a migração de inúmeras famílias, uma vez que dificultou seu acesso à terra. De acordo com Neres (2015), os Quilombolas tiveram uma participação direta na construção de Brasília, porém esta história é ignorada. Os membros do Quilombo ajudaram a erguer as cantinas, hospedagens e refeitórios, levando mantimentos, frutas, verduras, carnes, leite e doces produzidos na comunidade até os canteiros de obra, quando ainda não existia produção de alimentos na capital.

O território que antigamente se estendia muito além do que hoje é reconhecido, é delimitado pelo Ribeirão Água quente e Córrego Mesquitão, pela rodovia 521, o Jardim ABC e o Loteamento Dom Bosco. Atualmente, a Cidade Ocidental recebe maciços investimentos imobiliários e tais investimentos ocorrem devido à instalação dos condomínios Alphaville Brasília Residencial e do Damha Residencial Brasília no bairro Jardim ABC, além de outros loteamentos dentro do território como o Jardim Edite e o Nova Cannãa e que fazem fronteira com a área como o Residencial Dom Bosco.

Durante o processo das atividades de extensão de assessoria técnica, o Quilombo Mesquita foi golpeado pelo Conselho Diretor do INCRA com a Resolução nº 12, de 17 de maio de 2018, publicada no DOU nº 99, de 24 de maio de 2018, "a pedido" de membros da própria Associação. O INCRA tentou diminuir em 80% o espaço ocupado pelas 785 famílias remanescentes de quilombolas que ocupam menos de 20% do território, reduzindo de 4,2 mil hectares para 761 hectares. A área beneficiada é da Divitex Pericumã Empreendimentos Imobiliários, que dentre os sócios constam o senador José Sarney, o senador Eliseu Rezende, do Partido Democratas de Minas Gerais, e o empresário Giovani Morais.

Quatro ações judiciais tratam da regularização fundiária do Quilombo. O Ministério Público Federal em Goiás entrou com ação (recomendação nº

1/2018/MPF/PRM Luziânia–Formosa) contra a alteração do território, uma vez que o INCRA ignorou o a vontade da maioria da comunidade. Segundo advogados da CONAQ, na Plenária Nacional da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, ocorrida no Quilombo Mesquita em junho de 2018, a Resolução nº 12 é irregular por não ter respaldo técnico, considerando que o último relatório técnico desenvolvido pelo INCRA consta a área de 4.292,8259 ha. Com a notificação do Ministério Público, em 20 de junho de 2018, o INCRA decidiu revogar a resolução que permitiria a redução do território, publicado no dia 21 de junho no Diário Oficial.

Assim, o grande desafio da comunidade é garantir a demarcação e titulação, manter o seu território original e sua identidade, bem como recuperar as áreas ocupadas. Porém, além da defesa do território, é necessário o desenvolvimento local com economia solidária e tecnologia social para que o modelo econômico neoliberal não avance. A produção dos espaços afrodescendentes quilombolas reflete a coletividade territorial e identidade com bens e recursos compartilhados entre os indivíduos, onde o espaço é gerido e administrado numa coletividade. Estas relações com o território consolidam as interações sociais, laborais, econômicas e culturais

Neste contexto, os trabalhos de assessoria técnica desenvolvidos pelo Grupo Periférico e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares-ITCP da FUP/UnB com a implantação da Residência Multiprofissional visam contribuir na construção de relações em redes de assentados e angariar recursos por meio de editais para promover o desenvolvimento local com a valorização da arte, comunicação visual, artesanato, arquitetura, turismo sustentável, gastronomia.

A pesquisa-ação inicial do Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” da FAU/UnB procurou estudar as questões pungentes relativas à regulamentação fundiária, infraestrutura, patrimônio e identidade cultural, com o auxílio e participação da comunidade, alinhando-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a partir de pesquisas realizadas junto ao INCRA e nos documentos existentes bem como o desenvolvimento de um inventário participativo de patrimônios culturais baseado na metodologia do IPHAN.

Num primeiro momento, na escala macro, foi elaborado, para o Quilombo Mesquita, um planejamento territorial por meio de mapas desenvolvidos com a ferramenta ArqGIS com base nos Dados do Sistema de Informação do Estado de Goiás, do IBGE e do RTID do INCRA. Na escala micro, foi desenvolvido um planejamento espacial do núcleo central, um mapa de ocupação com áreas de utilização e áreas de construção, a partir da centralidade existente. Num segundo momento, na escala macro foi elaborado um Plano Afrorrural para o Quilombo Mesquita, que consiste em um planejamento territorial por meio de mapas desenvolvidos com a ferramenta ArqGIS com base nos Dados do Sistema de Informação do Estado de Goiás, do IBGE e do RTID do INCRA. Considerou-se a situação pós-titulação, incluindo a área ocupada por não-quilombolas, identificando a necessidade de desocupação para uso da comunidade, incorporando as famílias que hoje se encontram fora do território. Na escala micro, foi desenvolvido um planejamento espacial do núcleo central, um mapa de ocupação com áreas de utilização e áreas de construção, num raio de 250 metros a partir da esquina de onde fica o campo de futebol.

As demandas por projetos de arquitetura e urbanismo apresentadas pela comunidade abrangem o espaço de memória que existia no anexo da antiga Capela de Nossa Senhora da Abadia, a restauração do Casarão de Aleixo Pereira Braga do século XIX, bem como centro de vivência com espaços multiuso, praça e equipamentos comunitários com identidade africana. O desenvolvimento de algumas dessas demandas foi conduzido pelas arquitetas residentes da RAU+E/FAU/UFBA com envolvimento da comunidade para atender as demandas, a fim de fortalecer laços e criar ambientes de pertencimento e empoderamento bem como assegurar e salvaguardar a integridade física e histórica da comunidade.

O objetivo principal deste trabalho é demonstrar o processo de assessoria técnica conjunta do Grupo Periférico e da Nucleação RAU+E UnB-UFBA realizado pelo Eixo 01_Espaços Públicos e produtos produzidos durante esse percurso.

breve histórico do Quilombo Mesquita

A vida das comunidades quilombolas é marcada por uma intensa luta de resistência histórica. Frequentes adaptações e negociações políticas que marcam essas trajetórias apenas reafirmam a identidade quilombola, a qual é profundamente ligada à resistência à escravidão.

O caso do Mesquita não é diferente. Sua história começa com a vinda compulsória de escravizados para as minas de Santa Luzia, no século XVIII, um dos últimos complexos auríferos encontrados no Goiás.

A Vila de Santa Luzia foi fundada em dezembro de 1746, pelo bandeirante paulista Antonio Bueno de Azevedo, que escolheu instalar-se na região em uma fazenda de lavoura, que daria meio de subsistência para os trabalhos na mineração. A expansão do território pela caça e a exploração das minas, ainda não declaradas à Coroa Portuguesa, levou aos bandeirantes a chegar até o Arraial da Meia Ponte, onde hoje conhecemos por Pirenópolis.

A região de Santa Luzia teve seu apogeu entre os anos 1747 a 1775, sendo a região mais rica na produção de ouro no Goiás, o que trouxe um grande contingente de senhores e escravizados para a região. Estes últimos sofreram as mais inúmeras formas de violência. Não apenas física, mas também moral e psicológica como uma forma paliativa de controle de rebeliões.

Para os senhores, no ciclo da mineração, as terras voltadas para a produção agropecuária possuíam menor valor. Para os escravizados estas terras representavam trabalho mais ameno que no garimpo e uma possibilidade de reconstrução de suas vidas. A terra, mais que um valor econômico, tinha em si um valor maior, o da liberdade.

A exploração do ouro adentrava cada vez mais no território da colônia, distanciando-se das rotas comerciais. A grande dificuldade de acesso a produtos vindos dessas rotas fizera do cultivo e da manufatura atividades imprescindíveis para a sobrevivência no interior do território. A atividade aurífera, mais que a produção açucareira, devido a dificuldades de importação de produtos, fez-se muito mais propícia ao surgimento de um mercado interno.

O ano de 1775 marcou o declínio da produção do ouro na região de Santa Luzia. O Goiás entra em um período de pobreza, o que força a população das cidades a buscar no meio rural sua subsistência. Uma série de elementos, como a pequena renda produzida e a falta de investimento da Coroa em estradas, leva a região passar por um período de dormência econômica durante um século. As atividades econômicas de subsistência levaram à formação de um mercado interno baseado na pecuária, e a localização no interior do território da colônia impôs limitações comerciais. Os produtos produzidos também eram os mesmos encontrados nas regiões próximas a costa. Tal recolhimento levou ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária, os pilares da economia futura da região.

A escassez de ouro levou à emigração de senhores e muitas das terras foram doadas ou abandonadas. Este é o caso das terras do sargento-mor José Correia Mesquita.

É nesse contexto que a Fazenda Mesquita, abandonada, passa a abrigar a comunidade negra que viria a se reconhecer pelo mesmo nome, formando o povoado de Mesquita. José Correia Mesquita doou a sua terra a três escravizadas. As suas famílias, Lisboa da Costa, Pereira Braga e Teixeira Magalhães, construíram o tronco da comunidade, que também acolheria muitos escravizados fugidos. Esse evento fundador possui suma importância para a construção da identidade do grupo. É no passado ligado à liberdade e permanência na terra, que todos possuem suas origens.

Essa formação levou à comunidade de Mesquita a criar profundos laços comunitários com a terra. O trabalho era baseado na solidariedade e na troca de produtos entre os moradores da região, onde as famílias contam umas com as outras para o trabalho na terra. A relação da comunidade com a terra foi fundamental para a construção de mundo dos mesquitenses. Sendo fundamental alicerce da comunidade a sua relação com o trabalho rural.

A comunidade na sua maneira de se organizar dispensava a existência de cercas. A propriedade era comum a todos. E quando um novo núcleo familiar se formava, eram livres para escolher no território uma parcela para sua fixação, geralmente terras próximas as casas de suas famílias e de cursos d'água. A ocupação no território se dava estruturado nas relações familiares, perpetuando a cultura do grupo.

Um dos produtos mais importantes produzidos na comunidade é a Marmelada de Santa Luzia. O famoso doce foi produto de exportação, ainda no período colonial, e teve o Mesquita como seu maior produtor, contribuindo mais ainda para sua afirmação no território. A Marmelada de Santa Luzia é fator fundamental à construção da identidade da comunidade.

A construção de estradas para o escoamento da produção agropecuária do Goiás trouxe impactos para a região. Visando uma maior produção,

Imagem 01: Forno tipicamente Quilombola. Fonte: autora

que antes atendia ao pequeno mercado local e somente de produtos importantes para a subsistência da comunidade, passa a ser feita em mutirões. Assim, impulsionados pela liderança comunitária de Aleixo Pereira Braga, a comunidade mesquitense entra em uma fase de ascensão.

A vida da comunidade se organizava pelo trabalho, cujo modelo de produção tradicional era baseado nas trocas entre membros da comunidade, criando redes de solidariedade baseadas no princípio da reciprocidade. A produção se dava por meio de mutirões e das chamadas “meias”. Nesta, apenas uma seção terra era utilizada para o cultivo e seus produtos eram divididos. Estes, eram importantes sistemas de agregação da comunidade, que tinha sua vida social baseada nas trocas e no trabalho coletivo.

As relações de solidariedade na produção do comum em muito se distanciavam da produção de mais valia do capitalismo.

Os mutirões eram eventos centrais na vida comunitária, pois eram momentos de troca de saberes entre gerações. Eles foram vitais para a perpetuação da cultura da comunidade, que muito se apoiava na tradição oral. A manutenção desses meios de trabalho coletivo e, também, de produção espacial, é imprescindível para a manutenção da vida e história desta comunidade.

O projeto desenvolvimentista que visava à interiorização do país, traz para o Goiás uma lógica capitalista que muito se distanciava da lógica de produção estabelecida em comunidades como o Mesquita. Esse novo vetor de crescimento para o interior, não apenas representava uma expansão da urbanização, mas também o alinhamento com as demandas do capitalismo. Segundo Milton Santos (1999, p.29), a lógica do capital fundada no consumo e expressa no urbanismo é matriz de embate com a cultura popular, “a economização da vida social impõe uma competitividade e um selvagerismo crescentes”. As novas regras enfraquecem as solidariedades ancestrais e “a cultura popular, cultura “selvagem” e irracional, é substituída, lenta ou rapidamente, pela cultura de massas; o espaço “selvagem” cede lugar a um espaço que enquadra e limita as expressões populares”.

A comunidade passa a interagir com uma lógica estruturalmente diferente e novos códigos foram inseridos no seu cotidiano, causando rupturas profundas no seu modo de vida. A incorporação desses códigos e conflitos internos levou à primeira divisão da terra entre dois troncos familiares. O aumento da produção e a possibilidade de acúmulo e desenvolvimento das famílias foram decisivos para divisão de terras, e, consequentemente, uma nova relação da comunidade com a terra. A terra não pertencia a ninguém, mas direcionava um limite para a produção de cada família.

A divisão das terras estabelece uma nova lógica de propriedade privada, que muito se distancia da produção comum do espaço. Novas regras sociais são introduzidas na comunidade, que passa a ter seu espaço gerido por cada núcleo familiar. Ela se dá dentro dos limites de cada família.
As terras que ficavam abandonadas pela falta de herdeiros poderiam ser ocupadas por novos núcleos familiares ou membros da comunidade que estivessem dispostos a trabalhar nela. É o trabalho na terra que legitima a sua posse.

Houve um desmembramento do território e muitas parcelas do mesmo foram tiradas da comunidade por terceiros que passaram a ocupá-las. As mudanças no Mesquita se potencializam com transferência da capital para Brasília, há apenas 60 km de seu território. A demarcação de terras do Distrito Federal, onde parte do território quilombola se encontra, não levou em conta o mesmo. Sem conseguir provar a titularidade da terra, parte de seus territórios foram desapropriados e ocupados pelo Estado.

Além da desapropriação de terras, a vinda nova capital trouxe a chegada de muitas pessoas estrangeiras àquele contexto. Mais uma vez a comunidade Mesquita sente os impactos dessa lógica globalizante do capital

que é extremamente invasora. Esse sistema hegemônico busca “instalar-se em toda, parte, desalojando os sistemas autônomos, ou buscando incluí-los em sua lógica, segundo diferentes graus de dependência” (SANTOS,1999, p. 144). “Nada é levado em conta, exceto a busca desenfreada do lucro, onde quer que se encontrem elementos capazes de permiti-lo” (SANTOS,1999) e nesse processo de totalização do sistema capitalista, a história de grupos sociais é apagada com o roubo e comercialização de suas terras.

A construção da capital começou aos poucos expulsando as famílias que moravam mais próximas de onde foi construído o Catetinho, primeira residência oficial de Brasília. O território do Mesquita, que antes se expandia além das áreas originais da fazenda, foi se encolhendo e centralizando nas áreas inicialmente a eles concedidas.

Além de mudar sua relação com o território, a chegada do “progresso” também mudou a relação dos mesquitenses com o trabalho, uma vez que muitos passaram a trabalhar na construção civil ou em fazendas vizinhas. A vinda de maiores fluxos de capital e pessoas, possibilitou uma maior produção e uma maior comercialização dos bens excedentes da produção local. A lógica capitalista de produção do campo invade o Mesquita desestabilizando a forma de produção tradicional. Em companhia com o declínio da produção de marmelo, devido a uma série de pragas na plantação, e a falta de estímulo para a mesma, a nova técnica não permitia a competição da realidade local com a nova estrutura que se instalava.

O trabalho estruturado em mutirões e em trocas recíprocas entre familiares, e sobre o qual se estruturavam as relações sociais no território, não é capaz de competir com o trabalho assalariado. A ordem global se impõe sobre os processos locais. Para Milton Santos (1999, p.269):

> Assim enquanto o “mundo” intervém no espaço e o transforma unilateralmente, para responder localmente a imperativos globais, mas exclusivos – como os interesses das transnacionais – a complexidade da organização espacial é agravada, como um problema coletivo.

A organização espacial de uma sociedade expressa as regras sociais impressas nessa sociedade. Se sociedades são formadas por redes de relações entre indivíduos, os espaços expressam em sua forma estes mesmos sistemas relacionais, ou melhor, as possibilidades espaciais que fornecem ao indivíduo. Hillier e Netto (2002) afirmam que, apesar das relações sociais não se acumularem no espaço-tempo, como os espaços interagem, transformam-se em um sistema conectado maior, “ uma vez que nós observamos as interações, nós vemos que elas são governadas por convenções e relações, as quais refletem quem está interagindo, como seus status se relacionam e o que tem acontecido”.

A organização espacial baseada em normas locais, como na ocupação do Mesquita, que se dava próxima dos familiares, tende à uma ocupação mais preocupada com os recursos naturais, uma vez que a comunidade tem a sua produção subsistência apoiada pelo trabalho comunitário, para a sua reprodução através dos tempos. Relações de trabalho responsáveis por “uma série de relações fundamentais, principalmente, no princípio da liberdade e autonomia” (SANTOS, 2009, p.3).

Imagem 02: Praça Jacinto, ocupação tipicamente Quilombola. Fonte: Lucas Parahyba.

Mapa (03) de localização do território Mesquita em relação ao município da Cidade Ocidental -GO.
Fonte: Mariane Paulino (2017).

invasão do capital no território

A questão territorial é fundamental para identidade do quilombola. Além de ser uma questão jurídica, uma vez que o direito à terra passa pelo auto-reconhecimento de uma comunidade como quilombola. Observa-se "pela primeira vez desde a proclamação da República se aplica uma política sobre populações rurais negras que tem consequências no plano fundiário" (LIFSCHITZ, 2011, p.112), mas, também, na sua construção identidade, já que existe um esforço de agentes externos para a sua reconstrução, o que constitui uma variedade de modelos "de produção de etnicidades que incorpora também o Estado" (LIFSCHIT, 2011, p.15).

O Mesquita, em 2006, recebeu o certificado de comunidade reminiscente de quilombolas pela Fundação Cultural Palmares e, segundo o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, desenvolvido pelo INCRA, teve sua área delimitada em 4.292,84 hectares. Hoje, as 785 famílias remanescentes de quilombolas ocupam menos de 20% desta área, utilizando-se de 771 hectares. (PAULINO, 2017, p.11).

O seu território se localiza em grande parte dentro da Cidade Ocidental, a qual se encontra no Goiás, mas dentro da área de abrangência da Região metropolitana do DF, possuindo como municípios limítrofes, Valparaíso de Goiás, Santa Maria e São Sebastião, Cristalina e Luziânia. Segundo dados censitários de 2013 e 2010, sua área é de 388,162 km2, com uma população de 65,520 habitantes, sedo 43,613 urbanos e 12,270 rurais. A economia do município é baseada na criação de gado bovino de leite e corte, no plantio de soja e na produção do doce de Marmelo.

O município possui forte potencial turístico, segundo a Agência Goiana de Turismo (idem), o que poderia levar a um crescimento da economia da região e que também pode ser uma potencialidade para o desenvolvimento do Quilombo. Mas é necessário cautela, uma vez que atividades turísticas, se não forem desenvolvidas de forma crítica, podem trazer maior desestruturação para a comunidade. Essas atividades podem exotizar tais comunidades

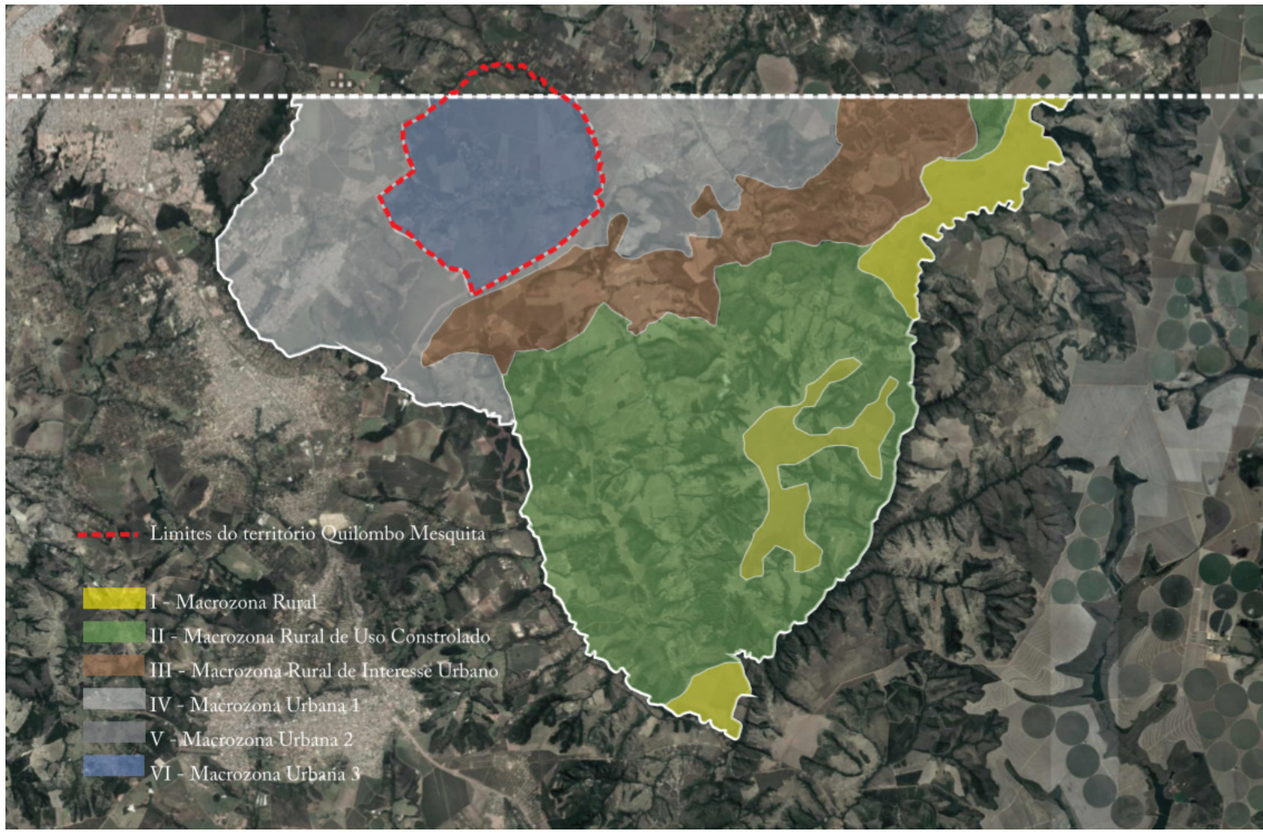
tradicionais, é importante proteger a comunidade de um turismo étnico que vende a cultura e a identidade de um povo como mais uma mercadoria.

O território do Quilombo possui seus limites ao norte no Ribeirão Água Quente e Córrego Mesquitão, ao sul na rodovia 521, ao leste no Jardim ABC e ao oeste no Loteamento Dom Bosco. Observa-se uma forte pressão imobiliária na região, uma vez que se encontra encurralada entre os vetores de crescimento urbano proveniente tanto do DF quanto da Cidade Ocidental, como pode ser observado em seu Plano Diretor.

A região demarcada pelo INCRA foi definida como uma Macrozona Urbana 3, o que permite a construção de residências multifamiliares, segundo o Plano Diretor da Cidade Ocidental. Somente a área já ocupada por quilombolas de 771 hectares, irrisória em relação ao verdadeiro território, não seria cabível para uma ocupação de caráter mais urbano. Tal planejamento desrespeita os direitos quilombolas e corrobora pra a expansão do capital, destruidor da lógica tradicional de organização territorial da comunidade, agravando ainda mais a segurança e preservação da identidade do Mesquita, apesar do Plano possuir como uma de suas diretrizes a salvaguarda e manutenção da história e cultura dos remanescentes. Indicar áreas de expansão urbana dentro do território quilombola é apenas mais uma prova do descaso do Estado, que alinhado com as aspirações do mercado, planeja alienando as pessoas de sua realidade.

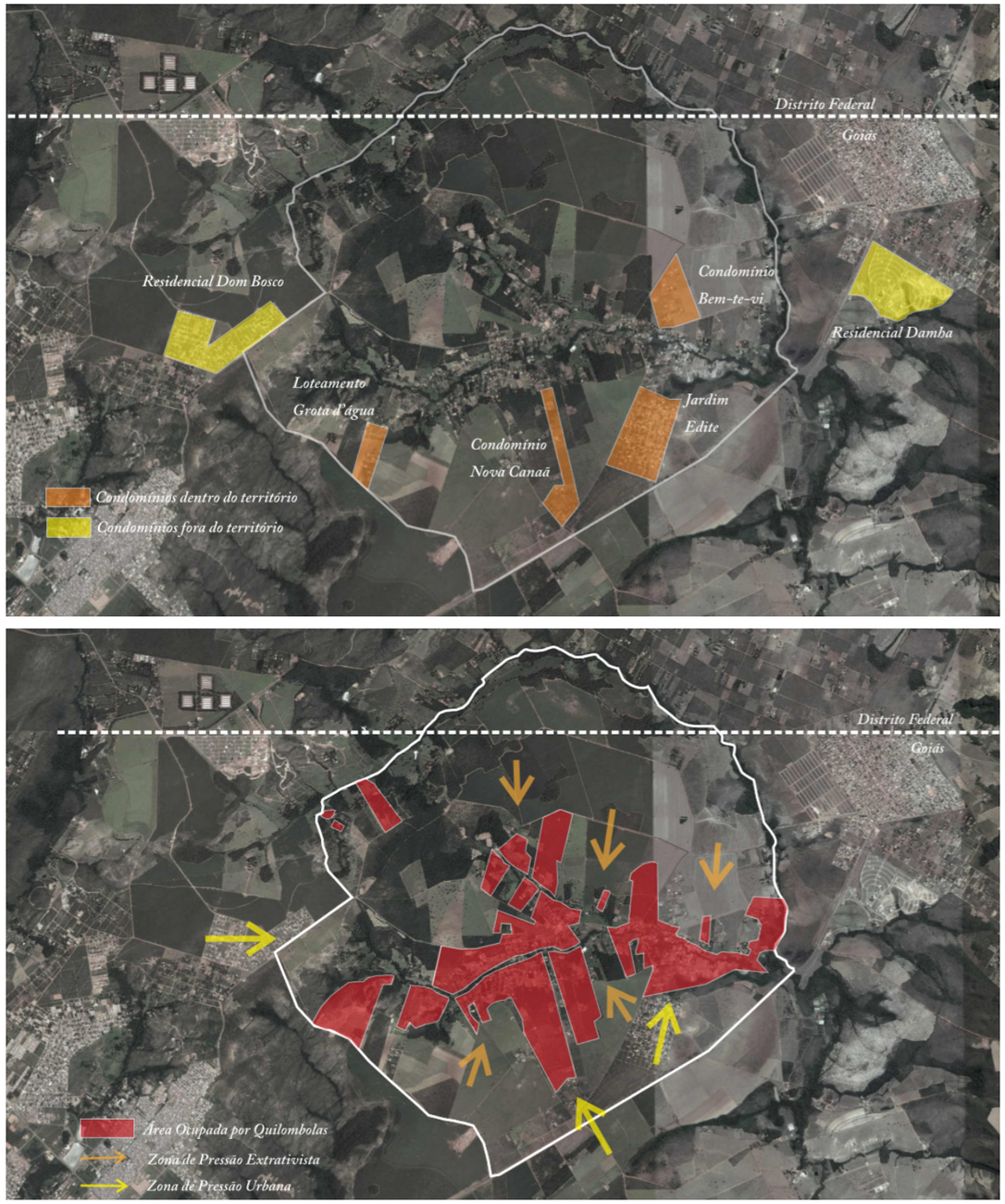
Cultura e território são intrínsecos. É no espaço que se dá o processo de formação da cultura, “resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver” e é ela que “nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento” (SANTOS,2014a, p.81). Processos de desterritorialização significam a alienação e desculturalização de um povo. A escolha de técnicas “sem consideração pelos sistemas locais de recursos naturais e humanos e superpostas a realidades econômicas e sociais diferentes” possuem como resultado a criação de distorções e desigualdades (SANTOS,2014b, p. 39). A escolha de um planejamento urbano que tratora as realidades locais, colocando em risco a vida e a cultura de minorias, que deveriam ser protegidas - tanto que existem leis criadas pelo mesmo Estado para este fim, parece seguir um discurso incoerente, uma vez que suas decisões apoiam o fortalecimento do mercado e não da cultura popular.

O Quilombo se encontra em uma zona de forte expansão imobiliária. O padrão de condomínio fechado impera como padrão de crescimento de Brasília, o qual é voltado para uma certa classe que pouco dialoga com a construção de uma cidade democrática e acessível a todos, uma vez que se fecha em quistos negando seu entorno e o impacto causado pelo crescimento espraiado da cidade. Uma cidade alienada cresce, se sobrepondo às realidades



Mapa (04) de zoneamento do Plano Diretor da Cidade Ocidental e Mapa (05) do Zoneamento previsto dentro o território do Quilombo Mesquita delimitado pelo RTID. Fonte: Mariane Paulino (2017).

Mapa (06) com condomínios existentes dentro e próximos ao território demarcado pelo INCRA e Mapa (07) da pressão do capital dentro do Quilombo Mesquita. Fonte: Mariane Paulino (2017).



culturais diferentes, criando maior segregação e desigualdade.
O Mesquita se encontra espremido por esses vetores. Ao leste o condomínio Alphaville, grife do bem morar que se instalou na maioria das regiões Brasileiras, universaliza a forma de morar da classe média se impondo e destruindo contextos locais. É o capital, que há anos chegou na região desestruturando as relações locais, se tornando cada vez mais predador. Observa-se o investimento imobiliário também materializado no Condomínio Damha Residencial Brasília e no Residencial Dom Bosco e, já dentro do território quilombola, o Jardim Edite – ocupado por classes de renda mais baixa -, o Nova Cannãa, o Gota d'água e o Bem-te-vi, os quais são condomínios definidos como rurais.
Outro vetor de expansão é a proveniente dos grandes latifúndios de que exercem sua pressão predadora sobre o território quilombola. Tal tipo de produção agrícola, extremamente técnica devido ao profundo processo de mecanização do trabalho, impõe ao território uma ação pouco conectada com os processos locais e, como resultado, desestrutura os laços ancestrais do trabalho e do solo. Esse tipo de exploração causa impacto não apenas nas relações sociais, mas também desestrutura o ecossistema, desmatando áreas do cerrado para a produção de monoculturas que enfraquecem o solo e aplicam veneno na terra. Tais impactos ambientais geram distúrbios na vida dos quilombolas, uma vez que devido à ocupação de áreas de preservação permanente do cerrado, atingem as fontes de água da região.
Quando observada a ocupação dos quilombolas no seu território podemos notar uma profunda conexão entre as áreas escolhidas e os cursos d'água, o que demonstra o seu vínculo com os recursos naturais. A ocupação também se dá devido aos laços de parentesco, filhos escolhiam terras próximas às dos pais. Podemos observar que, completamente diferente da ocupação proposta pelo Estado, no plano diretor e pelo mercado, nos condomínios e latifúndios, a ocupação quilombola reserva laços locais de memória e ancestralidade com a terra.
Seu espaço reflete uma organização de trabalho baseada em laços de "solidariedade orgânica, quando o essencial da divisão de trabalho é praticado na área" (SANTOS,2014a,p.84). A medida que a solidariedade orgânica é suplantada pela solidariedade funcional regulada, na qual a coesão das pessoas necessita de regulamentação de instituições (idem), o valor de troca se sobrepõe nas relações. Na solidariedade orgânica "são os valores de uso que avultam no conjunto da atividade territorial, enquanto na solidariedade fun-

Imagem 03: Vista de drone da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.

cional regulada, são os valores de troca que comandam a vida produtiva e a vida social" (idem).

Permitir que o mercado organize esse espaço, é permitir a entrada de novas lógicas sociais que ressignificaram as relações dos quilombolas com o seu espaço, instaurando novos laços de solidariedade e contribuindo para o desaparecimento de sua cultura. Transformando o homem em alienado, pois quando "o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja a história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar se torna a sede de uma vigorosa alienação". A relação que era completamente local no território passa a ser desfigurada devido à ação de agentes externos, impondo "novas condições de realização da vida social" as quais são baseadas na "divisão mundial capitalista do trabalho, fundada no desenvolvimento das forças produtivas em escala mundial e conduzida a através dos Estados e das corporações gigantes ou firmas transnacionais" (SANTOS,2014b, p.17).

Imagem 04: Trecho central do Jardim Edite. Fonte: Google Earth (2018).

referencial teórico

A origem do termo quilombo, hoje compreendido de forma muito mais ampla, teve suas origens em documentos administrativos do século XVII. Segundo o Conselho Ultramarino, quilombo seria “toda habitação de negros fugidios, que passem de cinco”, era também destacado o caráter precário das ocupações que eram “em parte despovoadas, ainda que não tenham ranchos e pilões nele” (LEITE, 2000, p.336, apud LIFSCHITZ, 2011, p.37).

O imaginário brasileiro teria se associado esta definição colonial, que remetia essas populações à uma situação de criminalização, além de reduzirem quilombo à fuga, ao isolamento e ao nomadismo (LIFSCHITZ, 2011, p.37). Fato que também parece dificultar a construção de uma identidade quilombola, uma vez que ainda existam “bloqueios simbólicos” que dificultam “a emergência dessa identidade social” (LIFSCHITZ, 2011, p.152).

Estudos sobre o assunto apontam para que quilombos estabeleciam trocas comerciais com agentes externos às comunidades. Trocando produtos excedentes por produtos industriais. Houve um fenômeno de “acamponesamento” dos quilombos principalmente nas últimas décadas do século XIX, no sentido de se constituírem em territórios estáveis e em economias autônomas com alto grau de autossuficiência em constante relações de troca com os colonos (LIFSCHITZ, 20011,p. 39). O que levaria esses quilombos a serem espaços que abrigavam múltiplas etnias, uma vez que as trocas comerciais “promoviam a “fusão de culturas” coloniais, europeias e africanas”(LIFSCHITZ, 2011, p.39). Mais abrangente do que as suas primeiras definições, o “quilombo portanto teria sido uma entre essas tantas forças associativas que foram relevantes na cultura dos escravos no Brasil e também nos Estados Unidos” (LIFSCHITZ, 2011, p.40).

Na Constituição de 1988, o conceito quilombo, não mais como símbolo político ou referência histórica, se afirma como um direito que possibilitaria as comunidades afrodecendentes o acesso à terra. Apesar da escassa documentação referente aos quilombos históricos, à luz da nova perspectiva jurídica, começam a surgir pelo pais inúmeros quilombos das mais diversas origens, porém “apesar dessas diferentes origens, essas populações possuíam em comum a “negritude”, a exploração da terra e o fato da grande maioria não possuir escritura oficial ou documentos que corroborassem a propriedade da terra” (O’DWYER, 2002, apud, LIFSCHTZ,2011, p.42).

As comunidades quilombolas no Brasil são profundamente misturadas e, em sua grande maioria, possuem pouca consciência histórica e política do seu

histórico ligado à escravidão. Essa negação seria, também, uma forma de lidar com esse passado. Apesar de existir "forte registro da memória social da escravidão e da ocupação territorial" (idem), muitas vezes existe a recusa ao auto reconhecimento como quilombola. (LIFSCHTZ, 2011, p.42).

Apesar dos esforços da ARENQUIM, em parceria com outros grupos externos, a construção de uma identidade quilombola é uma tarefa difícil, uma vez que há uma recusa em relação à identificação devido ao valor negativo que existe em relação a essa identidade, e, também, porque o valor da terra se modificou ao longo dos anos. O valor que antes era de uso, passando sob influência da chegada do capital, passa a ser de troca. Desestruturando a relação entre homem-terra e, consequentemente, homem-trabalho, pois, "o significado da terra é o significado do trabalho e o trabalho é significado de família" (WOORTMANN,1990,p.43 apud SANTOS, 2009).

A territorialidade quilombola possui suas raízes nas relações de parentesco, baseadas na unidade familiar, na divisão do trabalho comunitário baseado em laços de solidariedade e em um sistema de produção autônomo e livre. A liberdade quilombola, sua possibilidade de sobrevivência autônoma, é profundamente ligada à terra, uma vez que a manutenção da comunidade se dá pela coletividade da mesma.

A herança da terra possibilitará a continuidade do Mesquita, que até hoje, apesar de ser reconhecida como comunidade quilombola, ainda está ameaçada. Porém, segundo umas das lideranças, Sandra Pereira Braga, o quilombo suporta as pressões externas principalmente porque quem possui a maior parte das terras quilombolas, passadas por herança, são conscientes da importância da resistência perante o mercado imobiliário como forma de permanência da comunidade.

No Mesquita observa-se a emergência de uma territorialidade negra e camponesa, que se traduz "na fronteira que define o pertencimento ou não à comunidade" (SANTOS, 2009, p. 6). Territorialidade negra, pois, se constrói dentro de suas fronteiras étnicas, reconhecendo quem é ou não quilombola, segundo critérios de parentesco. "Esses critérios além do parentesco passam pela negritude, visto que negros não nascidos em Mesquita foram considerados de dentro, enquanto brancos que se casaram com os dentro não são" (idem). A família é base da organização produtiva e "é quem provoca a existência de outras relações de produção", como observa Tavares dos Santos (1984, p.34)" (idem).

Esse aspecto pode ser observado no valor que os filhos tinham no trabalho no campo. Além de mais mão de obra, o trabalho era importante forma de socialização dos saberes e valores da comunidade. E é, uma vez que a produção possui papel central na reprodução da comunidade, "é pelo trabalho que se constrói a família, é pelo saber "técnico" que ela se faz e é o controle sobre esse saber que faz a hierarquia do grupo doméstico" (WOORT-MAN, 1997, p.12, apud SANTOS,2009).

A desestruturação das formas tradicionais de produção possui forte consequência nas relações entre as diferentes gerações. Apesar das lideranças terem assegurado que a juventude do Mesquita é muito amável e que o que falta é acesso à educação, observa-se também um distanciamento da mesma, uma vez que se reclama que o desinteresse das mais novas gerações é um dos motivos para o enfraquecimento de práticas como os mutirões.

O Brasil sofreu alterações demográficas, com a mudança da capital federal, uma vez que seu território deixou de ser majoritariamente rural e passou a ser mais urbano. O impacto dessa implementação, demograficamente, foi a atração de migrantes para diversas partes do território nacional.

A construção de Brasília gerava, intrinsecamente, regiões periféricas, que formavam as Cidades-Satélites - hoje, Regiões Administrativas (RAs) – que eram ocupadas por operários e trabalhadores da construção do Plano Piloto. Ou seja, a constituição espacial de Brasília aconteceu pela parte central – Plano Piloto – e os outros assentamentos, que foram denominados de cidade-satélite, não eram entendidas como cidades.

A segregação, cada vez mais latente, parte pelas limitações do Estado em atender demandas de casas populares, parte pela diminuição de postos de trabalho na construção civil, a partir do avanço da implementação da nova capital. Houve aí, a forte presença e aumento da especulação imobiliária nos terrenos que foram incorporados à área urbana do Distrito Federal. Sendo assim, a população de baixa renda, mais uma vez, foi segregada e empurrada para terrenos fora do DF, ocupando terras invadidas ou terrenos regularizados.

Essas áreas absorvem a população que trabalha no centro urbano de Brasília e que não consegue se inserir no mercado habitacional, devido à essa especulação.

Por abrigar parte da população que trabalha no centro, há uma dinâmica viária, que se tornam vetores de expansão urbana, através dos eixos rodoviários que abrangem as regiões ocupadas fora do centro urbano de Brasília.

Com a expansão de Brasília e a construção da Cidade Ocidental, o quilombo vem sendo assediado também por grandes empreiteiras, que pretendem construir condomínios, e por um grande número de pessoas, moradores do distrito federal, que compram frações de terra para a construção de casas de “fim de semana” (CARVALHO, 2015, p.31).

Atualmente, o território proposto para o Quilombo Mesquita tem recebido um intenso processo de especulação imobiliária. Isso tem se dado por diversos fatores, dentre eles se destaca: a presença de um quilombo rural entre dois núcleos urbanos de Cidade Ocidental; e a comunicação viária através da rodovia DF-140/GO-521 que sai da área urbana de Cidade Ocidental, passa pelo Mesquita e dá acesso as Regiões Administrativas Brasilienses de Santa Maria e São Sebastião, ocupadas basicamente por condomínios horizontais de classe média. (AGUIAR, 2015, p. 08).

A cidade Ocidental e cercanias recebem maciços investimentos imobiliários e tais investimentos ocorrem devido à instalação dos condomínios Alphaville Brasília Residencial e do Damha Residencial Brasília, no bairro Jardim ABC, e temos outros loteamentos dentro do território como o Jardim Edite e o Nova Cannãa e que fazem fronteira com a área como o Residencial Dom Bosco.

Dentro do território, o Grota d’Água, o Nova Cannãa e o Bem-te-vi são definidos com condomínio rurais, onde se veem a instalação de chácaras para Lazer e o Jardim Edite como loteamento urbano, de acordo com o relatório fundiário emitido pelo INCRA, porém, diferente da ocupação nos condomínios rurais, o Jardim Edite é ocupado em sua maioria por pessoas de baixa renda.(PAULINO, 2017, p. 79).

No contexto atual do capitalismo, “a globalização da sociedade e da economia gera a mundialização do espaço geográfico, carregando-o de novo significado” (S. Anim, 1980, p.226 apud SANTOS, 2014b, p.32). A partir do momento que se introduzem novas técnicas no espaço, uma nova realidade e faz presente o que leva a sua revalorização na qual “cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor (SANTOS, 2014b, p.33). Nessa nova realidade, de divisão mundial do trabalho, cada vez mais os espaços se aprofundam na lógica da especialização da produção capitalista, e cada vez mais se tornam dependentes a outros espaços. Nessa lógica, pautada na racionalização baseada nos processos técnicos científicos na busca de lucros, o campo também passa a “beneficiar-se dos progressos científicos e tecnológicos”(--SANTOS, 2014b, 47). Observa-se uma crescente e irreversível mecanização do campo, que expulsa os meios tradicionais de lida e cada vez mais impossibilita a competição entre forças assimétricas.

Essa mundialização, criada “para atender as necessidades da nova maneira de produzir” (SANTOS, 2014b, p.52) suprime a as realidades exógenas a essa forma de produção se impondo sobre todas as localidades. A crescente interdependência entre espaços leva a “crescentes relações com áreas cada vez mais distantes” o que suprime “as veleidades de autonomia” (idem). Cada espaço atende a uma etapa do processo de divisão mundial do traba lho, comunidades como o Mesquita, autônomas e externa a essa realidade, passam a se tornar cada vez mais dependentes do capital. Podemos observar isso no processo histórico da comunidade, que a partir da década de 70, com a criação da Cidade Ocidental, passa a ser cada vez mais cercada pela influencias externas geradas pelo capital. É nesse período que começa o “o rápido crescimento de loteamentos ao redor do povoado Mesquita vem causando sobremaneira a venda de terras de herança dos negros mesquitas, bem como a introdução de outros valores e modos de vida” externos a realidade tradicional da comunidade (SANTOS,2009, p. 15).

Segundo Milton Santos, “os espaços dos países subdesenvolvidos caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e reorganizarem--se em função de interesses distantes e mais frequentemente em escala mundial” (SANTOS,2008, p.20). Devido as desigualdades sociais o espaço é seletivo, o que “resulta uma grande instabilidade na organização do espaço com repetidos desequilíbrios e ajustamentos” (ibid, p.21). Nessa lógica em que o espaço é configurado por forças completamente externas as realidades locais, “quanto menos a escala do lugar, mais numerosos são os impactos” (idem).

As técnicas, veículos do movimento de modernização, “são utilizadas em toda parte sem consideração a realidades econômicas e sociais diferentes” o que resulta em “distorções e desigualdades em todos os lugares” (SANTOS, 2014a, p.39). A introdução desses espaços tradicionais na

lógica da divisão internacional do trabalho leva a uma profunda desestruturação dos laços sociais uma vez que significam a relação do homem com o seu trabalho e consequentemente com a terra, o lugar. O desenvolvimento das forças produtivas agora se dá em escala planetária e funda novas condições de realização da vida social conduzidas “através dos Estados e das corporações gigantes e firmas transnacionais” (SANTOS,2014a, p.17).

A mudança da forma de produção tradicional, baseada no trabalho familiar e comunitário, é fundamental para a desestruturação de comunidades tradicionais. Pois, “com a produção humana há a produção do espaço” (SANTOS, 2014b,p.70). O homem modifica o espaço por meio de objetos que permitem a sua existência no tempo sustentada pelo fruto do seu trabalho. “Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas” (idem).

Imagem 05: Dona Joana Benedito, produtora de marmelo, raizeira, benzedeira e parteira.
Fonte: Facebook do Quilombo Mesquita.

o racismo, as formas de biopoder e o urbanismo bioplítico

Em um país de extrema desigualdade como o Brasil, o racismo é fator estruturante da sociedade. Tendo suas origens pós escravatura o “ideário de racista se estrutura enquanto discurso pautado em pressupostos de inferioridade biológica dos negros”. Atribuiu-se ao negro uma miríade de estereótipos negativos os quais estabeleciam uma condição de subalternidade” (JACCOUD apud ABREU, 2009 p.36). Em uma sociedade hierárquica, o projeto de branquecimento da população é “associado ao princípio de que somente um país branco seria capaz de realizar os ideais do liberalismo e do progresso” (THEODORO apud ABREU,2009,p.37).

As teorias racistas da elite brasileira cristalizam-se em desigualdades raciais ancoradas no ambiente político-jurídico. “A crença da superioridade branca fortalece a tese do branqueamento, que passa a ser vista como a salvação do país” incorporada a um projeto nacional racista que possuía como objetivo eliminar o negro. A teoria do branquecimento, a partir da valorização da mestiçagem, “acreditava que em pouco tempo o negro deixaria de existir em prol do desenvolvimento do Brasil” (THEODORO apud ABREU,2009,p.37). Após a década de 1950, consolida-se a o mito da democracia racial, que apesar de enaltecer a figura do povo brasileiro e toda sua diversidade, invisibiliza o negro. Esse ideal romantizado de “harmonia social brasileira tão decantada e cristalizada no imaginário popular não contribuía para a eliminação da inferioridade atribuída aos negros” (THEODORO apud ABREU,2009,p.37).

Os conceitos de biopolítica e biopoder surgem da genealogia dos micro-poderes disciplinares, que visam a administração do corpo individual. Foucault desenvolve esses conceitos ao perceber que, ao longo do século XVIII e na virada do século XIX, o Estado passa a exercer, sob o pretexto de políticas estatais, o controle sobre a administração da vida e do corpo da população.

A sociedade se torna objeto da atuação do poder, que não mais trata apenas em disciplinar as condutas individuais, mas que, também, pretende regular a conduta da espécie humana, a partir do momento que controla a vida. O poder passa, especialmente após o século XIX, a estabelecer um gerenciamento da vida das populações. Observa-se uma mudança no exercício

do poder soberano, que deixa de se afirmar como poder que mata a vida, e se torna um “um poder que gere a vida”. Agora importa ao poder estatal criar políticas públicas que higienizariam a população. Surge uma compulsão pelo controle purificador da vida.

Para Foucault, este cuidado pela vida de alguns, carrega em si a necessidade de extermínio em massa de outros, pois é apenas por meio de mecanismos de supressão, por meio de violência, que se pode garantir a sobrevivência de um dado grupo favorecido pelo poder. Sendo assim, a partir do momento que o soberano é incumbido da tarefa de “fazer viver”, em certos setores da sociedade cresce a necessidade do travamento de guerras e genocídios. Segundo Foucault (1999, p.122):

> As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos (...). Os massacres se tornaram vitais.(...). Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços da população.

A melhoria de vida da população tem como consequência a produção da morte de comunidades tidas como ameaça para a mesma. No biopoder, aqueles que constituem perigo biológico para os outros são mortos legitimamente (FOUCALT,1999). O racismo passa a ser doutrina política dos estados, e é justificado em nome da preservação, crescimento e purificação da vida. É por ele que uma série de conservadorismos da sociedade são justificados a partir do momento que é criada uma medida biológica para quem deve ou não viver. “A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça inferior (...) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia”. O biopoder, para a criação e manutenção da vida de certa população, tem como necessidade a imposição do genocídio dos corpos considerados fora do organismo social.

O discurso do mito da democracia social, invisibiliza a percepção do impacto do racismo na estrutura da sociedade brasileira, impedindo o surgimento de uma real democracia. A naturalização social da condição de inferioridade coloca o negro em desvantagem no processo de competição conferindo a ele menos mobilidade social. (ABREU, 2009, p.38).

Desenvolve-se na Europa uma nova tecnologia de poder, a qual também se expressaria na gestão territorial e de circulações de populações. Apesar de Foucault não ter dado muita atenção ao mundo colonial, “foi nesses espaços coloniais que as estratégias de relocalização de populações atingiram uma dimensão inédita” (LIFSCHITZ,2011, p.32). Com as missões, inaugura-se essa prática, que vemos se repetir ao longo da história com o controle e supressão de muitas comunidades tradicionais. O caso quilombola se insere nesse mesmo cenário, de desrespeito aos seus territórios e a instabilidade criada por agentes externos.

A população negra sofre a discriminação racial de forma direta e indireta. Por meio de atos concretos, discriminação e exclusão em razão da cor e como “resultado de práticas administrativas, empresariais ou de políticas públicas aparentemente neutras, entretanto na prática tem um grande potencial discriminatório.” (ABREU, 2009, p.38). A discriminação indireta, “a forma mais perversa de discriminação, pelo caráter dissimulado”(JACCOUD & BEGHIN, apud ABREU, 2009, p.39), torna-se visível pelos indicadores de desigualdade entre os grupos.

O exercício da cidadania se faz real quando o homem possui acesso aos seus direitos, e assim pode explorar livremente suas capacidades. A desigualdade racial se reflete nos indicadores sociais, a estrutura racista deste país causa “fortes impactos sobre a população negra nos diversos aspectos da vida cotidiana”(ABREU,2009,P.39).

É evidente que em um país onde a expectativa de vida de um homem negro é 1,73 anos menor que a de um homem branco, devido ao aumento de um fator denominado “violência letal”, homicídios, há uma dívida histórica a ser paga. O racismo impede que a população tenha acesso aos seus direitos básicos e, consequentemente, a realização plena da sua cidadania. É imprescindível a afirmação de políticas públicas necessárias para o enfrentamento da desigualdade racial.

Diante da dominação que se tentou exercer através do argumento da inferioridade da raça, dos estigmas e exclusão social, de acordo com Leite (1999, p.140) o termo quilombo “vem expressar a necessidade de parte da sociedade brasileira de mudar o olhar sobre si próprio, de reconhecer as diferenças que são produzidas como raciais ou étnicas”. Os quilombos, que representam a luta dos negros contra a opressão e a violência, foram criados como movimento de resistência ao sistema escravagista, de uma complexa dinâmica iniciada pelo período colonial e em busca de liberdade.

A resistência dos quilombos vem da ideia de luta, conflito, embate, e seus territórios representam hoje a própria biopotência para esses grupos, porém os territórios quilombolas localizados nas proximidades a grandes empreendimentos ou na franja urbana estão ameaçados também pelas políticas urbanas, baseadas na financeirização do espaço, lembrando Foucault (2000): não é apenas o estado que exerce o seu biopoder sobre os corpos, mas também as economias de mercado dominadas pelo neo-liberalismo pós-guerra.

No contexto da metrópole contemporânea, o Quilombo Mesquita sofre ameaças do urbanismo neoliberal ou urbanismo biopolítico, mas por outro lado, a produção do espaço comum, entendida como “práxis instituinte”, da herança histórica coletiva se torna um dispositivo biopotente na luta contra a expropriação dos direitos conquistados.

As cidades emergem da concentração social e geográfica do produto excedente (HARVEY, 2012, p.74). Se antes prevalecia o valor de uso, a conjuntura atual impõe a totalidade dos espaços, a predominância do valor de troca (LEFEBVRE, 2001). Porém, a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ou subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 2001, p.14). Porém,

> a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ou subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 2001, p.14).

Com processo de globalização da sociedade e da economia e meio geográfico se mundializa, esse processo leva a sua ressignificação (S. AMIM, 1980, p. 226, apud SANTOS, 2014, p.32). “A cada divisão do trabalho, muda o uso do território, em virtude dos tipos de produção, (...) atribuindo valores novos aos objetos preexistentes” (SANTOS,2014, p.124). O espaço se reorganiza para atender às necessidades do capital que impõe, atribuindo à urbanização um papel ativo “na absorção do excedente que os capitalistas produzem perpetuamente em sua busca pelo lucro” (HARVEY, 2012, p.75).

Nesse movimento continuo de transformação do espaço ao gosto do mercado, os espaços nos países subdesenvolvidos “caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e reorganizarem em função de interesses distantes” (SANTOS,2008, p.20). Essas forças são seletivas em relação a sua atuação do espaço, uma vez que a “seletividade social age como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativamente e quantitativamente”(iden, p.21).

Essa seletividade também influencia no valor do homem, uma vez que “o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende da sua localização no território”(SANTOS, 2014, p.107). Seu valor varia em relação à acessibilidade que o indivíduo possui. “O homem-cidadão, isto é, o indivíduo como titular de deveres e direitos, não tendo mesmo peso nem o mesmo usufruto em função do lugar em que se encontra no espaço total”(SANTOS ,2014, p.112).

O processo de urbanização possui relação próxima com o desenvolvimento do capitalismo, uma vez que esta depende da mobilização do excedente de capital. “A urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre a sua distribuição repousa em poucas mãos”(HARVEY, 2012, p.74). No estágio atual de divisão mundial do trabalho, a urbanização sofre um uma transformação de escala e se torna global, uma vez que a absorção de capital e a economia se mundializam. (idem, p.79). “Se um lugar não é fisicamente tocado pela fora do homem, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas” (SANTOS, 2014, p.71), “o império cultural se torna cada vez mais marcante e significativo” (idem) e o processo de urbanização impõe as localidades novos produtos e estilos de vida (HARVEY, 2012, p75).

Nesse movimento continuo de transformação do espaço ao gosto do mercado, os espaços nos países subdesenvolvidos “caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e reorganizarem em função de interesses distantes” (SANTOS,2008, p.20). Essas forças são seletivas em relação a sua atuação do espaço, uma vez que a “seletividade social age como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativamente e quantitativamente”(iden, p.21).

Essa seletividade também influencia no valor do homem, uma vez que “o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende da sua localização no território”(SANTOS, 2014, p.107). Seu valor varia em relação à acessibilidade que o indivíduo possui. “O homem-cidadão, isto é, o indivíduo como titular de deveres e direitos, não tendo mesmo peso nem o mesmo usufruto em função do lugar em que se encontra no espaço total”(SANTOS ,2014, p.112).

O processo de urbanização possui relação próxima com o desenvolvimento do capitalismo, uma vez que esta depende da mobilização do excedente de capital. “A urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre a sua distribuição repousa em poucas mãos”(HARVEY, 2012, p.74). No estágio atual de divisão mundial do trabalho, a urbanização sofre um uma transformação de escala e se torna global, uma vez que a absorção de capital e a economia se mundializam. (idem, p.79). “Se um lugar não é fisicamente tocado pela fora do homem, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas” (SANTOS, 2014, p.71), “o império cultural se torna cada vez mais marcante e significativo” (idem) e o processo de urbanização impõe as localidades novos produtos e estilos de vida (HARVEY, 2012, p75).

Se a cidade é

> a tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mudo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo (PARK, 1967, p.3, apud HAR--VEY, 2012).

Observa-se, no contexto atual, onde as decisões em relação a construção da cidade são, na maioria das vezes, externas as realidades locais e as

decisões do Estado favorecem ao capital e não as questões sociais, é "deixado ao quase exclusivo jogo do mercado, o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadãos"(SANTOS, 2014b, p.59).

Em um contexto "onde os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõe a todas as outras noções de direito"(HARVEY,2012,p.73), as cidades passam a ser criadas para serviço da economia e não da sociedade, perdendo cada vez mais seu valor de uso. A cidade passa cada vez menos a representar uma obra, pois "esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos"(LEFEBVRE,2001,p.12). Como produto, o valor de troca se sobrepõe sobre o de uso, transformando a cidade em mais uma mercadoria do capitalismo.

Ao longo do tempo, a sociedade cria novos modos de produção, essas formas de trabalho, por meio de sistema de objetos e sistemas sociais, marcam a paisagem. Como um resultado de adições e subtrações de objetos, observa-se na paisagem "uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas"(SANTOS,2014b, p.74). Se paisagem é resultado do trabalho corporificado em objetos culturais (idem) e a técnica não está desatrelada das relações sociais, é de fundamental importância desvendar a dinâmica social para compreender o movimento da paisagem. Observa-se na cidade neoliberal uma certa assimetria entre as forças produtoras do espaço, que expressa nela a constante luta de classes.

Relegar a construção do espaço a forças externas, rompe com as realidades locais. E "o predomínio de uma visão imobiliária da cidade, que impede de enxergá-la como uma totalidade"(SANTOS, 2014a,p.61). A redução do direito de morar ao direito à propriedade privada, "é um discurso ideológico cheio, às vezes, de boas intenções e, mais frequentemente, destinado a confundir os espíritos"(idem).

Enquanto não houver mudanças no processo produtivo, "cujos resultados ofendem, expulsam e desenraizam as pessoas"(idem), não há lei que realmente assegure o direito à cidade. Este, segundo Harvey(2012), extrapola o direito à liberdade individual de acesso a recursos urbanos, "é o direito de mudar a nós mesmos pelas mudança da cidade", é um direito comum pois significa um esforço coletivo de participação nos processos de urbanização. "A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é (...) um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos"(ibid, p.74).

De acordo com Santos (2012), a nova realidade geopolítica alterou o cotidiano da comunidade que, com a expansão da ocupação da periferia, se encontrava a apenas 8km do centro da Cidade Ocidental. A especulação imobiliária na região está desarticulando e ameaçando as formas tradicionais de uso e ocupação do território, alterando os valores identitários, materiais, imateriais e simbólicos.

caracteristícas da comunidade

A 60km de Brasília, encontra-se a Cidade Ocidental, município do Goiás, onde está inserido o território quilombola. Segundo dados do IBGE, no censo de 2010, a sua população era de 55.915 pessoas, 43.613 habitantes da zona urbana e 12.270 na zona rural.

Apesar de apresentar um PIB per capita de R$10.000,82, observa-se uma baixa média de renda, com os trabalhadores formais recebendo em média 2,2 salários mínimos, e 33,4% da população recebe até 1 salário mínimo. Aproximadamente 27%, 15.399 pessoas, da população se desloca para outros locais a fim de exercer seus trabalhos.

Observa-se a existência de uma economia voltada para a pecuária e agricultura, sendo grande parte do seu território ocupado pela zona rural. Há uma crescente pressão do mercado imobiliário, que se traduz, no Plano Diretor da Cidade Ocidental(2016), na designação de uma Macrozona Urbana sobre o território quilombola.

A Macrozona Urbana prevê futuros projetos de habitação popular e passa a definir uma zona rural como urbana, não permitindo que os quilombolas ocupem novas áreas além das previamente ocupadas. E, segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo (CIDADE OCIDENTAL, 2016), permite a construção de residências multifamiliares, como prédios de apartamentos e casas, ou prédio de apartamentos em condomínio urbanístico.

Fica claro o desrespeito em relação ao território quilombola na legislação municipal, uma vez que se abre a possibilidade de sua ocupação por condomínios fechados e prédios multifamiliares, o que fortalece ainda mais os interesses de não quilombolas que se encontram no território. O Estado mais uma vez se alinha com os interesses do mercado, desconsiderando os direitos das comunidades tradicionais brasileiras.

Segundo o Plano Diretor (2016), foi definida como Zona Urbana Especial, ZUE, "as terras indicadas como ocupadas pelos quilombolas, conforme

mapa do (...) RTID, além das manchas de vegetação hidrografia e sistema viário existente" (CIDADE OCIDENTAL, 2016, p.32). Após a conclusão do processo de emissão do título de propriedade coletiva pelo INCRA, o perímetro da ZUE poderá ser modificado pelo identificado na titulação, passando a ser descrito como Macrozona Rural Especial, MZRE.

As diretrizes urbanísticas para a Zona Urbana Especial, segundo o artigo 88, são:

- I - preservar, recuperar e valorizar o Patrimônio Cultural da comunidade, autorreconhecida como remanescente das Comunidades de Quilombos, respeitando e distinguindo seus valores tradicionais;
- II - promover e estimular as atividades agrícolas de caráter familiar ou comunitário, valorizando o associativismo e o cooperativismo;
- III - promover a implantação dos equipamentos e serviços públicos;
- IV - incremento da fiscalização a fim de coibir atividades predatórias, inclusive o desmatamento ilegal de áreas de vegetação nativa e remanescente (CIDADE OCIDENTAL, 2016).

Apesar das diretrizes apresentarem um discurso de proteção à comunidade quilombola, observa-se o descaso da legislação em relação ao território Mesquita. Traçar zonas de expansão urbana dentro de seu território é o aval jurídico necessário para a consolidação da presença do setor imobiliário na região. Se o processo de urbanização é um fenômeno de classe (HARVEY, 2012), fica claro a quais o Estado favorece.

Observa-se no território a crescente degradação ambiental, que se agrava com a progressiva expansão do agronegócio e do urbanismo espraiado dos condomínios de luxo. A região pouco ondulada e de terras férteis oferece fortes atrativos para o esse tipo de produção. Há "neste contexto, mesmo dentro do território pleiteado pelos habitantes de Mesquita e delimitado pelo Incra, empreendimentos de grande porte destinados tanto à produção

Mapa (08) do Zoneamento do Plano Diretor da Cidade Ocidental previsto dentro o território do Quilombo Mesquita delimitado pelo RTID.
Fonte: Mariane Paulino (2017).

de grãos, quanto às atividades de pecuária." (RATTS, AGUIAR, DA SILVA, 2014, p.88).

Outro fator importante para o fortalecimento desse tipo de ocupação, além da influência dos dois núcleos urbanos próximos ao território quilombola, é a presença de rodovias como a "DF-140/GO-521, a qual sai da área urbana de Cidade Ocidental, passa pelo Mesquita, e dá acesso às regiões administrativas brasilienses de Santa Maria e de São Sebastião, ocupadas basicamente por condomínios horizontais de classe média" (AGUIAR, 2013)

A degradação ambiental gerada por esse tipo de ocupação causa "impactos diretos no modo de viver deste povo tradicional", uma vez que "a relação existente com o território, a terra e os recursos naturais são de vital importância para a comunidade" (PAULINO, 2017). Observa-se o contraste nítido entre a paisagem criada pelos dois tipos de ocupação. Nas áreas predominantemente ocupadas por quilombolas, nota-se a presença da vegetação muito mais densa e preservada. A escolha de onde ocupar o território, tradicionalmente feita pela comunidade, além de ter profundas relações com os laços de parentesco, também estava intimamente ligada com a presença de recursos naturais que possibilitassem meios de manutenção da vida. Uma vez que se necessitava da produção de subsistência, era imprescindível a preservação dos recursos naturais.

Se a "paisagem é uma escrita sobre a outra, um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos" (SANTOS, 2014b,p.73), ficam claras quais as heranças que as forças do mercado, apoiadas pelo Estado deixarão. Os objetos artificiais resultam do trabalho corporificado, são objetos culturais que carregam significados. E é na velocidade que a técnica atinge os lugares que se dá o movimento de transformação da paisagem, "um movimento que pode ser mais ou menos rápido" (idem, p.75). O surgimento das formas não se dá apenas pelas possibilidades técnicas, elas dependem também de outras condições – econômicas, políticas, culturais, etc. Apesar do papel importante da técnica "não tem existência histórica fora das relações sociais" (idem).

O entorno vivido pelo homem é matriz de um processo intelectual. O homem compreende seu lugar, o mundo e sua relação com os demais. O distanciamento do homem em relação à construção do espaço "é sede de uma vigorosa alienação" (SANTOS, 2014a, p.81). Desestruturando as profundas relações dos quilombolas com o seu meio e, consequentemente, transformando o meio em fonte de alienação cultural. A cultura é uma herança, um "reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver" (idem). Transformar o meio é introduzir novos elementos modificadores dessa cultura. A expansão de formas de produção modernizadoras, sobrepondo-se as formas tradicionais de organização quilombola, transformando sua forma de compreender o mundo e, consequentemente, a si.

Segundo o RTID, o território é ocupado por 1299 indivíduos, formando 785 famílias e é composto por 4.292,89 ha. A chegada das forças modernizantes, com a expansão capital, contribuiu para a migração de inúmeras famílias, uma vez que dificultou seu acesso à terra. O território, que antigamente se estendia muito além do que hoje é reconhecido, é delimitado pelo Ribeirão Água quente e Córrego Mesquitão, pela rodovia 521, o Jardim ABC e o Loteamento Dom Bosco.

As rodovias presentes no território contribuem para a expansão do perímetro urbano, possibilitando seu crescimento no território quilombola. Alterando o cotidiano da comunidade, uma vez que, nesse "processo de apropriação das terras quilombolas, a especulação imobiliária resultou em compra de terras (...) e a comunidade também viu seu território ser ocupado por pessoas não pertencentes ao grupo" (PAULINO, 2017, p.74), trazendo novos modos de vidas conflitantes com os modos de vida, saberes e identidades quilombolas.

É incontestável que a modernidade trouxe maior qualidade de vida, maior conforto, mas o que se observa no Mesquita é a sua distribuição desigual, como podemos observar na escassez de serviços existentes na comunidade. O Mesquita possui uma escola de ensino fundamental e um posto médico implantado com o Programa Saúde da Família, demais necessidades devem ser sanadas nos núcleos urbanos mais próximos. Observa-se o descaso do Estado com a comunidade, uma vez que não possibilita aos seus habitantes o acesso rápido e de qualidade aos seus direitos básicos.

A Escola Aleixo Pereira Braga atende a 400 crianças quilombolas e das proximidades, como o Jardim Edite e ABC. Alguns professores são quilombolas e existe um esforço em inserir a discussão sobre a história da África e os africanos no Brasil. A escola também conta com uma pequena biblioteca.

O posto médico, além da comunidade quilombola, também atende as proximidades. Possuía médico e enfermeira três vezes por semana e os casos de maior complexidade eram levados para outros hospitais na Cidade Ocidental. Hoje, segundo relatos das lideranças, o posto encontra-se sem médicos.

Imagem 06: Posto de saúde do Quilombo Mesquita. Fonte: autora.

justificativa

Ao observar o histórico de desenvolvimento das comunidades quilombolas, particularmente no estado de Goiás, percebe-se que a realidade socioeconômica destas é alarmante. A especulação imobiliária, aliada à falta de planejamento e infraestrutura, coloca a comunidade em constante distanciamento de seus valores tradicionais, não pertencimento à terra e empoderamento de sua cultura. Essa vulnerabilidade nega os direitos a esse povo, e a fragmentação de seu território, o fortalecimento de criação da mala viária concomunados com loteamentos e construção de condomínios particulares vêm aumentando a dissipação de sua área. Aquém desta corroboração para a fragmentação de seu território, percebe-se a importância da busca pela apropriação de seu povo, pelo seu território e preservação e manutenção de seu espaço.

Diante de tal percepção, justifica-se este trabalho, na necessidade e importância de salvaguardar o acesso ao território, e também a melhoria e resgate de qualidade de vida, pertencimento, visibilidade e empoderamento da cultura negra e quilombola, representativa da nossa sociedade e da parte patrimonial e histórica pertencente a essa comunidade.

Na Metodologia do Grupo de Pesquisa e Projeto de Extensão PEAC- Periférico, em que este trabalho está inserido, o processo participativo é uma etapa importante para a elaboração dos projetos, pois envolve mobilização e aprendizagem com a construção de uma parceria entre os envolvidos, tanto usuários quanto quem o está o expressando. Este processo traz um melhor entendimento das demandas e anseios tanto quanto um melhor entendimento do território e das pessoas com o mesmo. De acordo com Sanoff (2010). o processo participativo envolvendo a comunidade faz com que estes indivíduos se sintam mais capacitados. proporcionando um processo de discussão e reflexão sobre as discussões. (Mariane, 2017, p. 28).

Além da maior oferta de serviços básicos, foram levantadas outras necessidades da comunidade. O processo foi realizado por Mariane Paulino, em seu Trabalho Final de Graduação, com a temática de “Planejamento Afrorrural Quilombo Mesquita – Escalas para a preservação territorial e identitária” em 2017. Orientado pela Professora Liza Andrade, na Universidade de Brasília.

Inicialmente foi realizado um inventário participativo de patrimônios culturais baseado na metodologia do IPHAN. O inventário participativo foi pensado buscando a mobilização e envolvimento dos grupos sociais a fim deestimular o entendimento da cultura como um processo dinâmico de socialização e fortale-

cimento da identidade cultural e memória que contém esses grupos sociais. Sendo um povo tradicional, as comunidades remanescentes de quilombo têm como parte do seu processo de constituição as tradições advindas da cultura africana.

O processo metodológico para aplicação do inventário no Quilombo Mesquita consistiu inicialmente em identificar dentro da comunidade alguns perfis que captassem diversos grupos que formam a comunidade, para que abrangência e multiplicidade identificassem de modo igualitário as referências culturais presentes. Fazem parte do inventário quilombolas famílias tronco iniciais do quilombo e membros que vieram de outras localidades, indivíduos ativos socialmente nos grupos e atividades e membros que não fazem parte das atividades da associação, uma abrangência de idades que permite tratar com diferentes gerações, entre outros, é necessária a integração de diversos agentes da comunidade.

Investigar, pesquisar e coletar informações sobre as referências culturais que fazem parte da comunidade são parte importante deste processo, através de conversas e entrevistas com os membros da comunidade, o objetivo final não consiste em um instrumento de identificação de reconhecimento oficial, contudo consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo histórico-cultural. Durante o processo, foi perceptível a tomada de consciência por parte de alguns membros acerca do patrimônio e das referências culturais da comunidade e como – e se – havia alguma ação de preservação e manutenção destes.

As categorias abrangidas pela pesquisa foram: (1) lugares, (2) celebrações, (3) formas de expressões e (4) saberes, onde em cada categoria se busca descobrir a referência da comunidade em cada aspecto, identificando e relatando a maneira como os indivíduos o percebem.

Mariane Paulino procurou estudar as questões pungentes relativas à regulamentação fundiária, infraestrutura, patrimônio e identidade cultural, com o auxílio e participação da comunidade, alinhando-se as Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a partir de pesquisas realizadas junto ao INCRA e nos documentos existentes bem como do desenvolvimento de um inventário participativo de patrimônios culturais baseado na metodologia do IPHAN.

Num primeiro momento, na escala macro foi elaborado um Plano Afrorural para o Quilombo Mesquita, que consiste em um planejamento territorial por meio de mapas desenvolvidos com a ferramenta ArqGIS, com base nos Dados do Sistema de Informação do Estado de Goiás, do IBGE e do RTID do INCRA. Considerou-se a situação pós-titulação, incluindo a área ocupada por não-quilombolas, identificando a necessidade de desocupação para uso da comunidade, incorporando as famílias que hoje se encontram fora do território. Na escala micro, foi desenvolvido um planejamento espacial do núcleo central, um mapa de ocupação com áreas de utilização e áreas de construção, num raio de 250 metros a partir da esquina de onde fica o campo de futebol.

A partir do envolvimento com a comunidade, foi possível levantar algumas demandas em um dos seus encontros, onde os principais participantes foram: Manuel Neres, Walisson Braga e Sandra Pereira Braga. Que se expressaram e manifestaram seus desejos, para o melhor de toda a comunidade. As principais demandas são:

- Capela de Nossa Senhora da Abadia, anexo da Igreja

Objetivo: Retomar o espaço de memória quilombola para esse local. Apropostа é um museu colaborativo que conte a história de ocupação e de personagens importantes para o local. A Capela foi construída coletivamente pelos quilombolas e possui grande representatividade para os descendentes.

- Casarão de Aleixo Pereira Braga (em desuso)

Objetivo: Restauração do casarão do século XIX, que possui estruturade adobe e é um dos poucos que ainda restam no território. A proposta para o local é um espaço de memória do fazer e desfrutar quilombola, espaços para feitura dos doces em fornos de barro.

- Área ocupada por não quilombola

Objetivo: Usar o espaço para a construção de um centro de vivência, onde possam ter espaços de multiusos, sendo eles: capacitações, sala de estudos, sala de informática, biblioteca e atividades de cunho cultural e social. A proposta é um Centro de Capacitação e Convivência, trazendo consigo referências identitárias quilombolas/africanas.

- Descampado em frente à Igreja

Objetivo: Criar uma praça, que remeta a maneira de ocupar espaço e tenha características quilombolas/africanas, um espaço público voltado para a con-

vivência, encontro e interação entre moradores, que não existe atualmente na comunidade. Uma estrutura para feira, onde os moradores possam vender seus produtos aproveitando o incentivo do Selo Quilombola concedido para o Mesquita.

Levando em conta as demandas apresentadas e as afinidades de cada uma das residentes responsáveis pelo progresso deste trabalhado, foi escolhido pelo desenvolvimento de um projeto junto à comunidade para as demandas do Casarão de Aleixo Pereira Braga, sob a responsabilidade de Cyntia Temoteo da Costa Silva, e do descampado, com Amanda Alves Sicca Lopes.

A praça, no descampado em frente à Igreja, além de uma escolha pessoal da residente, já que possui grande afinidade com o projeto de áreas públicas, foi levada em conta a total falta de espaços de encontro para a comunidade. Apesar de estes acontecerem geralmente dentro de espaços privados, observa-se uma crescente demanda para espaços públicos que proporcionem condições adequadas para a congregação na comunidade.

Hoje, segundo relatos das lideranças, existe um abaixo assinado cobrando do governo da Cidade Ocidental a construção de uma praça. E é fundamental que o Quilombo tenha de contra partida um projeto para que não se construa mais um espaço estandardizado e sem qualidade como geralmente são feitos pelo governo. A praça tem, não só pela sua localização, central, um grande potencial de se tornar, além de um ponto de encontro, um forte símbolo da resistência Quilombola e de sua afirmação no território e é estratégico que o Mesquita possua um projeto com “a sua cara” e que responda aos anseios da comunidade.

Imagem 07: Vista de drone da Igreja de Nossa Senhora d’Abadia. Fonte: Lucas Parahyba.

Imagem 09: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

objetivos

O objetivo deste trabalho foi buscar atender as demandas de assessoria técnica no Território Quilombo Mesquita, levantadas inicialmente por Mariane Paulino, com o envolvimento da comunidade, apresentadas anteriormente, a partir do resgate da memória dos moradores, dando continuidade ao inventário participativo, com foco na “categoria lugar”.

Pretendia-se, também, fomentar o debate e o fortalecimento de um olhar crítico sobre a cidade e as questões sociais que nela estão inseridas, a partir do processo participativo que desenvolveria a discussão de tais questões enquanto se construiria, coletivamente, os projetos desenvolvidos. Era imprescindível, que este processo fosse construído sobre a memória dos quilombolas para que, no espaço, os objetos resultantes sejam condizentes com as necessidades coletivas e as raízes da comunidade. Objetivava-se servir da melhor forma possível os anseios e necessidades da comunidade, fluindo conforme o que se observava como mais urgente no momento.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo específico o desenvolvimento de um processo responsável e condizente com a realidade do Mesquita com o intuito de se desenvolver um estudo preliminar para a Praça situada em frente à Igreja de Nossa Senhora d’Abadia, dando continuidade ao trabalho previamente desenvolvido por Mariane Paulino e fortalecendo a criação de uma Residência Multiprofissional na Universidade de Brasília. Este caderno narra o processo de construção coletiva que foi o trabalho da Residência no território.

o processo

Descrever o processo de forma impessoal é um exercício extremamente difícil, pois se coloca em um espaço de neutralidade que é escorregadio, no sentido que despersonaliza e coloca a comunidade como objeto e o agente externo, no caso a autora deste texto, em uma situação que ignora sua bagagem. Esta tendência do pensamento moderno faz com que várias nuances se apaguem e que parte importante se perca. Na verdade, qualquer tentativa de transpor acontecimentos em palavras não é fiel ao que aconteceu, mas tentarei da melhor forma possível narrar o rico processo que foi este trabalho.

Nossa aproximação começa em janeiro, com a entrega do Caderno de Mariane Paulino à comunidade. Mariane abriu o caminho para este trabalho e foi nesta picada que continuamos seguindo. Neste dia fomos apresentadas às lideranças, entregamos uma carta de apresentação e, inocentemente, achamos que nossa entrada já havia acontecido e, que a partir daquele momento, o trabalho correria tranquilamente como previsto. Inocência, pois pouco sabíamos sobre esse processo de aproximação com a comunidade e de como ele é profundamente fundamental.

Concomitante a este primeiro momento de aproximação, estava sendo desenvolvido o Plano de Trabalho exigido pela Residência. Existe, neste momento, um atropelo no sentido em que se construía um trabalho quando ainda não se havia tido tempo para realmente acessar a comunidade. O que causou grande angústia, pois não se tinha propriedade alguma para escrever sobre questões que ainda não eram conhecidas. Além de levar, devido à ignorância sobre as relações e a realidade do território, à uma proposição de processo participativo extremamente distante da realidade do Mesquita. E que, apesar de já se ter explicita a ideia de que qualquer planejamento se modifica e se transforma, conduziu a um processo complicado em que a sensação era de que pouco se fazia corretamente, já que não se conseguia chegar perto do que foi proposto.

De início, a aproximação foi difícil. Após várias tentativas frustradas de agendar uma reunião para o início dos trabalhos, compreendeu-se que a melhor estratégia seria ir se aproximando aos poucos, criando relações de confiança com as lideranças. Porém, tinha-se, também, a questão da falta de conhecimento do território e de suas relações e sobre como passaríamos a transitar nele sem a verdadeira abertura de quem nos recebia. Decidiu-se então aproveitar as festas e momentos religiosos como espaço de entrada.

Após um hiato de mais de um mês, tivemos a possibilidade de apresentar a metodologia que tentaríamos desenvolver na comunidade. Devida à falta de conhecimento da realidade, o que foi proposto estava muito distante do que poderia ser realmente desenvolvido, porém foi aceito pelas lideranças e acreditamos naquele momento que seria possível. Não foi.

M ais um hiato, mais dificuldade de comunicação. Continuamos no caminho da aproximação cuidadosa e na tentativa de compreender o que estava acontecendo naquele momento. Nesse processo, na ida à oficina realizada pelo INCRA, que, finalmente, foi possível compreender a verdadeira dimensão do conflito no Mesquita. Nossa ignorância nos levou a vários momentos de incerteza e desconforto, porém após isto, foi possível compreender que toda metodologia proposta, tudo o que foi pensado estava muito distante

das necessidades urgentes que aquele momento de conflito demandava.

Levando em conta a necessidade de uma melhor compreensão do ter-
-ritório, foi proposta uma oficina de Mapa Afetivo, para que se fosse carto-
grafado-fado o que é invisibilizado no território, resgatando e fortalecendo a cultura e história do Quilombo. Compreende-se o mapa como instrumento de grande potência e que é capaz de trazer luz a inúmeras questões importantes, as quais fortaleceriam a luta Quilombola.

Foi montada a oficina. Porém, quando chegamos no Mesquita para sua realização, descobrimos que a AREQUIM havia acabado de sofrer um golpe. Um grupo, supostamente financiado por alguns políticos, segundo fonte local, forjou, com assinatura de inúmeras pessoas já falecidas e crianças, uma ata de eleição da associação e a registraram em cartório.

O conflito se agravava ainda mais e, nesse momento de profunda indig-
-nação e necessidade de reorganização, a oficina perdeu a força. Ganhou-se em outros aspectos, finalmente fomos capazes de começar a compreender o que estava acontecendo. Neste momento fica clara a necessidade de mo-
difi-car totalmente a metodologia desenvolvida de no Plano de Trabalho nos vol-tado para outro sentido.

Compreendendo a dificuldade de comunicação e a necessidade da construção de uma narrativa que combatesse o trabalho de desestruturação que o INCRA e grupos, como eram chamados pelas lideranças, antiquilombo, estavam construindo no território. Como forma de fortalecer a luta, em parceria com João Leite, designer e amigo pessoal que acompanhava o trabalho, foi pensado um Plano de Comunicação, que geraria uma série de produtos, os quais acreditávamos ser fundamentais para o estabelecimento de um diálogo maior com a comunidade desmistificando as informações tendenciosas que circulavam no Mesquita.

O planejamento consistia, além da continuidade da construção do caderno e estudo preliminar para a praça, no desenvolvimento de mapas que pudessem denunciar os processos predatórios que o Mesquita passa e na construção de uma cartilha que fosse capaz de transmitir de forma acessível as questões relacionadas à titulação das terras e os direitos quilombolas. Outro ponto importante era a captação de técnicos de outras áreas, já que a complexidade do conflito demandava conhecimentos múltiplos que uma equipe formada apenas por arquitetas. Foi pensado, também, na criação de-
circuitos de capacitação com o intuito de fortalecer a juventude do Mesquita.

Em paralelo a esta construção de uma narrativa menos tendenciosa, foi pensada, também, na sua divulgação, sendo assim criou-se uma nova identidade visual para o Quilombo. Para a melhor disseminação das informações, era fundamental a construção de uma comunicação mais efetiva a partir do melhor gerenciamento das redes sociais, que, apesar de não serem acessíveis a todos, era o principal canal de disseminação das noticiasnotícias do Quilombo. Além disso, também foi apontada a necessidade da criação de uma nova sinalização, que diferente da existente, assumisse que o território é quilombola.

Como forma de síntese de todo esse plano e também espaço de discussão, foi proposta a construção de um festival de cinema, porém devido ao abandono das parcerias que estavam sendo construídas, foi reduzido para o que nomeamos de Cineminha Marmelada. O evento aconteceria em quatro sextas, culminando na Festa do N'Golo, e consistiria na exposição de filmes seguidos de debates mediados por convidados externos e também da comunidade.

Todo o processo foi construído conjuntamente a algumas lideranças com as quais as relações haviam se estreitado mais profundamente, devido ao fato de que ambas estavam cotidianamente em Brasília, o que facilitava nosso encontro.

Apesar da mudança de local necessária, pois a liderança que articulava o evento no território não informou a necessidade prévia de aprovação do pároco para o uso do espaço do salão da igreja, fomos encorajados a seguir em frente. Porém, no primeiro dia do evento, após tudo já ter sido organizado, outra liderança nos informa que não seria possível o seu acontecimento. Neste dia foi pedido que não houvesse comunicação com ninguém além das lideranças apresentadas e aprovadas, o que forçava o abandono da ideia de um processo mais inclusivo, mas que não deixaria de ser participativo.

Mais um momento de reestruturação na metodologia.
Sem compreender bem como poderia ser útil naquele momento, as respostas chegaram quando foi posta como prioridade as necessidades mais urgentes do Mesquita. Naquele momento, foi vista na construção de material visual para as festas uma saída para o problema apresentado. As demandas começaram a chegar após a apresentação da nova identidade visual do Quiombo,

quando as lideranças despertaram para o potencial que, como técni-ca, tenho.

A primeira demanda para a produção de um cartaz foi antes desta necessidade de abrir novas picadas, e provavelmente foi ele que nos levou nesse caminho, já que as lideranças começaram a pedir a produção de novos produtos a partir do momento que observaram essa potencialidade. Não foi abandonada a observação ativa e a construção de mapas e análises do território, porém esta se tornou secundária e independente, compreendendo que poderia ser feita sem a demandar a comunidade uma participação que no momento não era sua maior urgência.

Uma vez que seguimos por este caminho, o trabalho começou a fluir, já que era intensa a demanda de produtos visuais, já que a comunidade pro-move muitas festividades. Este caminho foi interessante também porque o trabalho técnico passou a ser mais valorizado e com isso estreitou mais ainda os laços com as lideranças. As angústias se tornaram potencialidades e o caminho, que antes estava obstruído, mostrou-se mais leve e útil.

Outro aspecto importante que facilitou também essa maior fluidez do trabalho foi que, nesta altura do processo, o Ministério Público havia revogado a resolução criminosa que reduzia o território Mesquita, o que fez mudar os ânimos e possibilitar maior aproximação e tempo disponível das lideranças.

Ao longo desse processo foram construídas análises sobre o território segundo a metodologia das dimensões da sustentabilidade apresentada pela orientadora deste trabalho. Todo o processo foi guiado por ela e, apesar de alguns avanços na metodologia devido ao tempo ou às dinâmicas da comunidade, segue o caminho básico utilizado pelo grupo Periférico. A metodologia dos padrões, quando adaptada para a realidade da comunidade, tem forte potencialidade, pois a utilização de imagens facilita e cria um diálogo mais fluído com a comunidade.

Após a construção de mapas e análises sobre as potencialidades e problemáticas territoriais, foram levantados alguns padrões que poderiam ser aplicados propositivamente no espaço.

Os padrões são modelos espaciais propositivos em resposta às necessidades apontadas pelos desejos da comunidade e também pela observação das problemáticas do território. Estes, neste trabalho, foram classificados-dentro das dimensões da sustentabilidade e distribuídos por localidades dentro do território, para melhor compreensão e, também, porque observamos na Oficina do Mapa Afetivo a dificuldade de engajamento da comunidade na ativi-dadeatividade, decidimos que esta metodologia seria a mais indicada para o momento.

Sendo assim, foi desenvolvida uma Oficina para apresentação e ajustes dos mapas construídos e dos padrões escolhidos para o território. Foi trabalhado com o território como um todo, nas suas duas escalas, e não apenas com o descampado, pois acredita-se que não existe uma parte que funcione bem sem um todo que esteja afinado no mesmo propósito e trabalhando com suas partes articuladas.

Os ajustes feitos aos padrões previamente escolhidos deram insumo para que fossem desenvolvidos dois possíveis cenários para a praça. Aplicando os padrões espacialmente e respeitando as linhas de desejo existentes no terreno, foi lançado o partido, que, longe de tentar simular o que seria uma praça quilombola no sentido tradicional onde as casas se dispunham em círculo mantendo os parentes próximos, tentou trazer de forma singela elementos que remeteriam a essa ancestralidade. Não foram propostos muitos obstáculos visuais já que esta era uma preocupação da comunidade em relação à segurança, buscando também preservar a Igreja como marco visual na paisagem.

Após o seu desenvolvimento, os cenários, muito semelhantes entre si, foram apresentados em reunião. Foram explicados e defendidos, e, depois de listadas as modificações a serem feitas no projeto, por meio de votação foi escolhido o cenário que mais agradava representantes da comunidade ali presente e o qual continuaria sendo desenvolvido como produto final da Residência.

Os momentos de mudança de abordagem metodológica estão separados em três cores. Verde, quando se mantinha a metodologia proposta no plano de trabalho da Residência, Amarelo, quando se tentou construir um ambiente de maior diálogo, e Vermelho, quando a produção se volta para produtos visuais.

janeiro_

10/01_reunião
entrega do caderno de Mariane

14/01_Festa do Marmelo

fevereiro_

24/02_aproximação
missa

março_

03/03_reunião
apresentação dos trabalhos da RAU+E

26/03_apreenção
reconhecimento do território com Célia

abril_

05/04_aproximação
aula de Manoel na FAU/UnB, na matéria Saberes Locais do prof. Jaime Gonçalves

12/04_aproximação
oficina do INCRA*

24/04_aproximação
reunião do CCN/UnB

29/04_oficina
Mapa afetivo

maio_

05/05_reunião
apresentação do plano de comunição para e do Cineminha Marmelada para Wallison e Manoel, no CCN

11/05_reunião
apresentação da nova identidade visual e do Mesquita e planejamento do Cineminha com Manoel, no CCN

15/05_apreenção
passeio de drone com Seu Zé Roberto, Lucas Parahyba e João Leite

19/05_aproximação
aniversário da certificação do Quilombo Mesquita

junho_

09/06_produção visual
_Festa Junina
Wallison pede a reformulação feito por ele

10/06_produção visual
_Festa Junina
apresentação da primeira versão, foram pedidas algumas alterações a entrega final foi feita no mesmo dia

15/06_divulgação atividade
foram colados os cartazes do Cineminha Marmelada nas paradas de ônibus do Quilombo

17/06_divulgação atividade
criação do evento no Facebook

22/06_atividade
Cineminha Marmelada cancelado

22/06_atividade
Cineminha Marmelada cancelado

24/06_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
Wallison pede a criação de um cartaz para a folia

30/06_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
apresentação da 1ª ideia, vetada

30/06_produção visual
_Festa N'golo
Manoel pede a criação do cartaz da festa e de rótulos para os produtos de Quiabo d'Ângola

julho_

04/07_produção visual
_Festa N'golo
entrega do produto

09/07_produção visual
_Festa N'golo
pedido de alteração nos rótulos

08/07_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
Wallison envia fotos da estátua

julho_

10/07_produção visual
_Festa N'golo
pedido para a criação de uma arte para camiseta da festa

10/07_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
entrega do cartaz

11/07_produção visual
_Festa N'golo
entrega dos rótulos e camisetas

15/07_Festa do N'golo

15/07_produção visual
_Cavalgada
Wallison pede cartaz

17/07_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
pedido de alterações no cartaz

18/07_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
entrega do cartaz

19/07_produção visual
_Cavalgada
entrega do cartaz, Wallison adiciona as atrações

20/07_produção visual
_Cavalgada
pedido para a criação de uma arte para a camiseta do evento

21/07_produção visual
_Cavalgada
entrega da camiseta

agosto_

05/08_oficina
apresentação e escolha dos padrões

05/08_produção visual
_N'golo do Kilombo
Manoel pede a criação de rótulos para produtos feitos de Quiabo d'Ângola

05/08_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
Wallison pede a criação de material para a divulgação diária dos pousos novenas da Folia

07/08_produção visual
_Folia de Nossa Senhora d'Abadia
entrega do produto

08/08_produção visual
_Cavalgada
pedido para alterações no cartaz

11/08_produção visual
_Cavalgada
entrega do cartaz

14/08_produção visual
_N'golo do Kilombo
Manoel envia as informções dos rótulos

28/08_produção visual
_N'golo do Kilombo
apresentação e escolha entre as 2 opções produzidas

28/08_produção visual
_N'golo do Kilombo
entrega dos rótulos

agosto_

20/09_produção visual
_8ª Folia de Nossa Senhora Aparecida
Wallison pede cartaz para a folia

21/09_produção visual
_8ª Folia de Nossa Senhora Aparecida
entrega do cartaz

21/09_palestra
_Escala: semana universitária de arquitetura e urbanismo
foi ministrada uma palestra, pelas residentes e o Wallison, sobre o trabalho do Periférico e RAU+E no Mesquita

setembro_

06/10_oficina
apresentação, modificação e aprovação dos cenários desenvolvidos para a praça

outubro_

10/01_reunião

entrega do caderno de Mariane

Esta primeira reunião aconteceu para a entrega do caderno de Mariane Paulino e apresentação das residentes que estariam presentes no território produzindo produtos levantados pelas demandas no seu trabalho.

Imagens 01 e 02: Reunião para entrega do caderno de Mariane.Fonte: Liza Andrade. Imagens 03 a 07: Apresentação dos trabalhos. Fonte: Liza Andrade. Imagens 08 e 09: Dona Tina em sua janela e entrada de sua casa. Fonte: autora. Imagem 10: Casarão do Sarney. Fonte: autora.

Imagens 03 a 07: Renião para entrega do caderno de Mariane. Fonte: Liza Andrade (2018).

03/03_reunião

apresentação dos trabalhos da RAU+E

A primeira atividade desenvolvida no trabalho foi, após a entrega do caderno de Mariane Paulino e a apresentação das residentes, a apresentação e validação do processo participativo que se pretendia construir e que foi apresentado no Plano de Trabalho.

Foi uma reunião tranquila sem muitas críticas ao processo, porém logo se percebeu que não seria possível desenvolve-lo como programado, apesar de aprovado pelas lideranças presentes.

06/03_apreeção

reconhecimento do território com Célia Pereira Braga

O segundo momento de atividade “oficial” da Residência foi o reconhecimento territorial feito com Célia como guia. Foram nos apresentados alguns casarões existentes no território, e os prováveis terrenos para a produção da praça. Neste dia, também, fomos apresentadas a Dona Tina, que apesar de não ter sido avisada com antecedência da nossa chegada, nos recebeu de coração aberto.

29/04_oficina

Mapa Afetivo

Levando em conta a importância que a cartografia possui como instrumento de visibilização importante para a luta Quilombola, foi proposta a construção de um mapa coletivamente, que levantaria uma série de questões no território.

Para a atividade foi montada uma base com o território e papéis com ícones representando questões previamente escolhidas para serem mapeadas. Buscava-se mapear: os cemitérios, lugares sagrados, de superstição, produtores de marmelo, produtores de farinha/rapadura, feiras, pomares perdidos com O roubo das terras, frutos do cerrado, ervas medicinais, marcas do passado, percursos das folias, artesãos, casarões antigos, cachoeiras, nascentes, rios, mata preservada, lagos, brincadeiras de criança, espaços de encontro, atividades econômicas/crescimento do Quilombo, turismo, lideranças e condomínios.

Algumas dessas informações seriam passadas para um mapa que viria a ser divulgado e outras seriam apenas para uso interno do trabalho, uma vez que poderia expor o Quilombo a algumas dificuldades. Hoje, provavelmente, essas categorias seriam diferentes e o mapa seria uma atividade desmembrada em algumas outras para que o trabalho pudesse ser realmente cuidadoso.

No dia da atividade, infelizmente, a AREQUIM havia acabado de sofrer um golpe. Um grupo de indivíduos forjou uma ata de eleição de presidente da associação, com assinaturas ilegítimas, e a registrou em cartório. Existia um clima de revolta e medo no ar e os ânimos não estavam para a construção de uma atividade que necessitava atenção. A conversa se estendeu como deveria, muitas pessoas novas participavam nesse dia, as meninas do coletivo Calunga, professor Neder e João Leite conheciam a comunidade pela primeira vez, e quando o mapeamento foi começar já estava muito tarde e escuro, impossível de enxergar a base, que havia ficado pequena demais.

Nesta atividade optou-se pela mudança de metodologia, focando o processo na comunicação e fortalecimento dos espaços de debate no Mesquita. O que foi mapeado e em conjunto com a observação do território serviu para a construção de alguns mapas, que se espera que possam ajudar na luta e resistência no Mesquita.

Imagens 11 a 15: Oficina do Mapa Afetivo. Fonte: Liza Andrade.

15/05_apreenção

passeio de drone com Seu Zé Roberto, Lucas Parahyba e João Leite

A vida proporciona grandes encontros e um desses foi com Lucas. Amigo querido e dono de um drone, ele se sentiu impulsionado a nos ajudar neste trabalho. As imagens que Lucas fez foram essenciais para todo o processo, além da alegria e autoestima que esse simples passeio trouxe à comunidade.

Gratidão por toda ajuda, não teria sido o mesmo trabalho sem sua contribuição.

Fomos guiados por Seu José Roberto, que, como sempre solícito, nos levou nos pontos onde foram marcados os limites do Mesquita no RTID. Além de termos feito uma série de imagens em casarões e outros locais importantes para a comunidade, listados por Wallison. Neste dia tivemos, também, a companhia de João Leite, parceria no desenvolvimento do plano de comunicação, do qual o Cineminha Marmelada fez parte.

Imagens 16 e 17: Passeio de drone. Fonte: autora.
Imagens 18 e 19: Vista de drone da Igreja e vista da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.

05/08_oficina

apresentação e escolha dos padrões

Após a análise das dimensões da sustentabilidade no território, subsídio para a montagem de mapas e compreensão do Mesquita, foram propostos padrões em resposta às problemáticas encontradas. Estes padrões, separados nas dimensões, foram agrupados por localidade. A escolha de apresentar os padrões assim, foi feita para aperfeiçoar o encontro com a comunidade, que teria apenas que os aprovar e modificá-los.

Nessa atividade foram apresentados todos os mapas produzidos e as proposições para o território. Foram indicadas importantes modificações e durante a conversa emergiram inúmeros desejos que fortaleceriam ainda mais a proposta a ser apresentada.

Imagens 20 a 25: Oficina de escolha dos padrões. Fonte: Liza Andrade.

06/10_oficina

apresentação, modificação e aprovação dos cenários desenvolvidos para a praça

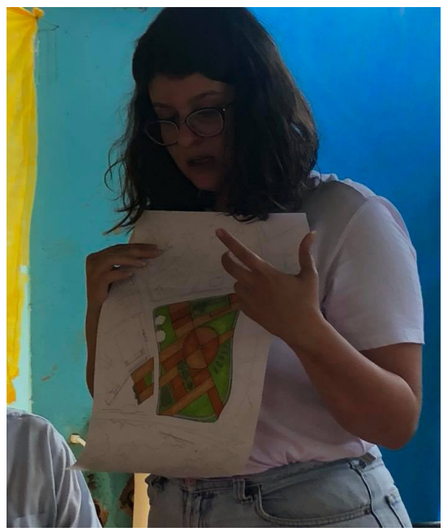
Sobre os padrões aprovados, foram produzidos dois possíveis cenários para a praça. Ambos muito parecidos, mas com diferenças importantes em relação à relevância que se dava aos diferentes espaços nas duas propostas.

Para a apresentação foram produzidos dois desenhos de cada cenário e a apresentação e discussão se deu sobre eles. Após todas as ponderações e modificações propostas, foi escolhido por votação o cenário que mais agradava a comunidade. Sobre essa escolha foi produzido e estudo preliminar produto principal de todo este processo.

O grupo presente, por votação, decidiu pelo cenário 1. Algumas modificações foram feitas como a manutenção de um espaço grande o suficiente para continuarem a jogar futebol no local, o aumento da área coberta da feira, um paisagismo mais denso, substituição da horta coletiva por um bosque de frutíferas, o acréscimo de pergolados para a proteção nos dias de sol, de um parquinho para as crianças, de áreas de estacionamento para dias de festa e de um abrigo para Nossa Senhora em frente à Igreja.

Apesar dessas adequações aos desejos da comunidade, o desenho pouco foi modificado.

Imagens 26 a 32: Oficina dos cenários. Fonte: Liza Andrade.



a prdução visual

Como descrito anteriormente, houve dois momentos importantes de mudança de metodologia que guiaram este processo. O primeiro após a Oficina do Mapa Afetivo e o segundo após o cancelamento do Cineminha Marmelada.

Sendo assim, nos encontrando em uma encruzilhada e sem saber muito bem qual rumo seguir, a vida foi trazendo as respostas. Não havia porque continuar em um caminho fechado, essa insistência seria de um nível absurdo de insensibilidade em relação às questões que a comunidade enfrentava no momento.

Apesar na academia cobrar um processo e essa cobrança reverberar de uma forma negativa, já que tínhamos uma situação na qual a realidade não permitiria que as respostas fossem buscadas como o programado. Abre-se outro questionamento nessa situação: se necessariamente algo deveria ser previamente planejado sem mesmo se perceber qual o momento em que a comunidade se encontrava.

Se despindo de qualquer necessidade de resposta ao que foi previamente estabelecido, compreende-se que o novo ponto de partida deveria ser tomado a partir das necessidades mais urgentes da comunidade. Tendo consciência das habilidades técnicas com produção visual, já que havia sido feita a nova identidade do Mesquita, a comunidade passa a pedir a produção de cartazes e afins para as suas festas.

O foco deixa de ser a produção do espaço, mas passa a ser mais bem aproveitada, já que estaria atendendo às necessidades daquele momento. Como as festas religiosas são organizadas pelo Conselho da Igreja de Nossa Senhora d'Abadia, os produtos não foram diretamente feitos para a Associação, mas essas fronteiras são esgarçadas. Célia, que também faz parte ativa da AREQUIM, por intermédio de seu filho, Wallison, encomendou os produtos a serem desenvolvidos.

Essa conversa intermediada muitas vezes gerou atrasos, uma vez que novas informações chegavam quando o processo já estava adiantado, o que acarretava em reformulações do produto que poderiam ter sido evitadas se um canal mais direto tivesse se estabelecido. Mas de qualquer forma isso ajudou a estreitar as relações com Wallison, o que recompensa todas as dificuldades do percurso.

Imagem 01: Foto de capa para o Facebook. Fonte: autora e João Leite.

nova identidade visual do Quilombo Mesquita Vivo

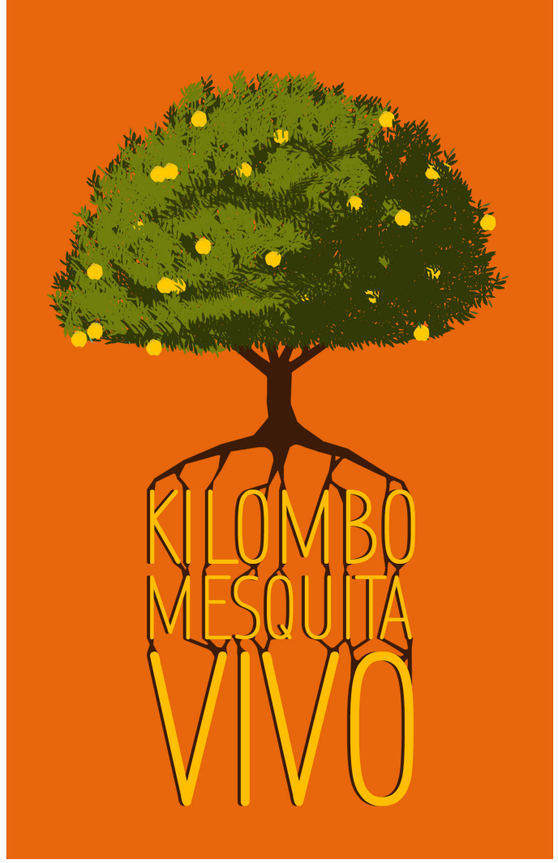
Como foi narrado, após observar a necessidade da construção de um diálogo mais aberto com a comunidade, foi proposta, conjuntamente a outras iniciativas, a criação de uma nova identidade visual para o Mesquita.

Este processo de criação se deu em parceria com João Leite, que, em um rápido brainstorming, surgiu com a primeira ideia e, após ela, nada mais pareceu conseguir agradar ou sintetizar tão bem o que desejávamos imprimir na arte.

A árvore foi uma escolha um pouco óbvia já que o marmelo é central na cultura do Mesquita, e que representa não apenas isto, mas também o crescimento e expansão da vida. São atribuídos à árvore significados como abundância, fertilidade, criação, elevação, crescimento, vitalidade, e os quais gostaríamos que reverberasse na sua escolha como elemento principal da identidade. Outro elemento importante na árvore são os quatro galhos representando as primeiras quatro famílias que deram origem ao Mesquita.

As profundas raízes se entrelaçam formando o nome do Quilombo. Quilombo Mesquita Vivo. Vivo e de raízes cada vez mais profundas, cada vez mais conectadas com a sua ancestralidade, com a história que construiu a força dessa comunidade. As raízes chegam ao tronco em três, referindo-se às três primeiras ex-escravizadas que deram origem ao Quilombo.

Após o desenvolvimento da proposta, esta foi apresentada previamente a duas das lideranças com as quais trabalhávamos. Após uma série de idas e vindas devido a ajustes pedidos, como a criação de uma outra versão com Kilombo no lugar de Quilombo, como forma de resgate à forma original da palavra em ioruba, porém esta grafia não foi bem aceita pela comunidade, que preferiu continuar com Quilombo.



Imagens 02 a 04: Nova identidade Visual do Quilombo Mesquita. Fonte: autora e João Leite.

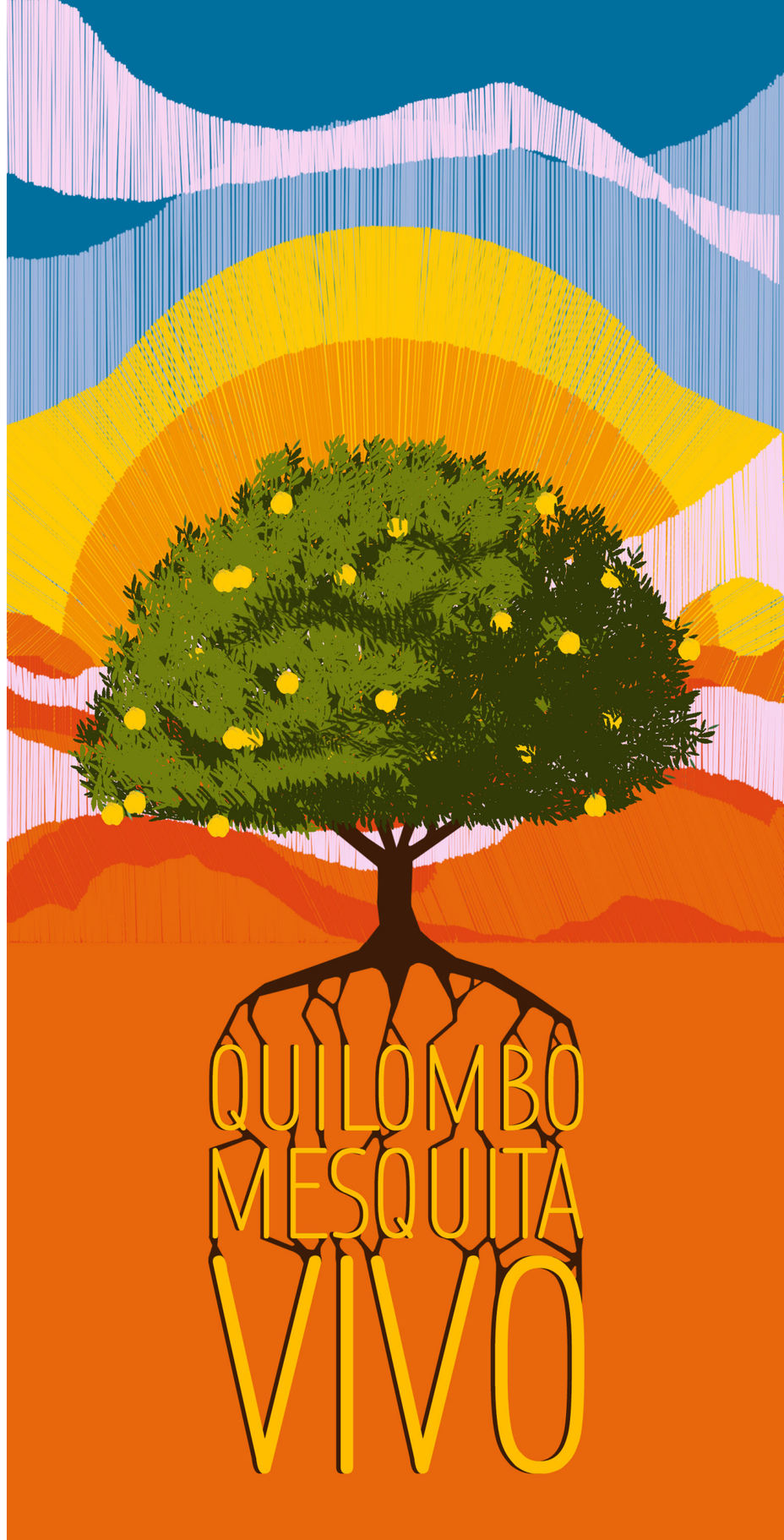


Imagem 01 - Chita de Marmelos, padrão base para a produção visual do Cineminha Marmelada. Fonte: autora.

Cineminha Marmelada

Percebendo a dificuldade do momento em que a comunidade se encontrava em relação à Resolução do INCRA e aos conflitos internos que dificultavam uma maior comunicação e abertura dos trabalhos para um maior número de pessoas, propomos o desenvolvimento de uma sequência de filmes alinhados com rodas de conversas, evento que demos o nome de “Cineminha Marmelada”, para a construção com um diálogo maior com a comunidade.

Mesmo com a riqueza cultural encontrada no território, nos lugares, nas festas, nas celebrações, nas formas de expressão, nos saberes, percebe-se que há poucas atividades culturais/de lazer disponíveis na região para os jovens. Trocando ideias com pessoas da comunidade, escolheu-se o cinema como forma de aproximação para que a atividade tivesse um caráter prazeroso, além de o vídeo ser uma linguagem fácil e acessível a todos.

O objetivo do evento de filmes e rodas de conversa, o Cineminha Marmelada, seria proporcionar a criação de um espaço físico de trocas de ideias e incentivo ao debate de questões vistas como importantes para o território. Para o evento, que havia sido programado para acontecer em quatro sextas-feiras culminando na Festa do N’Golo, teve-se o cuidado de serem escolhidos filmes que trouxessem temáticas que julgamos interessantes para a comunidade. Todo o processo foi supervisionado e discutido por Manoel Neres e Wallison Braga. Houve tentativas de contato com outras lideranças para a discussão do evento, porém não foram bem-sucedidas devido a imprevistos e dificuldades de comunicação, considerando o excesso de trabalho em que as lideranças se inserem, com a concentração de atividades em torno de poucas pessoas.

Sendo assim o evento ficou estruturado da seguinte maneira, caso não houvesse algum imprevisto:

Dia 22/06

Apresentação de dois pequenos documentários sendo intitulados “Quilombo” (2010, 17min) e “Quilombolas” (2014, 35min). O primeiro relata a história de uma região na cidade de Casimiro de Abreu (RJ), que apesar de ser chamada de Quilombo, possui ocupação de descendentes de Suíços. A investigação da história deste lugar revela um cenário maior de violência e apagamento da história dos Quilombos no Brasil.

O segundo é um documentário sobre a importância do fortalecimento da economia nos Quilombos, a partir do modelo de economia solidária parao desenvolvimento e fortalecimento da comunidade. O projeto retratado foi desenvolvido em parceria entre a Secretaria Nacional de Economia Solidária/ Ministério do Trabalho e Emprego e a CONAQ, sendo implementada a partir de um trabalho em parceria entre o movimento quilombola e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Núcleo de Solidariedade Técnica.

A roda de conversa proposta era sobre economia solitária e os benefícios que o desenvolvimento de atividades nesse âmbito poderia trazer para o Quilombo Mesquita. O convidado da roda foi indicado por Manoel Neres. Uma vez que já existiram tentativas de desenvolvimento de um projeto nessa área, foi pensada a importância do restabelecimento deste contato.

Dia 29/06

O filme deste dia seria “Flor do Moinho” (2017, 51min). O documentário produzido por Érika Bauer, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, com a história de Florentina Pereira Santos, raizeira e parteira que mora na região da Chapada dos Veadeiros, no Povoado do Moinho (GO).

Neste dia estaria prevista uma roda de conversa sobre a sabedoria das plantas e a importância da medicina natural. Além, também, da importância que a ocupação quilombola tem para a preservação dos recursos naturais.

Dia 06/07

Para este dia foi escolhido o filme “Narradores de Javé” (2003, 1h40min). Este drama nacional, de direção de Eliane Caffé, se passa em de Javé, onde os moradores, ao saberem que a cidade seria inundada por uma hidrelétrica, resolvem escrever a história do lugar e transformá-lo em patrimônio a ser preservado.

O filme aponta importância da preservação da memória coletiva e nesse sentido que a roda de conversa também deveria seguir. Pretendia-se discutir a importância da oralidade para o Quilombo Mesquita e a necessidade da preservação destas histórias para o fortalecimento da memória coletiva no território e, consequentemente, sua importância para a formação da identidade quilombola.

Dia 13/07

No último do evento seria apresentado o filme “Quilombo”(1975, 25min) gravado por Vladimir de Carvalho no Quilombo Mesquita. O documentário apresenta o Mesquita, mostrando sua história e paisagem.

Havia sido escolhido fechar o evento com este filme para que pudéssemos construir um diálogo entre a situação presente do Quilombo e seu passado. Pretendia-se, então, neste dia que a roda de conversa fosse com a apresentação de trabalhos desenvolvidos sobre o território fortalecendo a discussão sobre o mesmo.

Todos os dias estavam programados para começarem às 18h no Salão da Igreja de Nossa Senhora da Abadia. O espaço da Igreja foi escolhido por ser um espaço neutro, uma vez que o Quilombo vem passado por conflitos. Esta decisão havia sido tomada conjuntamente em reunião e seu objetivo também era proteger o espaço físico da Associação, uma vez que é uma atividade aberta a toda a comunidade. Porém, de última hora, o evento foi transferido para a Sede do Viveiro, na AREQUIM.

Quanto à divulgação, foram colados cartazes nos pontos de ônibus, para que a comunidade que não está conectada pelas redes sociais também tivesse acesso ao evento. E foi criado um evento no Facebook pela página do Quilombo Mesquita.

Paralelamente aos filmes, programava-se recolher informações importantes para o desenvolvimento do projeto da praça do núcleo central e entorno, demanda anteriormente levantada por Mariane Paulino em seu trabalho e acordada como demanda a ser desenvolvida pela atuação da Residência no Território. Para tanto, foi planejado a criação de um painel para manifestação dos desejos da comunidade em relação a este espaço. Papéis Kraft estariam pregados nas paredes para que pudessem escrever ou desenhar seus sonhos e desejos para o local, além de imagens referências que estariam disponíveis para serem escolhidas e coladas no painel.

Apesar de todo cuidado na estruturação do evento, e além da aprovação de algumas lideranças, o Cineminha Marmelada foi cancelado. No primeiro dia de atividade, após todo o espaço ter sido preparado para a recepção da comunidade, recebemos a informação que não poderia acontecer o planejado e que seria devido o momento conflituoso que o território passava, necessário o cancelamento de toda a programação. Nessa ocasião foi pedido que não abríssemos o trabalho para a comunidade, já que era intenso o momento de conflito e essa abertura poderia causar mais problemas. Recuamos, e entramos em mais um processo de reestruturação e compreensão de quais caminhos deveriam ser tomados.Deparamo-nos com mais um momento de modificação na metodologia.

Quanto à identidade visual do evento, criamos um padrão de que remetesse a chita com marmelos como base de todos os produtos visuais a serem desenvolvidos. Usou-se também de um elemento extremamente marcante e importante para o Mesquita que é a caixa de marmelada. A escolha das cores, além de chamativas e trazerem uma certa positividade, já que vibrantes, remetem às cores da identidade visual desenvolvida para o Quilombo.

Imagem 06: Cartaz de divulgação do Cineminha Marmelada.
Imagens 07 a 10: Material de divulgação do evento nas redes socias.
Fonte: autora.

alguns produtos

Como descrito anteriormente, houve dois momentos importantes de mudança de metodologia que guiaram este processo. O primeiro após a Oficina do Mapa Afetivo e o segundo após o cancelamento do Cineminha Marmelada. Sendo assim, nos encontrando em uma encruzilhada e sem saber muito bem qual rumo seguir, a vida foi trazendo as respostas. Não havia por que continuar em um caminho fechado e que essa insistência seria de um nível absurdo de insensibilidade em relação as questões que a comunidade enfrentava no momento.

Se despindo de qualquer necessidade de resposta ao o que foi previamente estabelecido no plano de trabalho, e compreendendo que o novo ponto de partida deveria ser tomado a partir das necessidades mais urgentes de comunidade. Tendo consciência das habilidades com produção visual, já que havia feito a nova identidade do Mesquita, a comunidade passa a pedir a produção de cartazes e afins para as suas festas.O foco deixa de ser a produção do espaço, mas passa a ser mais bem aproveitada já estaria atendendo as necessidades daquele momento. Como as festas religiosas são organizadas pelo Conselho da Igreja de Nossa Senhora d'Abadia, os produtos não foram diretamente feitos para a Associação, mas essas fronteiras são esgarçadas. Célia que, também, faz parte ativa da AREQUIM, por intermédio de seu filho, Wallison, encomendou os produtos a serem desenvolvidos.

Essa conversa intermediada gerou atrasos, pois muitas vezes novas informações chegavam quando o processo já estava adiantado, o que acarretava na reformulação que poderiam ter sido evitadas se um canal mais direto tivesse se estabelecido. Mas de qualquer forma isso ajudou a estreitar as relações com Wallison, o que recompensa todas as dificuldades do percurso.

festa junina

Este primeiro cartaz, feito antes da mudança de percurso, já assinalava o caminho que poderia ser seguido. Wallison pediu uma reformulação do cartaz que havia feito já que não estava satisfeito com o resultado.

Foi escolhido manter cores que remetessem as da identidade visual do Mesquita, além do uso da Igreja como elemento da produção para criar maior familiaridade e aproximação com a realidade do Quilombo. O cartaz é basicamente uma reestruturação do feito por Wallison, apenas criamos versões novas dos elementos já utilizados.

Imagens 01 a 03: Festa Junina.
Fonte: Liza Andrade.
Imagem 04: Cartaz de divulgação da Festa Junina.
Fonte: autora.

Imagens 04 a 08: Festa do N'Golo. Fonte: Wallison Braga, Facebook do Quilombo Mesquita.

festa do N'Golo

Essa produção veio por intermédio de Manoel, que pediu que o cartaz fosse feito de um dia para o outro. Não foi possível, porém fez-se a entrega o mais rápido. Provavelmente, pela dificuldade de comunicação e falta de informação sobre o tempo que um processo de criação toma, as demandas eram feitas muito próximas à data das festas, o que dificultava a divulgação e o processo de criação, já que este se deu na pressa.

Para a Festa do N'golo, ou Quiabo de Angola como é mais comumente conhecido no Mesquita, foi pensado um produto com uma linguagem mais forte, que remetesse à luta e lida do campo. Para tanto foi feita uma colagem com o punho cerrado da resistência e o Quiabo de Angola, anteriormente.

O bloco de cor seria azul remetendo ao céu do Mesquita, mas devido a pedidos foi modificado para verde.
Para esta festa, foi desenvolvido um rótulo para os produtos que seriam comercializados. Esse rótulo, novamente devido à dificuldade de comunicação, não ficou da melhor forma possível, já que as medidas das embalagens não foram informadas. Foi feita também uma camiseta para a produção do evento.

Imagem 09: Camiseta da festa do N'Golo.
Imagem 10: Rótulo dos produtos comercializados na festa.
Imagem 11: Cartaz de divulgação d a Festa do N'Golo.
Fonte: autora.

69ª FOLIA
E
VI TRÍDUO DE
Nossa Senhora d'Abadia
5 À 19 DE AGOSTO
Quilombo Mesquita

Festeiros: Zé de Dito e Anita Teixeira

Programação

DIA 05/08	SANTAS MISSÕES: MISSA DE ENVIO ÀS 8H DA MANHÃ
DIA 06 À 15/08	NOVENA ÀS 15H
DIA 12, 13 E 14/08	VI TRÍDUO	SANTA MISSA ÀS 19H
DIA 15/08	SOLENIDADE DE N.S. D'ABADIA PROCISSÃO ÀS 16H SAINDO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO - C. OCIDENTAL EM DIREÇÃO À CAPELA DE Nª SRª D'ABADIA SANTA MISSA ÀS 19H30 EM SEGUIDA: BARRAQUINHAS NO SALÃO DA IGREJA
DIA 18/08	CAVALGADA DE Nª SRª D'ABADIA CONCENTRAÇÃO ÀS 9H EM FRENTE A CAPELA BAILÃO ÀS 20H
DIA 19/08	SANTA MISSA ÀS 10H LOGO APÓS ALMOÇO COM LEILÃO

Pousos

DIA 06/08 ALVORADA (EVANDRO)	DIA 07/08 BUIU E AMIGOS	DIA 08/08 JOÃO TEIXEIRA (BORRÉIA)
DIA 09/08 JESUS E FAMÍLIA	DIA 10/08 JOSÉ DO EGITO E ROSA	DIA 11/08 RENATO, SARA E FAMÍLIA
DIA 12/08 GERAÇA E FAMÍLIA	DIA 13/08 ANGELINA E FAMÍLIA	DIA 14/08 PREFEITURA

Coordenação: Evandro Sousa e Silva

69ª folia e vi tríduo de Nossa Senhora d'Abadia

Pedida por Célia, que participa do Conselho da Igreja de Nossa Senhora d'Abadia, por intermédio de Wallison, essa produção foi, talvez a mais importante e mais difícil.

Além da responsabilidade de criar um cartaz para Nossa Senhora e da importância que esta folia tem para a comunidade, o processo, novamente devido à dificuldade de comunicação, foi cheio de idas e vindas devida às inúmeras modificações que os produtos sofreram. Maioria delas devido à incompletude das informações que eram dadas em relação ao conteúdo dos cartazes e não necessariamente a questões estéticas.

Para o evento também foram produzidas artes de divulgação dos pousos e novenas para as redes sociais, o que deu subsídio para a construção do Mapa de Pousos apresentado neste trabalho. Estes pousos mudam todo ano a depender da família que o concede, porém é interessante compreender como essa dinâmica se dá no espaço.

Foi pedida também a produção de camisetas, as quais também remetiam a arte do cartaz. Aparentemente elas foram mais bem aceitas pelas mulheres, já que os homens acharam feminina demais a presença das rosas na arte.

A arte foi produzida com uma foto tirada por Wallison da estátua da Igreja do Mesquita, as rosas foram escolhidas pela sua relevância e significado religioso e o alecrim, igualmente, por ser uma erva que remete à Nossa Senhora. A escolha da cor azul foi, também, para referir-se ao Seu manto.

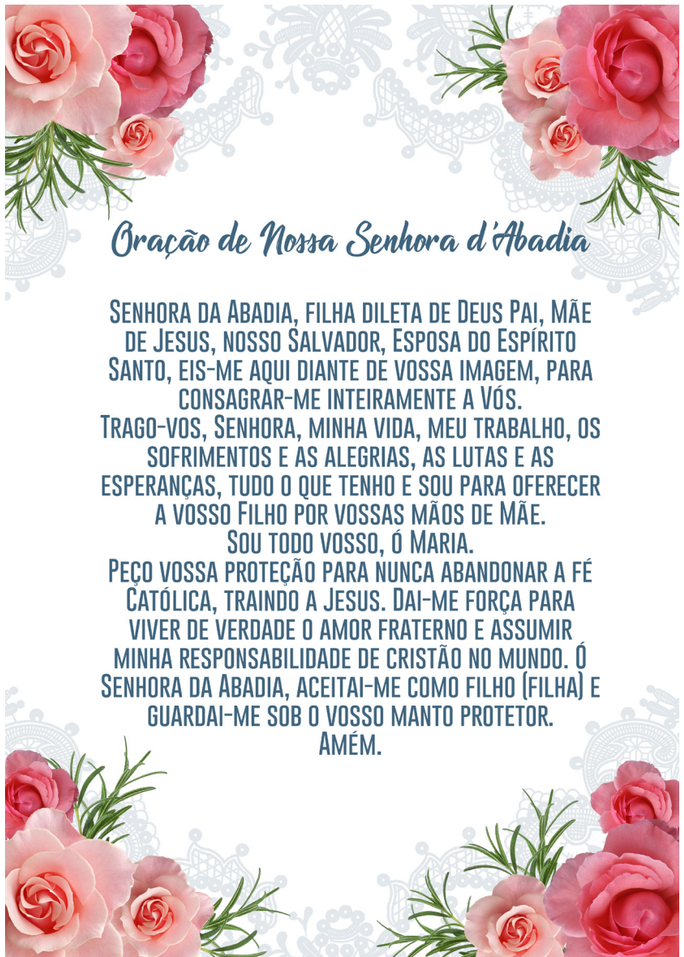


Imagem 12: Cartaz da Folia/Tríduo de Nossa Senhora d'Abadia.
Imagem 13: Verso do cartaz.
Fonte: autora.

Imagens 13 a 22: Artes de divulgação das novenas para as redes sociais.
Imagens 23 a 31: Artes de divulgação dos pousos para as redes sociais.
Imagem 32: Camiseta da Folia.
Fonte: autora.

Imagens 33 a 39: Pouso realizado no dia 13/08, na casa de Dona Angelina e sua família. Fonte: Facebook do Quilombo Mesquita.

Imagens 40 a 44: Cavalgada de Nossa Senhora d'Abadia. Fonte: Facebook do Quilombo Mesquita.

Imagens 45 e 46: Cartaz de divulgação da Cavalgada de Nossa Senhora D'Abadia e camiseta criada para o evento. Fonte: autora.

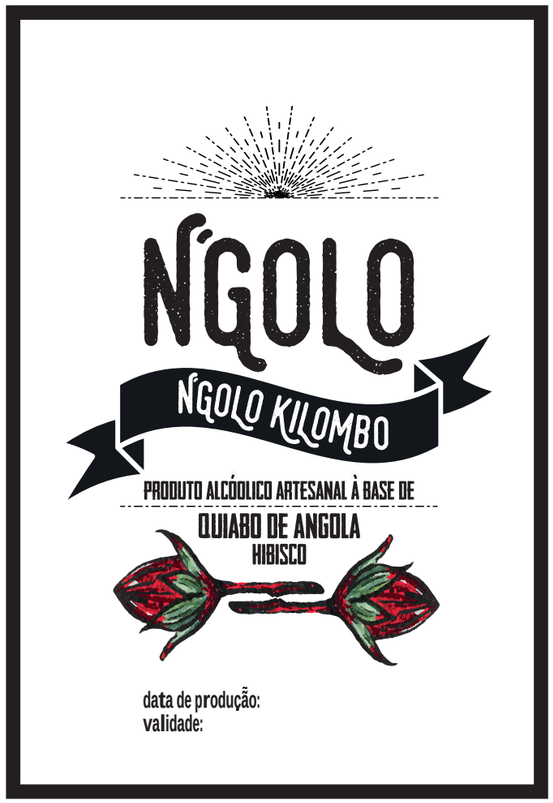
cavalgada de Nossa Senhora d'Abadia

Para a Cavalgada, também intermediado por Wallison, foi produzido um cartaz que remetia ao da Folia. Como eram dois eventos conectados, não se viu o problema nessa escolha.

Nessa produção, optou-se por elementos mais rústicos que remetessem a vida no campo, como a madeira e a placa, além do uso do cavalo na colagem. Nossa Senhora ainda é elemento central, tendo a presença das rosas e do alecrim. Foi escolhido, também, por continuar com o azul, para remeter ao cartaz da Folia.

Foi pedida, também, a produção de uma camiseta, que seguiria a mesma arte do cartaz. O modelo desenvolvido teve grande aceitação das mulheres, porém com os homens, como com camiseta da Folia, não foi bem recebida, pois estava, aparentemente, feminina demais.

Imagens 47 a 49: Rótulos para os produtos de Quiabo d'Angola. Fonte: autora.



rótulos de produtos de N'Golo

Este trabalho foi pedido por Manoel, que pretende expandir a produção do N'Golo Kilombo, como uma forma de fortalecer economicamente o Mesquita.

Como os rótulos estão programados para serem utilizados na produçãode 2019, foi encolhido continuar um uma linguagem que remetesse a da Festa do N'Golo, reforçando os laços entre produto e a celebração. Foi escolhido, também, representar o Quiabo de Angola, base dos produtos, para criar maior identificação pelo consumidor. Os rótulos produzidos foram para o chá, suco e N'Golo, bebida fermentada.

8ª folia e vi tríduo de Nossa Senhora Aparecida

Novamente intermediado por Wallison, foi pedida a criação de um cartaz para a Folia de Nossa Senhora Aparecida, menos importante que a anterior, teve menos produtos pedidos.

Para o cartaz, novamente com Nossa Senhora em destaque, foi escolhida uma linguagem mais elegante, com referências mais luxuosas. Essa escolha foi feita, já que Nossa Senhora Aparecida também é sincretizada com Oxum, que traz toda a sua riqueza e ouro.

Este processo foi mais simples, tendo sido entregue no dia seguinte que foi feito o pedido. Pequenas alterações foram feitas, mas nada que trouxesse grandes distúrbios. Provavelmente porque, no momento, a comunicação estabelecida tenha se feito clara e mais direta.

Imagem 50: Cartaz de divulgação da Folia de Nossa Senhora Aparecida. Fonte: autora.

8ª Folia de
Nossa Senhora
Aparecida

06 a 12 de outubro de 2018
Quilombo Mesquita

Coordenador: Virlando (Eloi) e seus seguidores pela divindade
Guia: Silvio Silva
Organização: Lúcia Marta

06/10 (sábado)
Alvorada: Renatinho, Erci e família
Ás 8h da manhã

06/10 (sábado)
Pouso: João, Jocilene e família

07/10 (domingo)
Pouso: Ezio Lisboa, Marli e família

08/10 (segunda-feira)
Pouso: Diana Santos Magalhães e família

09/10 (terça-feira)
Pouso: Fernando, Antonia Claudia e família

10/10 (quarta-feira)
Pouso: Valdomiro (Dema), Nalva e família

11/10 (quinta-feira)
Pouso: Luso, Eleuza e família

12/10 (sexta-feira)
Desalvorada: Igreja de Nossa Senhora Aparecida
Jardim Edite
Antes da missa às 08h30 da manhã

17ª festa do marmelo

Este cartaz foi pedido no início de novembro, por volta do dia 08/11, por Wallison, novamente mediando a comunicação com o Conselho da Capela de Nossa Senhora d'Abadia. Como a festa será apenas em janeiro de 2019, foi pedido que esperassem até a entrega deste caderno para que, depois de respondidas as necessidades da academia, poderia me debruçar sobre o trabalho. Porém, infelizmente, a comunidade não tinha esse tempo e pediu que o trabalho fosse realizado o quanto antes já que a Prefeitura da Cidade Ocidental havia tornado público seu material de divulgação e o Mesquita não poderia demorar para fazer o mesmo. Sendo assim, foi dado prioridade à demanda do Quilombo.

O cartaz segue um pouco o mesmo conceito do da Festa do N'Golo, onde a mão que que produz é central no cartaz. Foi decidido dar a devida relevância ao fruto, que com suas cores fortes se destaca no fundo azul. Ainda serão produzidas as camisetas do evento, segundo o mesmo conceito do cartaz.

Imagem 51: Cartaz de divulgação da Festa do Marmelo de 2019. Fonte: autora.

observando o território

análise territorial

Compreendendo a busca da sustentabilidade como único caminho possível para um futuro mais igualitário e sensível as realidades individuais e coletivas, foi escolhida a metodologia de avaliação trazida pelo livro “Avaliação da qualidade da habitação de interesse social” (2016). Esta metodologia vem sendo utilizada em inúmeros trabalhos do Grupo de Pesquisa Periféricos, trabalhos emergentes, e tem se demonstrado profundamente útil, uma vez que se baseia na análise de quatro dimensões imprescindíveis para o desenvolvimento sustentável – a social, a ambiental, a econômica e a cultural/emocional.

Existem algumas limitações em relação a territórios de caráter rururbano, porém que podem ser facilmente transpostas uma vez que a problemática seja analisada em diferentes escalas. Esta metodologia se demonstra profundamente inclusiva, já que compreende a sustentabilidade como uma constelação de fatores e se faz muito eficaz quando aplicada em contextos Urbanos.

Em alguns momentos a análise será universal para toda a extensão do território e, em outros, mais focada para a área central, onde o projeto será desenvolvido.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho foram escolhidas duas escalas para a compreensão do território, a macro e a micro, ou o todo e o centro. Entende-se que as duas escalas estão profundamente interligadas, uma é um fragmento da outra, e que não seria possível captar o que acontece na região central, onde se encontra o terreno do projeto, sem uma compreensão geral das dinâmicas territoriais do Mesquita.

Pretendia-se que a construção desses mapas fosse coletiva, tendo como protagonistas desse processo a comunidade. Porém, levando em conta os conflitos enfrentados pela comunidade e a consequente falta de tempo para atividades e de interesse, já que as urgências a serem atendidas eram outras, uma vez que se corria o risco da redução do território quilombola, pouco se teve de participação ativa da comunidade na construção dos mapas apresentados. Estes são fruto da observação atenta durante as visitas de campo e da coleta constante de informações sobre o território. Sendo assim, são mapas que necessitam de um ajuste fino feito por quem realmente compreende as dinâmicas territoriais do quilombo.

Se incompletos, estão não pela falta de interesse de quem os fez, mas porque o território está em constante movimento, sofrendo transformações que na maioria das vezes são visíveis a quem possui maior conhecimento e sensibilidade em relação a estas questões. Porém, apesar de suas limitações, são capazes de trazer à luz informações profundamente importantes sobre o território.

Imagem 01: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

dimensão social

Observa-se uma baixa acessibilidade em todo o território, sendo em vários trechos inexistentes as calçadas, ou, se existentes, são muitas vezes descontínuas. Tem-se o costume de caminhar na beira da estrada. A centralidade é baixa, apesar de cada vez mais se afirmar no trecho onde foi desenvolvido o projeto, e os núcleos são dispersos, de difícil conexão.

Com a chegada da especulação imobiliária, a ocupação do território por grandes fazendeiros e não quilombolas, os caminhos comumente utilizados pela comunidade quilombola foram interrompidos e, hoje, a circulação se dá, prioritariamente, pelas estradas. Dentro do território, de forma geral, tem se observado a maior presença de muros, que cada vez mais negam as ruas. Há na região pouca diversidade de comércios, o que cria uma dependência dos núcleos urbanos mais próximos, como a Cidade Ocidental, Luziânia e Brasília.

Observa-se a grande presença de bares, o que demonstra que talvez o alcoolismo e a falta de atividades de lazer sejam questões na comunidade. Apenas na rua da Escola, na área central, encontram-se seis bares. As atividades comerciais não se estendem muito além do horário comercial, o que resulta em um espaço esvaziado à noite. Existem algumas pequenas vendas de beira de estrada e alguns churrasquinhos, que abrem especialmente à noite.

As festividades normalmente ocupam os espaços privados das casas, ou do salão da Igreja, sendo o espaço público normalmente ocupado por carros, o transformando em grandes áreas de estacionamento. Esta situação demonstra, alinhada com a demanda levantada pela comunidade, a necessidade de espaços públicos que possam acolher as atividades comunitárias e possibilitarem o uso saudável da rua, proporcionando maior facilidade para que os encontros aconteçam.

A comunidade quilombola, que se reconhece como quilombola, possui fortes laços de pertencimento com o território, laços que não são apenas de vizinhança, mas também de parentesco. Como foi exposto anteriormente no texto, existe uma profunda relação entre a identidade quilombola e o território, porém, com a chegada de agentes externos ocupando esse território, observa-se um crescente enfraquecimento desses laços. Quanto ao processo de planejamento do território, há pouca ou quase nenhuma inserção da comunidade.

Em relação à mobilidade e transporte sustentável, o sistema de transporte público é ineficiente. Existem poucos ônibus e a espera é longa. Como já foi relatado, há a falta de calças e não há ciclovias no território. As paradas de ônibus se encontram distantes umas das outras e as vias possuem quase nenhuma iluminação pública.

Imagem 02: Água empoçada na rua da Igreja.
Imagem 03: Má iluminação pública na mesma rua.
Imagem 04: Sinalização pintada pela comunidade.
Imagem 05: Barraca de produtos locais ao lado de parada de ônibus.
Imagem 06: Quiosque de materiais locais, nunca visto em funcionamento.
Imagem 07: Parada de ônibus feita pela comunidade.
Imagem 08: Parada de ônibus pintada pela comunidade em frente a Igreja Nossa Senhora D'Abadia.
Fonte: autora.

Imagens 09 e 10: Estradas de terra passando sobre rios no território, desmatamento da mata ciliar e enfraquecimento dos cursos d'água. Fonte: Google Earth.

Este mapa surge durante as discussões em relação a quais produtos poderiam ser desenvolvidos para o fortalecimento do Mesquita perante os conflitos que estavam instaurados e os futuros também. Sendo assim, pensou-se na construção de um mapa de luta que fosse capaz de denunciar as diversas ações predatórias que, aos poucos, vem encurralando as famílias quilombolas e tomando seu território.

A ideia inicial foi a de que este mapa fosse uma denúncia, e ainda é, mas que expusesse de forma clara quais são os agentes responsáveis por essas ações. Porém, compreendendo o risco que se expunha à comunidade e suas lideranças, uma vez que muitos desses agentes são políticos influentes, preferiu-se não expor seus nomes neste trabalho. Mas que fique explícito que a maior parte das grandes áreas de monocultura e pecuária presentes no território estão nas mãos de grandes políticos, que ilegalmente ocupam o ter-ritório Quilombola.

Observa-se neste mapa como a monocultura, áreas em laranja, tomam conta do território e como estas áreas não estão sob posse das áreas ocupadas pelas famílias quilombolas, áreas em vermelho, as quais encontram se encurraladas pelos vetores de expansão do mercado.

Outro aspecto que pode ser observado neste mapa é o grande desmatamento causado por estas ocupações e como as áreas de ocupação quilombola possuem maior cobertura vegetal, demonstrando a importância que estas têm para a preservação do meio ambiente. O modo de vida quilombola é profundamente vinculado à terra e aos recursos naturais fundamentais para a sua existência e reprodução no tempo.

Outra questão importante é a água. O território que antes possuía abundância de minas e rios, de água de qualidade, hoje observa seu desaparecimento. Além do despejo de esgoto nos rios e do desmatamento das matas ciliares, que inevitavelmente levam à morte dos mesmos, nota-se a existência de uma prática que apenas agrava este cenário. Para a passagens das vias de acesso aos lotes, fazendas e afins, aterra-se o rio, pontos amarelos, diminuindo sua vazão, impedindo que flua em seu percurso natural e contribuindo para a sua morte.

mapa de ocupação territorial

ocupação quilombola_
ocupação não quilombola_
lotes semelhantes
áreas verdes_
rios_
monocultura_
pecuária_
loteamentos_
rodovia_
estrada sobre rio_
aterro

Imagem 11: Igreja de Nossa Senhora D'Abadia.
Imagens 12 e 13: Casarão do Sarney, frente e casinha nos fundos.
Imagem 14: Casa de Dona Castorina.
Imagem 15: Casarão de Seu José Grilo.
Imagens 16 e 17: Casa de Dona Maricota.
Imagem 18: Lixão da Cidade Ocidental.
Fonte: autora.

Para melhor compreender a dinâmica territorial do Mesquita foi proposta a construção deste mapa, o qual mostra pontos importantes dentro do ter-ritório. Foi utilizada a divisão das dimensões da sustentabilidade para melhor compreensão e organização dos pontos.

Este mapa, assim como os demais, encontra-se em construção, já que, provavelmente, detalhes escapam ao olhar de uma observadora externa. Embora este exercício tenha sido feito com muita atenção, o território, além de extenso, encontra-se em constante movimento.

Tinha-se o objetivo de construir este mapa coletivamente durante a atividade do Mapa Afetivo desenvolvida no Mesquita, porém, devido ao momento que se encontrava o Quilombo, não foi possível ter adesão dos participantes. Sendo assim, este mapa é uma pequena parte do que se pretendia levantar, mas que num trabalho continuado poderá ser de profunda importância para o Mesquita.

mapa de localizações

igreja evangélica_1
igreja nossa senhora_2
d'abadia
+ capelinha
+ possível centralidade
igreja evangélica_3
área de interesse social_4

casarão do Sarney_1
praça Jacinto_2
praça da igreja_3
casarão do Aleixo_4
casa da dona Castorina_5
casão do seu José Grilo_6
casa da dona Maricota_7

mina_1
ruínas da olaria_2
cano d'água*_3
prainha_4

pesque-pague_1
potencial turístico_2
rua de bares
farol das águas_3

Este mapa, construído também a partir da observação atenta do território e necessita de ajustes, já que não é difícil compreender qual é a real delimitação dos lotes. Porém, pode-se observar maior predominância do uso residencial, tendo na rua da igreja uma maior concentração do uso misto e institucional. Observa-se, também, que a maior parte desses comércios são bares, o que pode demonstrar a falta de possibilidades de lazer no território e a potencialidade de vir a ser uma rua de bares e restaurantes capazes de atender a demanda turística que se pretende desenvolver no território.

mapa de usos do solo

residencial_
misto_
institucional_
associações_
praça_

areqim_1
apromaq_2

igreja n.s. d’abadia_1
escola municipal_2
aleixo pereira braga
posto de saúde_3
cemitério_4

barbearia_1
mercadinho_2
bar_!

mapa chave

Ao longo da rodovia GO-521, observa-se o crescimento de comércios, sendo eles bem mais concentrados e diversos no Jardim Edite. Apesar da pequena oferta de serviços, pode-se notar a presença se comércios básicos, que atendem, mesmo que minimamente às demandas dos moradores do território.

Novamente, observa-se a grande presença de bares, o que reafirma a falta de lazer no território. Outra questão interessante que pode ser notada é a existência de inúmeras vendinhas de beira de estrada, algumas próximas às paradas de ônibus. Os produtos vendidos muitas vezes são produzidos no próprio território, o que demonstra a necessidade da criação de um espaço para escoação dessa produção local e o fortalecimento do pequeno produtor.

mapa de usos do solo

ponto de ônibus_*
igreja evangélica_1
loja de material de construção_1
loja de móveis artesanais_1
bar_!
vendinha _*

mapa de usos do solo

ponto de ônibus_*
igreja evangélica_1

salão de cabeleleiro_1
barbearia_2
loja de material de construção
agropecuária_3
lanchonete/pizzaria_4
loja de material de construção
mercearia_5
açougue_6
mercearia_7
mercearia_8
drogaria_9
padaria_10
armarinho_11
bar_!

Maior parte das vias no território são em cobertura natural, o que condiz com o caráter rural do território. Antigamente os percursos eram feitos por elas, ou pelas trilhas que cortavam todo o território, e que, apesar de ainda serem utilizadas, perderam sua força para as rodovias presentes no território.

Neste mapa partimos para a escala micro, na região central, para melhor compreendê-la, onde se observam vias mais consolidadas, já asfaltadas, em amarelo. Uma das ruas, a que segue ao lado da igreja até o cemitério, apresenta maior relevância, pois nela se encontram também a escola e o posto de saúde, além de uma maior concentração de comércios, como poderemos observar no mapa de usos do solo.

mapa de vias

rodovia GO-521_
via asfaltada_
via cobertura natural_
caminhos_praça_

Neste mapa pode-se observar um maior adensamento dessa região central, especialmente ao longo da via asfaltada, onde os lotes tendem a ser mais estreitos e com maior percentual de ocupação.

Outra questão interessante de ser notada neste mapa é a forte presença de muros, o que destoa do resto da ocupação do terri-tório, porém que demonstra uma tendência preocupante, já que sua presença tem se tornado cada vez mais forte. É interessante de se notar que esses muros, em rosa, muitas vezes são cenográficos, já que existem apenas na testada da rua, não havendo nos demais lados do lote.

Neste mapa também foram destacadas algumas questões referentes à água, como o rio, os açudes existentes e as piscinas. Outra questão interessante são os canais de drenagem, tecnologia tradicional, existentes na rua mais próxima ao rio. Apesar dos quintais serem densamente ocupados por vegetação, como também pode ser observado neste mapa, existem poucas árvores, destacadas com o círculo verde, nas áreas públicas do Mesquita.

mapa de cheios e vazios, muros, rios e afins

cheios_

muros_

rios_

açude_

piscina_

canais de drenagem_ existentes

árvores em_ áreas públicas

dimensão cultural e emocional

A ocupação não-quilombola apresenta um desenho irresponsável, muito semelhando com o que se encontra em outras periferias da região, em contraste com a ocupação quilombola, que é profundamente afetiva e leva em conta laços familiares e o respeito pelos recursos naturais.

No território, observa-se a existência de poucos elementos marcantes na paisagem, sendo a Igreja de Nossa Senhora da Abadia a mais relevante, porém sua implantação, voltada para rodovia, e a inexistência de mobiliário urbano não permite a sua contemplação.

Quanto à legibilidade e orientabilidade, nas ocupações não-quilombolas, nota-se uma ocupação que tente a ser labiríntica e confusa, já que existem inúmeras descontinuidades na malha viária. Observa-se, também, a ausência de pontos focais e marcos visuais nos limites das ocupações. Sendo o desenho urbano de baixíssima orientabilidade. Quanto à baixa identidade dos espaços, as ocupações não-quilombolas possuem pouca diversidade tipológica, sendo mais uma repetição de qualquer coisa que se encontra nas periferias homogeneizadas, produtos da grilagem, dessa parte do Brasil. O que resulta em pouca ou quase nenhuma afetividade com o espaço, que possui baixa representatividade, o que contrasta fortemente com a ocupação quilombola, na qual o território e a identidade estão profundamente interligados por laços afetivos.

Imagens 19 e 20: Vista de drone da Igreja de Nossa Senhora D'Abadia e da Praça Jacinto. Fonte: Lucas Parahyba.
Imagem 21: Trecho central do Jardim Edite. Fonte Google Earth.

Este mapa, criado a partir das informações das artes de divulgação dos pousos e novenas, apresenta a localização dos pousos deste ano, da Folia de Nossa Senhora d'Abadia. Apesar das localizações mudarem anualmente, o mapa apresenta duas informações interessantes. Além de ser importante compreender territorialmente como essa tradição se especializa e como são organizados os pousos de uma maneira em que não exista cruzamento entre eles, é essencial, também, observar como as famílias quilombolas se encontram, muitas delas, fora do território do Mesquita.

mapa de pousos da Folia de Nossa Senhora d’Abadia de 2018

dimensão ambiental

Como já foi exposto anteriormente, o Plano Diretor da Cidade Ocidental desrespeita a delimitação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, fomentando o crescimento urbano na região. Observa-se que os loteamentos existentes são desconectados. Há a invasão e o parcelamento do solo em áreas ambientalmente sensíveis.

Devida à ocupação do território por grandes latifúndios, e o crescente desmatamento, existe pouca conectividade das áreas verdes, sendo estas muito mais densas em áreas ocupadas por quilombolas. Não se formam corredores de mata, e sim ilhas.

Nas áreas mais urbanizadas, nota-se a inexistência de locais de agricultura e paisagismo produtivo. Existem poucas árvores fora dos lotes privados, sendo quase nula a arborização de vias. Apesar do trabalho coletivo ser um traço característico de comunidades quilombolas, não existem áreas de cultivo coletivo.

Quanto à gestão da água, drenagem natural e tratamento de esgoto alternativo, percebe-se o desempenho ineficiente do ciclo da água no solo. Existe um desrespeito em relação à condição natural dos cursos d'água e a ocupação predatória do território leva à seca e a poluição dos rios. Nas zonas ocupadas por condomínios e no Jardim Edite, observa-se um desenho urbano desconectado do terreno, desrespeitando sua topografia e os cursos d'água, completamente diferente do que se observa nas ocupações quilombolas, onde se percebe uma maior preservação das matas e conexão com a natureza. A pouca existência de arborização urbana leva ao baixo conforto ambiental nos espaços públicos.

Os rios encontram-se poluídos devido ao despejo de esgoto, cada vez maior, uma vez que se intensifica a ocupação urbana na região e os solos são poluídos pela grande quantidade de agrotóxicos utilizados nas monoculturas.

Imagem 22: Rio próximo a área central do Mesquita. Fonte Google Earth.
Imagem 23: Prainha próxima ao Casarão do Sarney. Fonte: autora.

dimensão econômica

Observa-se no território, como já foi exposto anteriormente, quanto ao adensamento urbano, a existência de condomínios fechados de baixa densidade e o fortalecimento de uma periferia monótona. A ocupação não quilombola apresenta grande desrespeito às questões da sustentabilidade, uma vez que fortalece uma ocupação despreocupada em manter relações de equilíbrio com o meio ambiente.

Quanto à dinâmica urbana, percebe-se, como em qualquer local periférico, a quase que total inexistência de mobiliário, e quando presente é inadequado e de má qualidade. A iluminação pública é insuficiente e, devido ao momento conflituoso que o território enfrenta, a situação apenas piorou, uma vez que foram depredados os postes da região central, deixando o espaço ainda menos receptivo. Não existe iluminação pública direcionada para pedestres, que transitam à noite na beira das estradas escuras.

Em relação à qualidade das vias, nota-se o uso de materiais de baixa qualidade, asfalto precário. Quanto ao desenho das áreas mais urbanas, observa-se o descuido em relação à continuidade das vias, criando percursos labirínticos e desconectados.

Em todo o território, observa-se pouca diversidade de comércio, sendo eles concentrados no Jardim Edite e na área central. É comum a existência de pequenos comércios, geralmente bares, nas residências. Há pouca oferta de espaços públicos, sendo nenhuma praça identificada no território. Observou-se que os encontros geralmente se dão nos quintais das famílias, sendo as áreas de espaço público pouco procuradas para esta finalidade, provavelmente pela falta de praças e espaços do tipo. Pois foi notada a vocação e a necessidade de espaços para o encontro. As crianças brincam no descampado, onde foi projetada a praça, e durante o desenvolvimento desse trabalho ocorreu um campeonato de futebol nesse mesmo local.

Imagem 24: Divulgação do campeonato de futebol. Fonte: autora.

os padrões

padrões escolhidos

Todo o processo foi guiado por metodologias já utilizadas pelo Grupo Periférico, apesar de alguns avanços e modificações devido ao tempo ou às dinâmicas da comunidade, foi seguido o caminho básico utilizado pelo grupo. A metodologia dos padrões, quando adaptada para a realidade da comunidade tem forte potencialidade, pois a utilização de imagens facilita e cria um diálogo mais fluído.

Após a construção de mapas e análises sobre as potencialidades e problemáticas territoriais, foram levantados alguns padrões que poderiam ser aplicados prepositivamente no espaço.

Os padrões são modelos espaciais propositivos em resposta às nece-sidades apontadas pelos desejos da comunidade e também pela observação das problemáticas do território. Estes, neste trabalho, foram classificados dentro das dimensões da sustentabilidade e distribuídos por localidades dentro do território, para melhor compreensão e, também, porque observamos na Oficina do Mapa Afetivo a dificuldade de engajamento da comunidade na atividade, decidimos que esta metodologia seria a mais indicada para o momento.

Sendo assim, foi desenvolvida uma Oficina para apresentação e ajustes dos mapas construídos e dos padrões escolhidos para o território. Foi trabalhado com o território como um todo, nas suas duas escalas, e não apenas com o descampado, pois se acredita que não existe uma parte que funcione bem sem um todo que esteja afinado no mesmo propósito e trabalhando com suas partes articuladas.

Os padrões divididos nas dimensões seguem o mesmo esquema de cores do restante do trabalho. Em vermelho a dimensão social, em amarelo a cultural, em verde a ambiental e em preto a econômica.

dimensão social

_caminhos acessíveis

Atualmente o desenho que vem se consolidando na região central apresenta pouca acessibilidade, com vários trechos sem nenhum tipo de calçada. As pessoas caminham na beira da rua e das estradas. Os percursos tradicionalmente feitos pelos quilombolas perdem força para GO, que se torna o caminho para acessar as diversas partes do Quilombo. Observa-se também que as construções se encontram cada vez mais próximas da via e viradas para ela, como a Igreja de Nossa senhora d'Abadia que se debruça sobre a rodovia.

Este padrão é proposto, pois se acredita que uma sociedade igualitária só será atingida quando a todos forem proporcionados as mesmas possibilidades de acessibilidade.

_bancos na sombra

Existe pouca ou quase nenhuma disponibilidade de mobiliário urbano na rua, impossibilitando uma ocupação mais prolongada do espaço público. Sendo este o cenário, é proposto que se empregue esse padrão para que se criem possibilidades de que o usuário se detenha mais tempo nos espaços público, aumentando a possibilidade de encontros nesses locais.

_espaços arborizados

Atualmente, na área central, encontramos poucas árvores nos espaços públicos. Apesar dos quintais bem arborizados, as ruas apresentam poucas sombras. Como resposta a esta questão, é proposta uma maior arborização do espaço, para que sejam aumentadas as possibilidades de ocupação saudável e sustentável deste.

_rua compartilhada

Na rua que se prolonga do lado esquerdo da praça, a rua da escola, além deste equipamento e do posto de saúde, existem 5 bares, uma barbearia, uma espécie de mercadinho/distribuidora e culmina em um cemitério. A rua apresenta forte potencial em se consolidar em uma rua de bares e restaurantes, o que poderia vir a favorecer a aptidão turística do Quilombo. É uma rua relativamente estreita, sem calçada e com acúmulo de entulho em vários trechos. Observa-se que as pessoas transitam pela rua. Vem se consolidado a presença de muros, fechando os olhos para a rua.

Propomos este padrão uma vez que a rua estreita a presença de equipamentos de saúde e educação e comércios que poderiam afirmar o potencial turístico do Mesquita, vocação para a humanização da via. Compreendemos a necessidade de que modificar os paradigmas hegemônicos, no caso a protagonismo do carro no espaço público, é profundamente necessário para a construção de um espaço mais igualitário. Na rua compartilhada, há a possibilidade de estender as atividades para o espaço da rua, criando maior integração entre pessoas e atividades, possibilitando mais encontros e, consequentemente, maiores trocas entre os moradores.

Observa-se pelos relatos e do convívio no território, que os encontros entre pessoas se dão, maior parte das vezes, dentro dos espaços privados, nas casas de familiares, porém acredita-se ser saudável incentivar maiores trocas entre as pessoas, uma vez que vem se notando maior cisão entre os Mesquitenses

_pontos de ônibus

Existem ao longo da rodovia algumas paradas de ônibus com abrigo, porém algumas placas improvisadas demarcam novas paradas. Este padrão é proposto para atender às demandas já existentes na comunidade, que se expressam pelas novas paradas determinadas pela população.

_ciclovias

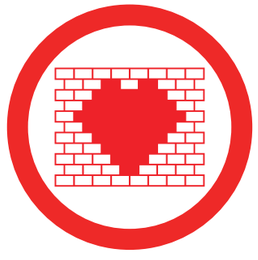
A maioria dos deslocamentos diários, apesar de muitos moradores saírem do território por trabalharem em Brasília, Cidade Ocidental e Luziânia, são dentro do território. Acredita-se no forte potencial que a bicicleta tem para melhorar esses deslocamentos, porém a inexistência de ciclovias dificulta o fortalecimento desse modo de transporte.

Observa-se o uso da bicicleta como meio de transporte e a pequena distância entre lugares demonstrando a vocação que esse transporte tem no território.

Como padrão já existente no Mesquita, foi escolhido fortalecê-lo, uma vez que se acredita que a construção de sociedades mais conectadas e sustentáveis, necessita da adoção de transportes que a favoreçam.

_ciclovias conectando núcleos

Este padrão foi proposto, pois se compreende que uma rede cicloviária facilitaria a conexão dentro do Quilombo, favorecendo maior comunicação entre suas partes, criando a possibilidade de aproximar cada vez mais seus habitantes.



_arte na rua

Há a crescente presença de muros virados para a rua. Muitos deles cenográficos, já que só existe muro para a rua, tendo nas laterais do lote cerca. Este fenômeno aumenta a monotonia experenciada nas ruas.

Propõe-se a arte urbana como possibilidade de amenizar essa monotonia. Seria interessante que se voltassem as janelas e a vida para a rua, mas como medida amenizadora a arte urbana é uma boa saída já que possibilita percursos mais estimulantes. Acredita-se que esse padrão poderia potencializar a mobilização da juventude na produção do espaço coletivo.

_estacionamentos efêmeros

Durantes as atividades e festividades na Igreja Nossa Senhora d'Abadia, o espaço aberto à sua frente e no descampado são utilizados como estacionamentos. Como não existe a necessidade de afirmar a presença do carro, porém compreendendo a necessidade da existência de estacionamentos durante esses eventos, que não poderão mais acontecer nos espaços já utilizados uma vez que serão propostos novos usos para os mesmos, propõe-se a criação de estacionamentos efêmeros organizados nas áreas livres nos fundos da Igreja.

_bicicletário

Também é proposto, como padrão em resposta e estimulo ao uso da bicicleta, uma vez que são providenciadas situações favoráveis ao seu uso. O mobiliário também teria a possibilidade de ser usado para amarrar cavalos, uma demanda já observada na frente da Igreja e ao longo da rua da escola.

_espaço para feira

O Mesquita produz bem, a terra é boa e os produtos são de ótima qualidade, porém não há nenhum espaço onde possa ocorrer uma feira. A proximidade do território com a Cidade Ocidental, Luziânia e Brasília são favoráveis à afirmação do Mesquita como um polo de abastecimento dessas regiões. Atualmente, observa-se no território uma presença extensiva da monocultura e pecuária, nítida ação pretória que cada vez mais oprime os pequenos produtores. É necessária a criação de um espaço para o fortalecimento do pequeno produtor.

_quiosques

Muitas pessoas expõem seus produtos na beira da estrada e nas paradas de ônibus existem pequenas vendinhas feitas em estruturas leves. E também como forma de contrapartida em relação à doação das terras do descampado, é proposta a construção de quiosques aonde viria a ser projetada a praça.

_palco

É importante que exista um espaço para a apresentação dos grupos culturais existentes no Quilombo. O Mesquita recebe encontros de outros quilombos, como o Congresso da CONAQ e é interessante que exista um espaço para trocas culturais. Propõe–se o palco como forma de materializar essa necessidade, criando um espaço para o fortalecimento da cultura quilombola.

_sinalização

Atualmente, a sinalização presente no território se refere a ele como Povoado Mesquita, mais uma tática de invisibilização do Quilombo. Com o fortalecimento do potencial turístico do Mesquita, mais pessoas estarão transitando pelo território. Levando em conta a necessidade de combater o racismo dessas estratégias e de trazer maior facilidade de localização no espaço, sugere-se a implementação de uma nova sinalização mais inclusiva e condizente com o que o território é.

_iluminação para o pedestre

Existe pouca iluminação e muitas vezes as existentes são vandalizadas como forma de repressão contra o Quilombo. À noite as pessoas transitam no escuro, o que gera uma sensação de insegurança. Como resposta a este problema, visando trazer mais conforto e segurança para o pedestre, é proposta a implementação de postes de iluminação para o pedestre.

_escola

Levando em conta a existência de nenhuma escola de ensino médio no território e a necessidade que hoje os adolescentes têm de se deslocarem grandes distâncias para poderem estudar. É proposta a construção de uma escola, que possa atender não apenas jovens quilombolas, mas também a população do Jardim Edite.

_ensino superior

Propõe-se a possibilidade da criação de um campi do IFB, ligado aos cursos voltados ao campo, abrindo maior possibilidades que sua população tenha acesso a estes espaços.

_creche

Muitos dos empregos se encontram no DF ou Cidade Ocidental, o que impõe a muitas mulheres a dificuldade de ter que encontrar pessoas que possam cuidar de seus filhos. Para maior emancipação das mulheres quilombolas, propõe-se a criação de uma creche, que atenda de forma segura as crianças do Mesquita e regiões próximas.

_ginásio

Não há nenhum espaço para a prática de esportes no Mesquita e, levando em conta a importância de atividades complementares para os jovens, propõe-se a construção de um ginásio que possa atender a juventude quilombola e de regiões próximas promovendo a possibilidade ao acesso a uma vida mais saudável, física e mentalmente.

dimensão cultural

_lugares de encontro

Os encontros na comunidade acontecem de costume nos espaços privados, na Igreja –na missa e nas suas festividades- e nos bares. Esses hábitos, apesar dainfluência dos costumes tradicionais, já que não existia a divisão público/privado do espaço e a rede de relações era muito mais estreita, também são afetados pela falta de oferta de espaços públicos de qualidade.

A demanda levantada por Mariane Paulino (2017) de uma praça, apesar de contrastante com os hábitos da comunidade, confirma-se no uso cotidiano por pequenos grupos de criança que usam o descampado como cenário de suas brincadeiras, ou pelos campeonatos de futebol que acontecem na terra batida. O lugar serve, também, de passagem para quem acessa a parada de ônibus e a Igreja.

_flores elevadas

Existe algo de terapêutico em sentir o cheiro e apreciar a beleza de uma flor. Canteiros elevados onde as pessoas possam se sentar e observar as flores criam uma ambiência propícia ao descanso. Este padrão pretende aproximar mais as pessoas da natureza e assim trazendo melhor qualidade de vida.

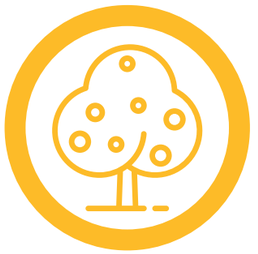
_circulo

No círculo todos são iguais, o começo e o fim não existem. O círculo é fundamental para a cultura de comunidades tradicionais, presente nas danças e na forma de organização espacial, ele é proposto como padrão a ser replicado nos espaços a serem projetados no Quilombo.

_fogo

O fogo tem o poder de atrair os olhares. Rodas de conversas em volta de uma fogueira ou mesmo a fogueira de São João são imagens fortes na memória de todos que já puderam se reunir em volta do fogo. Além desse caráter agregador, o fogo, assim como os demais elementos, é fundamental para as culturas tradicionais.

Levando em conta o caráter agregador do fogo e sua importância simbólica, é sugerida a aplicação desse padrão nos espaços de encontro. O fogo não deve estar constantemente presente, portanto foi imaginado que esse padrão seria materializado em espaços para fogueira, que poderiam ser utilizadas sempre que desejado.



_pé de marmelo

Além de ser produtivo, é uma árvore, o pé de marmelo é fundamental para a história do Quilombo Mesquita e, parao celebrar, propõe-se que seja empregado no paisagismo. Pretende-se assim que se fortaleça a cultura e as raízes do Mesquita, trazendo a história da comunidade a partir da presença do pé de marmelo nos espaços públicos e não apenas nos quintais e pomares das propriedades privadas.

_materiais sustentáveis

Sugere-se o uso de materiais sustentáveis para as construções propostas. Como forma, também, de resgate a modos de construção tradicionais como o adobe, procura-se assim fortalecer práticas sustentáveis favorecendo a construção de uma coletividade mais consciente e igualitária.

_campo de futebol

Hoje, duas traves demarcam o campo de futebol no descampado em frente à Igreja, onde após a missa, em época de campeonato, a comunidade se reúne. Pretende-se manter esse padrão, reforçando sua presença no espaço e criando uma situação mais favorável para a prática do esporte e do encontro.

_espaço para dança

A dança é fundamental forma de expressão e congregação, sendo assim, propõe-se a presença de espaços propícios a essa prática.

O Mesquita possui o Raposo, espécie de catira, fundamental para o Quilombo e tradicionalmente dançada nas comemorações da comunidade, pretende-se que esse espaço também sirva como local de demonstração desta dança tão importante para a cultura local.

_estátua

Com o intuito de trazer arte e reforçar a presença de elementos que remetam a história e cultura do Quilombo, sugere-se a presença de estátuas no espaço. Que além do seu valor simbólico, também funcionariam como pontos de referência, facilitando a localização no espaço.

_museu

Levando em conta a fundamental importância que tem a preservação da memória para o fortalecimento da identidade quilombola, propõe-se a criação de um museu da história do Mesquita. Seria interessante que este museu tivesse gestão coletiva, descentralizando e aumentando a participação da comunidade na construção de suas narrativas.

_casa de chá

Propõe a criação de casas de chá que comercializem os produtos produzidos no território, resgatando receitas e modos de vida antepassados, fortalecendo os futuros. Esses espaços são pensados para, também, fortalecer a economia local e a produção artesanal dos produtos quilombolas.

_restaurante

Como forma de valorizar a gastronomia quilombola, propõe-se a criação de restaurantes, gerando uma rede de atendimento ao turista e fortalecendo a economia do Mesquita.

_casa de farinha

Levando em conta a importância da preservação dos modos de vida tradicionais, propõe-se a construção de uma casa de farinha, que, além de centro de produção familiar, serviria de espécie de museu e espaço de demonstração e preservação de técnicas tradicionais.

_monjolo

Uma vez canalizada a água, pretende-se criar um monjolo que, além de marco visual no espaço público, também sirva para celebrar e preservar a memória de técnicas tradicionais.

_via esquestre

Por ser rural, observa-se no território que muitos dos deslocamentos são feitos a cavalo. Transitam na beira da estrada, expondo os animais e cavaleiros a uma série de perigos. Portanto, é proposta a criação de uma via que atenda a esta demanda de forma segura e confortável, tanto para quem conduz, quanto para o animal.

dimensão ambiental

_reflorestamento - conectando ilhas

Observa-se no território a crescente presença do agronegócio e de loteamentos em forma de condomínio fechado, ações predatórias que aumentam o desmatamento no território. Comparando as ocupações quilombolas com essas demais formas de apropriação do território, pode-se observar uma maior presença de matas preservadas nas primeiras, o que resulta de uma cultura profundamente conectada com os recursos naturais.

Como forma de preservação e manutenção dos recursos naturais, é proposto o reflorestamento e conexão de ilhas verdes que se encontram espalhadas pelo território. A criação de corredores fortalece a fauna e a flora, uma vez que fortalece sua comunicação.

_reflorestamento - margens dos rios

O território do Mesquita possui grande abundância de água, porém a ocupação predatória do mesmo vem secando e poluindo cada vez mais os rios, nascentes e minas existentes. Além do despejo de esgoto nos rios, suas margens vêm sendo cada vez mais desmatadas, o que leva a sua rápida morte. Como forma de preservação das águas, é proposto o reflorestamento das margens dos rios.

_pontes

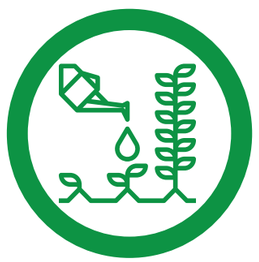
Observa-se, também, outra ação que favorece a morte dos rios: a prática de aterrá-los para criação de acesso a propriedades. Muito comum no território Mesquita, pode ser observada em inúmeros trechos de seus rios. Para combater tal prática, é proposta a mudança desses acessos por pontes, que permitiriam que o rio seguisse seu fluxo sem interrupções ou afunilamentos.

_paisagismo nativo/produtivo

Os espaços públicos do Mesquita são pouco arborizados, o que causa muitas vezes uma sensação de aridez e monotonia, que facilmente poderia ser combatida se houvesse maior presença de verde nas ruas. Para tanto é proposta que seja empregado um paisagismo produtivo, com espécies do cerrado, para a melhoria da qualidade de vida de quem transita por esses locais.

_coleta seletiva

Pode-se observar o hábito de se queimar o lixo, o que é muito perigoso, já que pode causar incêndios, especialmente na época da seca. Observa-se, também, a presença de lixo e entulho acumulado em inúmeros pontos pelas ruas, o que demonstra a precariedade dos serviços de limpeza urbana na comunidade. É sugerida a criação de pontos de coleta seletiva nesses pontos de melhor acúmulo de lixo. É importante que tal medida exista em parceria com a conscientização da comunidade sobre a importância da separação dos resíduos sólidos, que poderiam trazer uma nova fonte de renda à comunidade.



_horta coletiva

A maioria das propriedades produzem algo, mesmo que não seja destinado à venda, a agricultura de subsistência é forte no território. Levando em conta o potencial produtor do Mesquita e o interesse em incentivar as trocas comunitárias, propõe-se a criação de hortas comunitárias nos espaços públicos. Canteiros produtivos que possam fomentar a coesão social no território, a partir da troca e produção coletiva.

_drenagem natural

Dentro da perspectiva da preservação dos recursos hídricos do território, compreende-se a importância da utilização de sistemas naturais de retenção de águas pluviais, como canteiros pluviais, jardins de chuva e bacias de retenção. Além da evidente necessidade por um sistema de drenagem mais eficiente, pois existe retenção de água nas beiras das ruas, também já se observa a existência de canais nos quintais das casas, técnicas de retenção da água, o que demonstra o potencial para implementar os sistemas naturais. Este padrão pretende criar uma melhor qualidade de vida, uma vez que preserva os recursos naturais, pois possibilita a volta da água para o solo, fortalecendo seu ciclo natural.

_canalizar água

porém, sem canalizar, a água se perde. Portanto é proposta a canalização dessa água para a irrigação de lavouras coletivas, para o maior proveito das famílias quilombolas.

_parque ecológico

Compreendendo o potencial para o turismo ecológico e a preservação do cerrado, propõe-se a criação de um parque ecológico voltado para a educação ambiental e preservação do cerrado de práticas extrativistas.

_trilhas

Propõe-se a criação de trilhas pelo território, reativando muitos dos caminhos antigamente utilizados pelos quilombolas.

_fazenda coletiva

Uma vez que grandes fazendas existentes no território serão desapropriadas, propõe-se a implementação de fazendas de produção coletiva, de gestão comunitária e voltadas para o desenvolvimento da comunidade quilombola como um todo.

_parque

Propõe-se a criação de um parque na região atrás da igreja, que além de servir como contenção para o crescimento do núcleo central, que se torna cada vez mais denso e urbano. Este parque funcionaria também como museu aberto dos modos de vida quilombola, fortalecendo assim a memória do Mesquita.

_banho de rio

Apesar do estado preocupante dos rios que se encontram no Mesquita, existem ainda alguns locais agradáveis propícios para o lazer na água, um deles é a prainha. Ainda é necessário o mapeamento de mais pontos de acesso.

dimensão econômica

_pólo de produção coletiva

Com o intuito de fortalecer economicamente a comunidade é sugerida a criação de polos de produção coletiva que dessem apoio ao pequeno produtor. Criando uma rede de produtores, o que fortaleceria mais ainda o Mesquita. Esses espaços de beneficiamento foram propostos no trabalho realizado por Mariane Paulino (2017).

_loja de produtos locais

Compreendendo a necessidade de criar um espaço para promoção desse trabalho, propomos a criação de uma loja coletiva, que serviria de vitrine para o que se produz no Quilombo. Pretende-se assim trazer mais visibilidade para os produtos do Mesquita, criando um espaço físico para exposição destes.

_área de apoio a festejos

Ao longo do ano acontecem várias festas na comunidade, além disso, o Mesquita recebe visitas de outros quilombos em diversas atividades. Levando em conta a necessidade de receber visitantes e foliões, sugere-se a criação de um espaço de apoio, inicialmente, pensado como um espaço com vestiários – banheiros e duchas.

_turismo ecológico

Levando em conta o potencial turístico do Mesquita, sugere-se a criação de uma rede de apoio ao mesmo. Com espaços para acolhimento, para que o turista possa se informar e conhecer mais o território e sua história. É necessária a criação de toda uma rede de atrações para atender esses visitantes, não apenas o espaço físico para apoio.

padrões

social

- acessibilidade
- rua compartilhada
- ciclovias
- ciclovias conectando núcleos
- arte na rua
- banco na sombra
- estacionamentos efêmeros
- bicicletário
- ruas arborizadas
- feira
- palco
- quiosque
- totens com história
- sinalização
- pontos de ônibus
- postes para pedestres
- escola
- universidade
- creche
- ginásio

cultural e emocional

- lugar de encontro
- flores elevadas
- fogo
- círculo
- pé de marmelo
- materiais sustentáveis
- campo de futebol
- espaço para dança
- estátua
- museu
- casa de chá
- restaurante
- casa de farinha
- monjolo
- via equestre

ambiental

- reflorestamento
- reflorestamento margens dos rios
- ponte
- paisagismo plantas nativas
- coleta seletiva
- horta coletiva
- sistemas naturais de retenção pluvial
- canalizar água
- parque ecológico
- trilhas
- fazenda coletiva
- parque
- banho de rio

economica

- produção coletiva
- loja de podutos locais
- apoio aos festejos
- turismo ecológico

padrões escolhidos

Como descrito anteriormente durante a Oficina do Mapa Afetivo, observou-se certa dificuldade de engajamento da comunidade, uma vez que o Mesquita se encontrava em um processo extremamente delicado. Levando em conta a necessidade de desenvolvermos atividades mais enxutas, para maior eficiência do processo decidiu-se por modificar um tanto a metodologia de apresentação dos padrões.

Geralmente, sobre uma base a própria comunidade escolhe e distribui os padrões previamente selecionados, porém este processo tende a ser mais demorado, pois além da distribuição, existe um primeiro momento de explicação que tende a tomar um tempo, que nesse caso do Mesquita não tínhamos. Sendo assim, levando em conta essas particularidades e necessidades do Mesquita, os padrões foram previamente selecionados e organizados por localidade, como pode ser observado nos mapas presentes nas próximas páginas, os mesmos apresentados na atividade desenvolvida no Quilombo. Após a explicação de debate sobre cada padrão, foram apresentados os mapas, que durante a atividade sofreram ajustes para que melhor respondessem os anseios dos Quilombolas.

Na atividade, também, existia uma tabela para cada participante com todos os padrões propostos e uma ficha dividida por localidade para que pudessem anotar qualquer questão que desejassem, porém esta não foi utilizada por nenhum participante.

Infelizmente, o trabalho teve que focar no desenvolvimento de apenas uma dessas partes, o descampado onde foi projetada a Praça, porém os demais padrões lançam base para o desenvolvimento de novos projetos atendendo às demandas levantadas pelo Quilombo.

micro

Na escala micro, na região central, foi decidido trabalhar com os rios, descampado, área em frente da Igreja, a rua da escola, espaço livre atrás da igreja, rodovia, o espaço da associação e casarão. Acredita-se que para o melhor funcionamento do espaço suas partes devem estar articuladas, trabalhando conjuntamente, para tanto é importante a criação de um plano para esta região central até como uma forma de controle e qualificação do seu crescimento, uma vez que é desejo da comunidade continuar com seu caráter rural, e observa-se uma forte tendência à urbanização da área.

Imagem 01: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

rios

descampado

frente da igreja

rua da escola

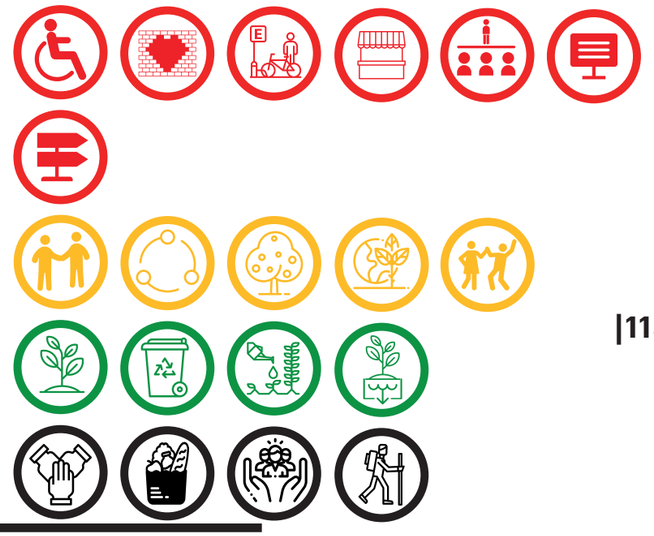
espaço livre

rodovia

Imagem 02: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

Imagem 03: Vista de drone da área central do Quilombo Mesquita. Fonte: Lucas Parahyba.

associação



casarão

macro

Uma das questões levantadas em reuniões, oficinas e encontros informais, foi o desejo da introdução do turismo no Mesquita como forma de fortalecimento de sua economia e cultura. Esta é uma questão delicada e que levanta inúmeros aspectos que devem ser atentamente discutidos e planejados.

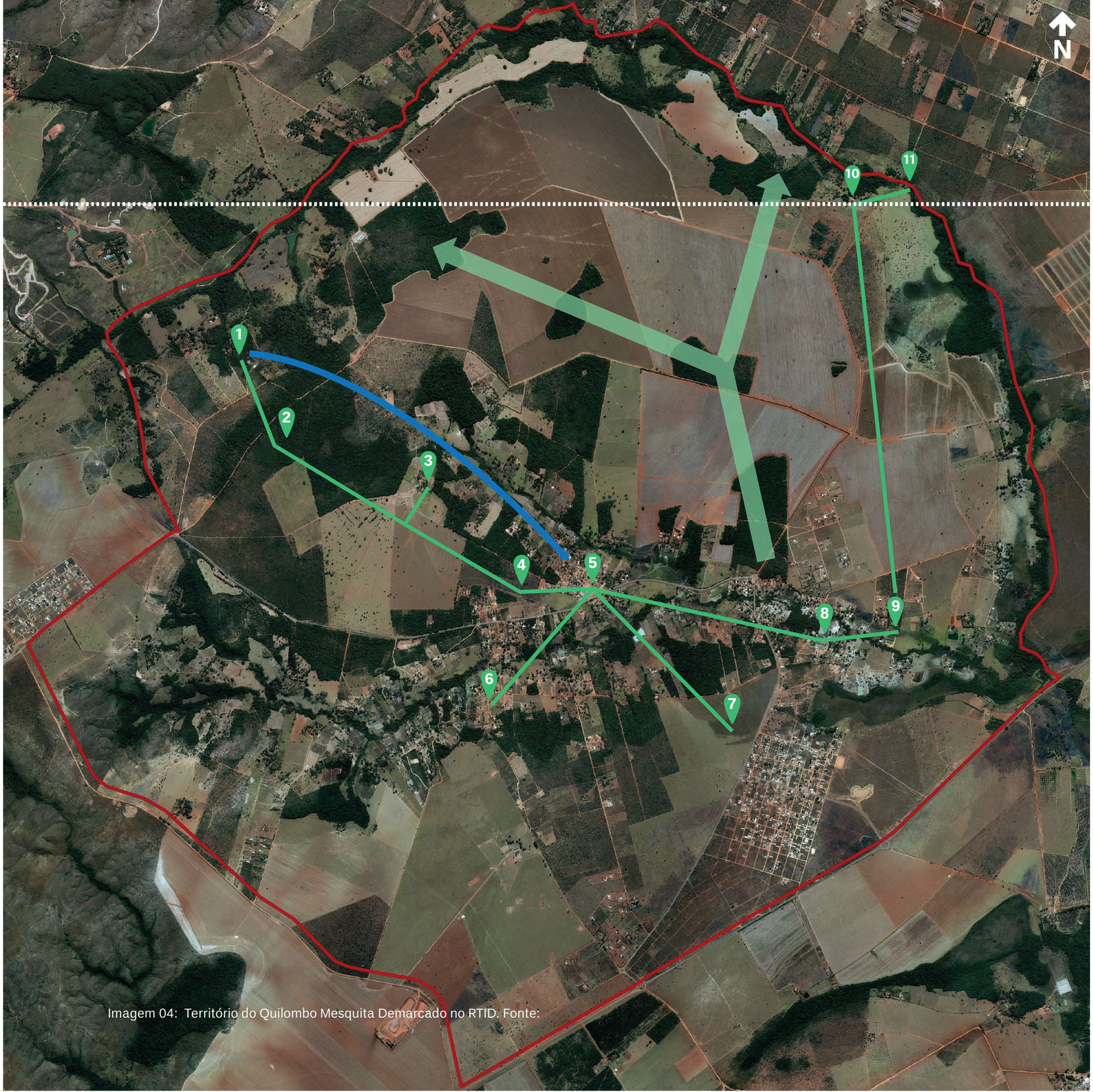
Esta é uma proposição inicial feita sobre as potencialidades existentes no território e que só se reforçariam com a canalização da água (ponto 1) para a área central do Quilombo. Pensou-se na criação de eixos de atividades que teriam seu encontro na praça central, criando um circuito que atendesse ao turista.

É proposta a criação de novos espaços, como um parque ecológico (ponto 2), fazenda de produção coletiva, aproveitando-se as instalações da Fazenda Taquari (ponto 3), que em um dado momento será desocupada, um parque mais próximo da área central com um caráter de demonstração e fortalecimento dos modos de vida e tecnologias quilombolas.

Além de um museu, escola e centro atividades turísticas no casarão do Sarney (ponto 10).

Propõe-se, também, a criação de um polo de desenvolvimento social (ponto 7), que além de apoiar o Mesquita também atenderia à comunidade do Jardim Edite. Neste espaço é proposta a criação de centros educacionais, universidade e creche, além da criação de um ginásio e de áreas de encontro. Estes aparelhos educacionais estariam conectados à rede turística que se pretende criar, e que serviria como espaços profissionalizantes integrados com os centros de ensino.

A proposta também pretende fazer a conexão com espaços já existentes no Quilombo, fortalecendo ainda mais o que já existe, como a praça Jacinto (ponto 6), o restaurante de Dona Maricota (ponto 8), o clube Farol das Águas (ponto9) e a prainha (ponto11).



_reflorestamento conectando ilhas

_canalizar água

Imagem 04: Território do Quilombo Mesquita Demarcado no RTID. Fonte:

a praça

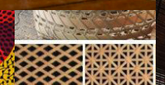
painel de referências

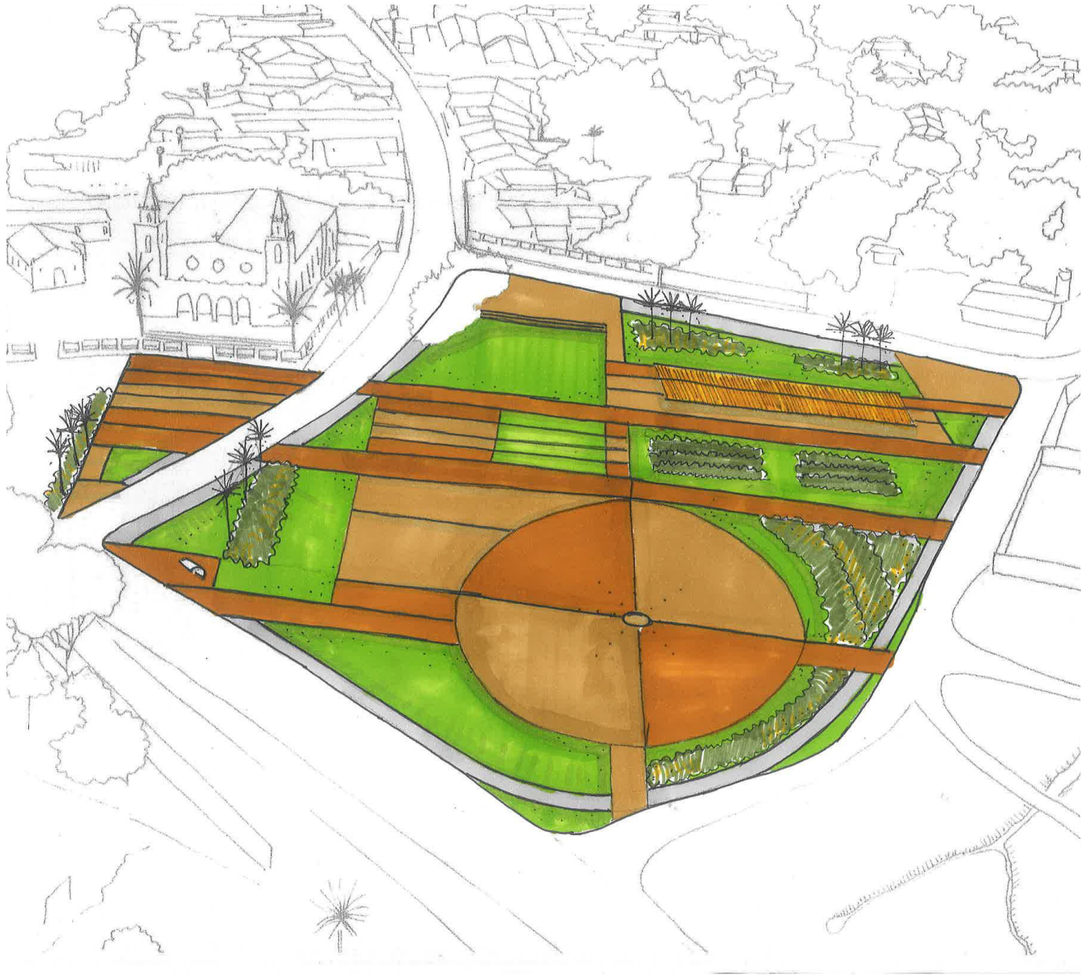
Durante a Oficina do Mapa Afetivo, foi montado um painel de referências visuais que norteou o processo de construção do projeto. As referências escolhidas habitam o espaço dos materiais sustentáveis, arquitetura africana, texturas naturais e afins.

Estas referências foram escolhidas a partir das conversas com a comunidade, dando escuta aos seus desejos de resgate de suas raízes, valorização de materiais locais e de mão de obra Quilombola.

Como referência de processo participativo com comunidades quilombolas, além do trabalho do professor Fábio Velame, foi utilizado o trabalho de confusão de curso de Talita Malbone, feito sob orientação da professora Liza Andrade, junto aos Quilombolas do Quilombo Kalunga, também no Goiás.

Imagens 1 a 58: Painel de referências visuais. Fonte: Pinterest.





Imagens 59 a 62: Desenhos dos cenários apresentados a comunidade. Fonte: autora.

cenários

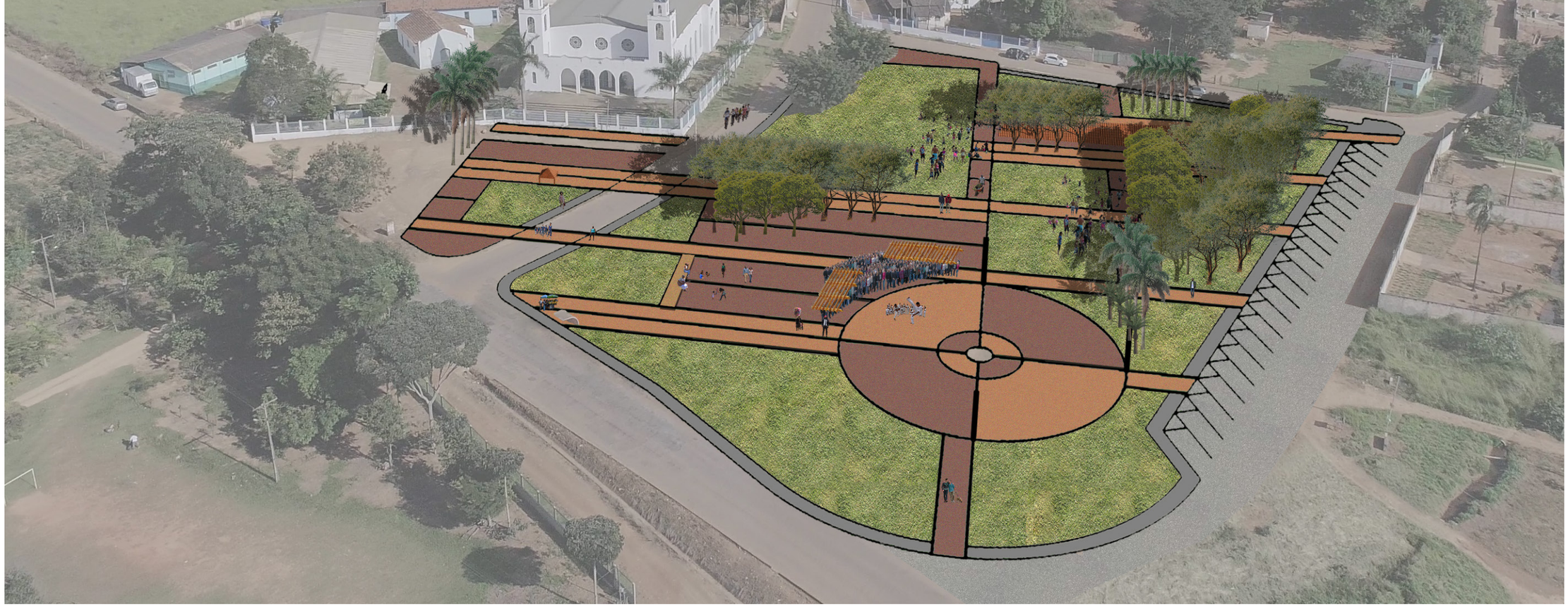
Sobre os padrões aprovados, foram produzidos dois possíveis cenários para a praça. Ambos muito parecidos, mas com diferenças importantes em relação à relevância que se dava aos diferentes espaços nas duas propostas.

Para a apresentação foram produzidos dois desenhos de cada cenário e a apresentação e discussão foram feitas sobre eles. Após todas as ponderações e modificações propostas foi escolhido por votação o cenário que mais agradava a comunidade. Sobre essa escolha foi produzido e estudo preliminar produto principal de todo este processo.

N

1_palco
2_parquinho
3_gramado/campo de futebol
4_espaço para feira
5_bosque de futíferas
6_pergolado
7_abrigo para Nossa Senhora
8_espaço cerimonial
9_totens em homenagem as
três primeiras Quilombolas

Imagens 63 e 64: Planta humanizada e vista da Praça. Fonte: autora.



a praça

Após atividade coletiva, o grupo presente por votação, decidiu pelo cenário 1. Algumas modificações foram feitas como a manutenção de um espaço grande o suficiente para continuarem a jogar futebol no local, o aumento da área coberta da feira, um paisagismo mais denso, substituição da horta coletiva por um bosque de frutíferas, o acréscimo de pergolados para a proteção nos dias de sol, de um parquinho para as crianças, de áreas de estacionamento para dias de festa e de um abrigo para Nossa Senhora em frente à Igreja. Apesar dessas adequações aos desejos da comunidade, o desenho pouco foi modificado.

Este projeto tentou de forma singela atender às expectativas da comunidade, buscando registrar em si a força do Mesquita. Longe de tentar imitar uma arquitetura Quilombola, procurou-se elementos que remetessem a essa identidade, como o uso do círculo, do fogo, dos elementos da Terra. Todos os elementos são múltiplos de três ou quatro, remetendo às três primeiras Quilombolas e aos quatro troncos familiares do Mesquita. Procurou-se, também, a construção de um projeto que resgatasse a história do Quilombo, com os totens em homenagem às três primeiras Quilombolas e a referência às famílias que o construíram. Muitos desses detalhes ainda precisam ser melhor definidos, pois, infelizmente não se teve tempo nesse processo, porém é essencial que eles estejam presentes.

Decidiu-se por um desenho simples, que acompanhasse as linhas de desejo existentes no terreno, as quais deixam explicitas a preferências dos caminhos optados pelos transeuntes. A parada de ônibus presente na esquina mais próxima à Igreja é polo atrativo de maior parte desses percursos. Optou-se então por caminhos largos e acessíveis, diretos, que facilitassem a mobilidade do pedestre. Deu-se prioridade, também, pela não criação de barreiras visuais, já que a segurança foi um aspecto importante apontado pela comunidade.

Outro fator importante foi a criação do círculo como espaço simbólico, onde, além de espaço para apresentações e ritos coletivos, também estariam instalado três totens fazendo referência às três primeiras Quilombolas. Infelizmente, o tempo não possibilitou o desenvolvimento desse aspecto, que ficou acordado em ser feito coletivamente com Wallison, que estaria mais apto, já que, além de quilombola, cursa artes plásticas. O círculo estaria dialogando com a Igreja, criando um eixo de conexão entre os dois espaços, para onde se estenderiam as comemorações que acontecem no salão da Igreja. Optou-se por não indicar arborização para esse primeiro trecho da praça a fim de não criar barreiras visuais para quem chega pela rodovia, facilitando a visão dos totens, círculo e Igreja.

o nome Maria do Nascimento e José Pereira Braga

Devido ao tempo curto de curso e à difícil entrada na comunidade, alguns atrasos aconteceram no processo participativo, como foi descrito anteriormente, o que levou a uma necessidade de buscar novas saídas para a resolução das questões postas. Uma delas foi a escolha do nome da praça que, uma vez que a proximidade da banca não permitiu a construção de uma oficina voltada para essa decisão, foi feita por WhatsApp no grupo que reúne residentes e a comunidade.

Foram sugeridos alguns nomes, que após postos em uma lista seguiram para votação pelos membros do Mesquita. Alguns desses nomes eram:

1 | Praça Quilombo Mesquita
2 | Praça da Resistência
3 | Praça Maria do Nascimento
4 | Praça Paulina Sousa e Silva e Aleixo Pereira Braga.
5 | Praça M3
6 | Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga
7 | Praça Três Senhoras

No dia 07/11, o Quilombo informou que o nome decidido era Praça Paulina Sousa e Silva e Aleixo Pereira Braga, devido ao legado que Seu Aleixo deixou para a comunidade e toda sua representatividade para o Mesquita. Porém, imediatamente após a banca deste trabalho realizada no dia 12/11, o nome mudou para Praça Maria do Nascimento e José Pereira Braga, pois se acredita que este nome será melhor acolhido pelo Mesquita, uma vez que, faria referência a antepassados de maior número de famílias que o primeiro.

planta baixa_1/500

paisagismo

Um dos padrões escolhidos foi o paisagismo de plantas nativas e de frutíferas, sendo assim, foram escolhidas espécies como marmelo, árvore simbólica para o Mesquita, jabuticaba, amora, manga, pequi, jambo, capacita e jatobá. Essa escolha foi feita sugerida por Danusa Benedita Lisboa, Quilombola do Mesquita, estudante de agronomia na UnB e bolsista do Grupo PEAC. Além das frutíferas, foram escolhidas duas palmeiras, o jerivá e o buriti.

Foi escolhido concentrar a vegetação em uma espécie de bosque pomar em frente à área destinada para a feira. Na região adjacente à rodovia, optou-se por não propor vegetação e sim o uso de pergolados se houver necessidade de maior área sombreada.

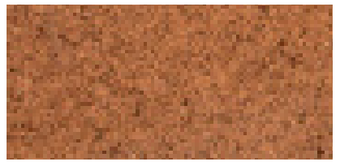
1_Pé de Marmelo | *Cydonia oblonga*
2_Jabuticabeira | *Plinia cauliflora*
3_Amoreira | *Morus nigra*
4_Mangueira | *Mangifera indica*
5_Pequizeiro | *Caryocar brasiliense*
5_Pé de Jambo | *Syzygium jambos*
6_Cagaiteira | *Stenocalyx dysentericus*
7_Jatobá | *Hymenaea courbaril*
8_Buriti | *Mauritia flexuosa*
9_Jerivá | *Syagrus romanzoffiana*

Fontes das imagens 65 a 74 na Lista de Imagens.

planta de vegetação_1/500

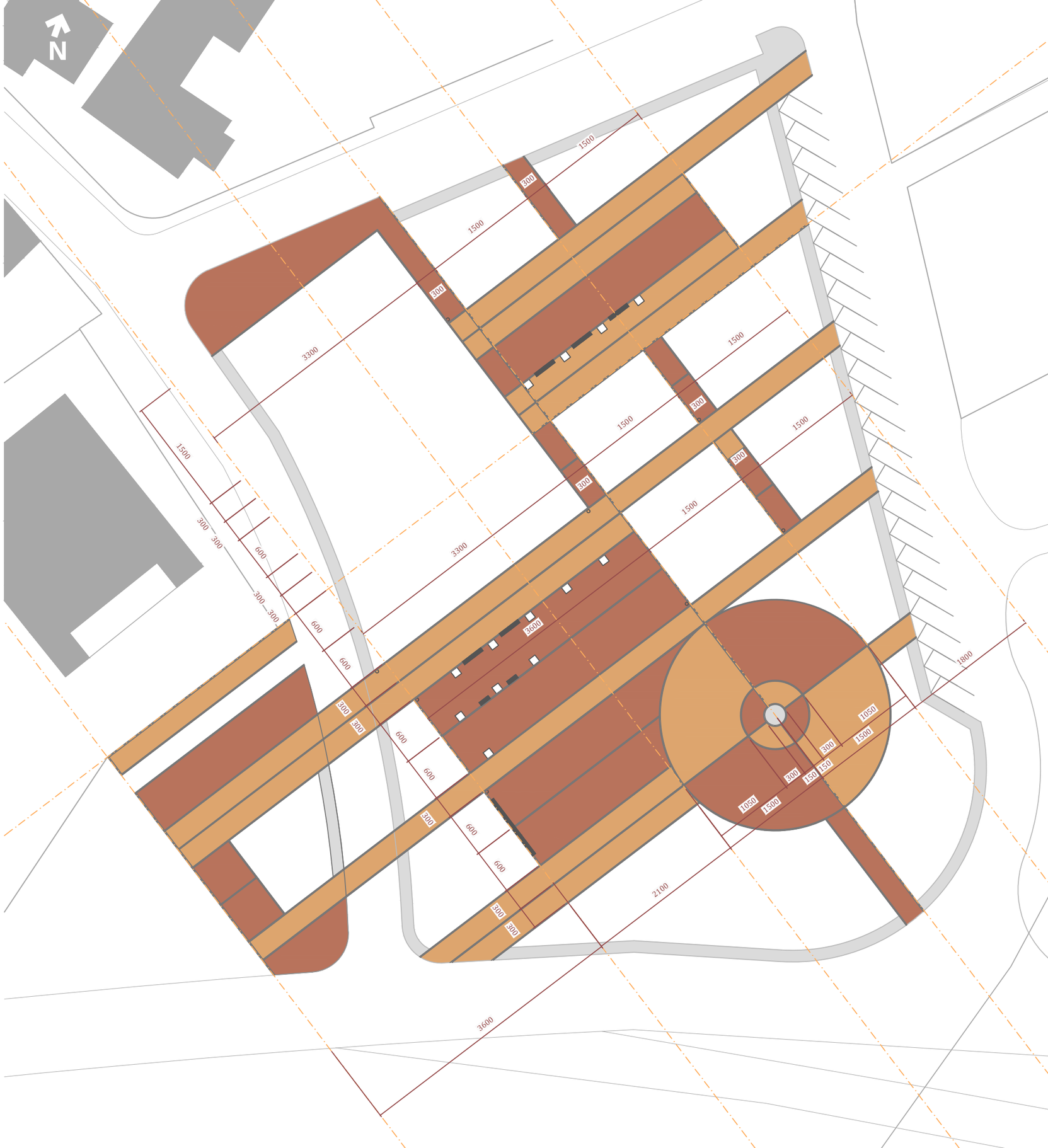
Para a pavimentação da praça foi pensada para ser em piso intertravado retangular (6x10x--20cm) em duas cores diferentes, o marrom e terracota. Entre as faixas de pavimentação, é sugerido um faixa cinza, de meio fio cordão, separando as paginações e cores.

A escolha pelo piso intertravado retangular foi devido à possibilidade de criação de inúmeras paginações diferentes, trazendo maior dinamismo para a praça e diminuindo o tédio do pedestre.



Imagens 75 e 76: Cores marrom e terracota do piso intertravado.
Fonte na Lista de Imagens.

Área total: 7821m^2
Área pavimento marrom: 1937m^2
Área pavimento terracota: 1949m^2
Área calçada perímetro: 458m^2
Área feira: 150m^2



planta de pisos_1/500

referências consultadas

ABREU, Oraida Maria Machado de. Comunidade Quilombola Mesquita: Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial – na busca da equidade. Dissertação de Mestrado / Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde / Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2009.

AGUIAR, Vinicius Gomes de.Conflito territorial e ambiental no Quilombo Mesquita / Cidade Ocidental: racismo ambiental na fronteira DF e Goiás.154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

ALVES, Daiane Souza. Identidade Mesquita: Tradição e Descendência Colonial. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, 2005.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; FIUZA, Caio Vinícius.Inovação tecnológica como participação social nos projetos de arquitetura e urbanismo do grupo "Periférico" da FAU/UnB: o caso da Vila Cultural no Plano Piloto, 2016.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia e Quilombolos: territórios étnicos africanos no Brasil. Africana Studia, n. 9, p. 337-355, São Paulo, 2006.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências. GEOUSP: espaço e tempo , v. 19, p. 374-390, 2015.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos ; MOURA, M. ; SOUSA, I. C. ; SANTOS, D. C. R. . Mapeamento do turismo rural - referências para educação & planejamento. Revista Textos Básicos do CIGA , v. 4, p. 1-104, 2014.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos.Textos Básicos da Fundação Brasil Africano: A África Brasileira: População e Territorialidade. Revista Textos Básicos da Fundação Brasil Africano , v. 01, p. 01-25, 2011.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. Terra Livre , São Paulo, v. I, n.17, p. 139-154, 2001.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Mapa Imagem Multitemporal do Distrito Federal: Uma Alternativa de Representação da Dinâmica Territorial e de Popularização de Informação Geográfica. Humanidades em Revista , Brasília, v. 1, n.43, p. 111-123, 1997.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Crescimento Urbano Horizontal No Distrito Federal. HUMANIDADES, v. 8, n.3, p. 407-415, 1992.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo do. Igualdade Racial no Brasil - Reflexões no ano Internacional dos Afrodescendentes. 1. ed. Brasilia: Ipea, 2013. v. 1. 182p .

ANJOS, Suelen Gonçalvez dos. Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo. PADÊ: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília, Uni-CEUB. 2006.

ARANTES, Otília. O lugar da arquitetura depois dos modernos. 2.ed. São Paulo:Edusp,1993.

ARANTES, Otília. Urbanismo em fim de linha: e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. São Paulo: Edusp, 1998.

ARANTES, Otília.Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, Vera M. (Org.). Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ARANTES, Otília. Gentrificação estratégica. In. Barcelona e Berlim: duas imagens estratégicas. São Paulo: Annablume, 2012.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermordernidade, Maria Lucia Pereira (trad.). Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BATISTA, Delania Santos Azevedo.Políticas urbanas e seus impactos na territorialidade do Quilombo Laranjeira-BA.2015. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

BORGES, Ricardo Cesar de Oliveira; PINHEIRO, Daniel Rodrigues de Carvalho. RELACIONAMENTO DA LIDERANÇA COMUNITÁRIA COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL.

BRASIL. Legislação sobre comunidades quilombolas [recurso eletrônico] / Câmara dos Deputados. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 140 p. – (Série legislação ; n. 119)

CARVALHO, Fabiana Ferreira dos Santos.Cultura e tradições dos remanes-

centes do Quilombo Mesquita e o projeto político pedagógico da Escola Municipal Aleixo Pereira Braga I. 62 f. - Curso de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
FABIANI, Adelmir. Mato, Palhoça e Pilão: O quilombo da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). São Paulo: Expressão Popular, 2005.
COSTA, Claúdia Borges. Mesquita uma Comunidade Negra. Monografia – Curso de História. Brasília/CEUB/FAFI, 1989.
INCRA. Laudo Antropológico da Comunidade Quilombola de Mesquita. In: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Brasília, 2011.
GEHL, Jan.Cidade para pessoas.São Paulo: Perspectiva, 2013.
GEERTZ, Clifford.Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
GRZYWACZ, Valeria. Relato quilombo mesquita.2013. Disponível em: <https://issuu.com/ancestralidade/docs/relato_-_quilombo__mesquita>. Acesso em: 19 jan. 2018.
GRZYWACZ, Valeria. Diario de campo mesquita.2013. Disponível em: <https://issuu.com/ancestralidade/docs/diario_de_campo_-_mesquita>. Acesso em: 19 jan. 2018.
DIEGUES; Antonio Carlos; ARRUDA; Rinaldo S.V. (Org.) Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
FOUCAULT, Michel. Naissance de labiopolitique. Paris: Gallimard, 2004.
FOUCAULT, Michel.História da Sexualidade, vol. I A Vontade de Saber. 13a ed. Rio de Janeiro: 1999.
FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
FOUCAULT, Michel.Vigiar e Punir. 3a ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999.
HARDT, Michael.; NEGRI, Antonio.Império.Rio de Janeiro: Record, 2000.
HARDT, Michael.; NEGRI, Aantonio.Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2004.
HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo, Loyola. 1992.
HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura. In: Moraes, David (Org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.
HARVEY, David.Condição pós-moderna.São Paulo: Edições Loyola, 2005.
HARVEY, David.A origem do capital.São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro Editora, 2004
HILLIER, Bill, HANSON, Julienne.The social logic of space. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
HILLIER, Bill.;NETTO, Vinicius M.. Society seen through the prism of space: outline of a theory of society and space. Urban Design International, v.7, 2002. p. 181-203.
HOLANDA, Frederico de. O espaço de exceção. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
HOLANDA, Frederico de (org.). Ordem e desordem: arquitetura e vida social. Brasília: FRBH, 2012.
IVO, A. L. ; VELAME, Fabio M. . Identidade-Diferença na contemporaneidade? uma visão pós-moderna.. História, Imagem e Narrativas , v. 7, p. 01-22, 2008.
JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. Ciência da Informação - v. 25, n. 2, 1995.
LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Ática, 1991.
LEFEBVRE, Henri. The Production of Space. London, Blackwell, 1991.
LEFEBVRE, Henri. A revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
LEFEBVRE, Henri. O direito àcidade;tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001
LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990
LIFSCHITZ, Javier Alejandro.Comunidades Tradicionais e neocomunidades. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.
LUIZY, Luana.Conheça o Quilombo Mesquita.2015. Disponível em: <https://issuu.com/luanaluizy/docs/cartilha13__1_>. Acesso em: 19 jan. 2018.